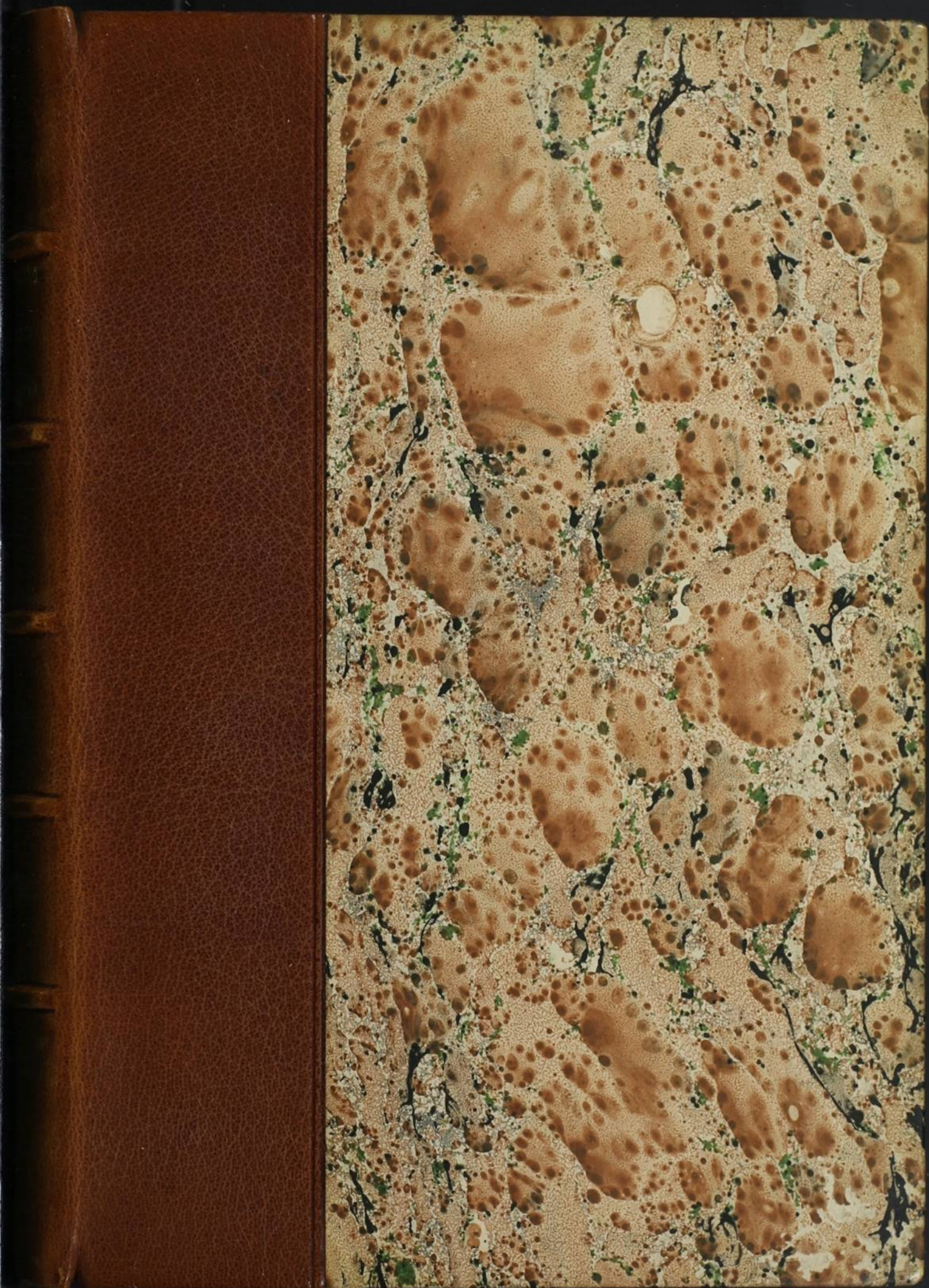
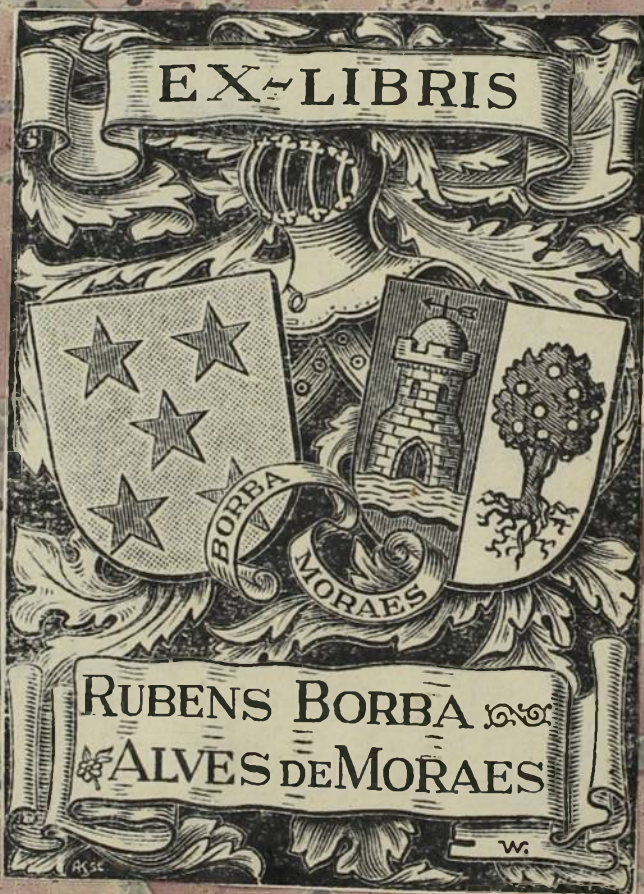
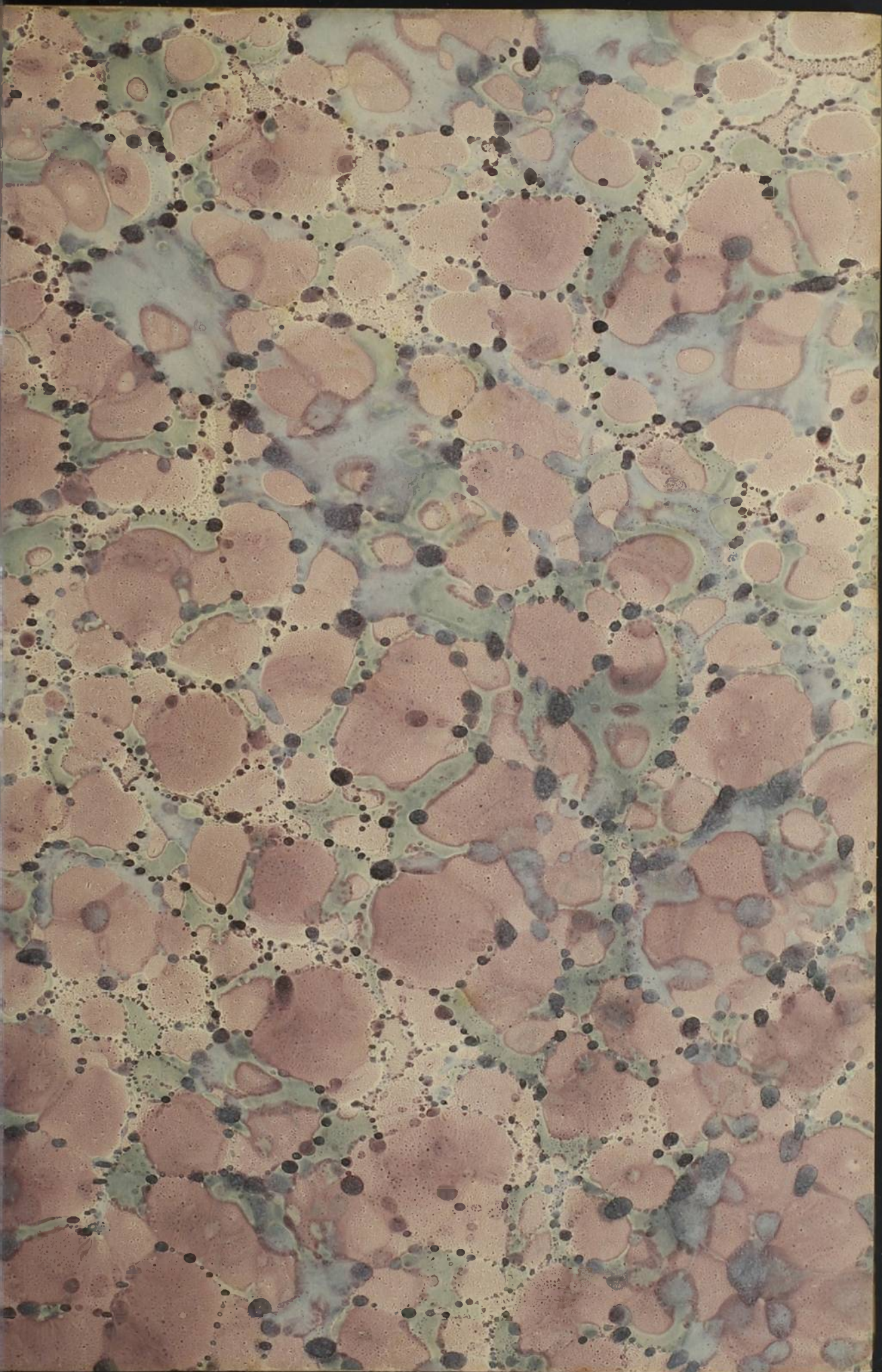
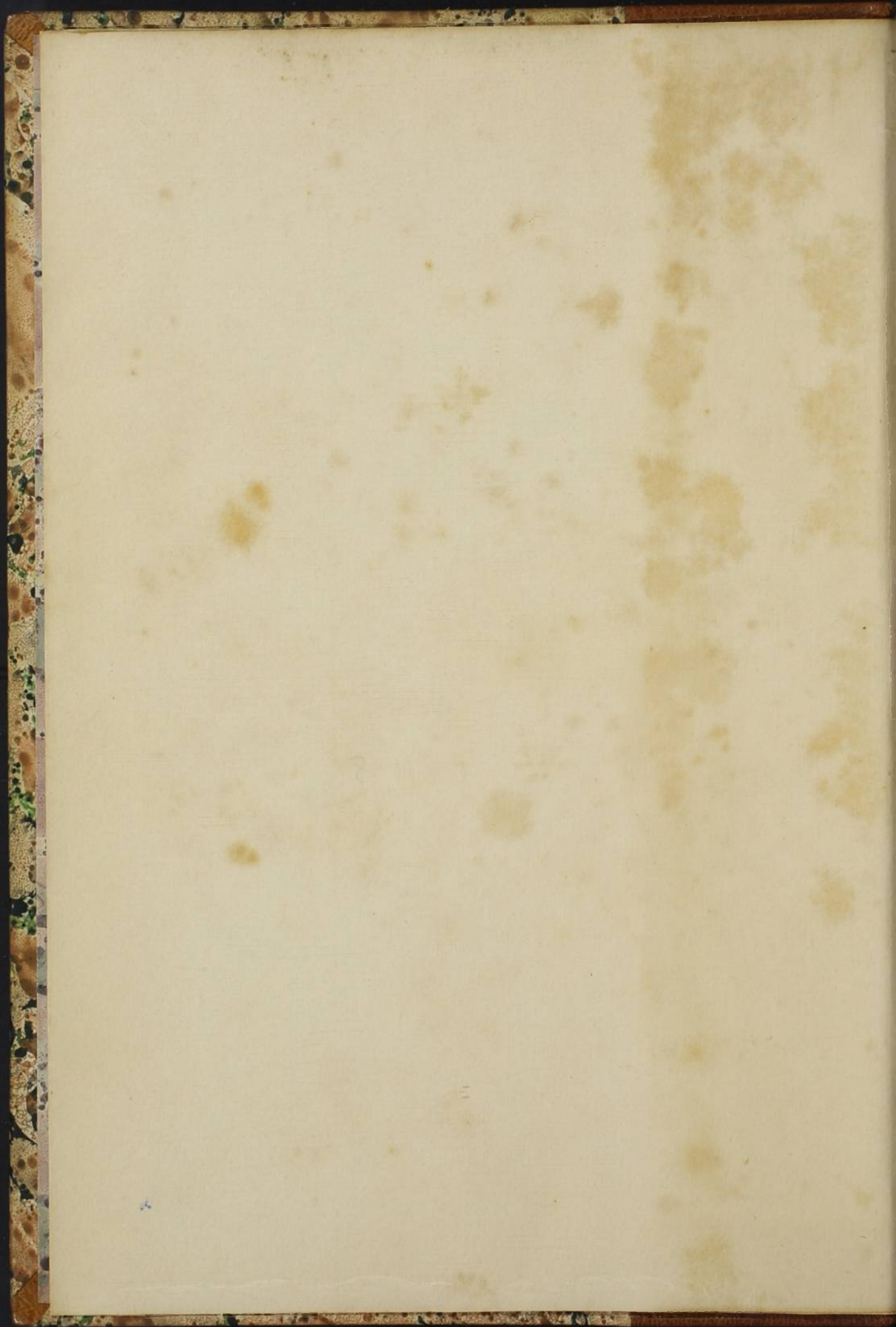
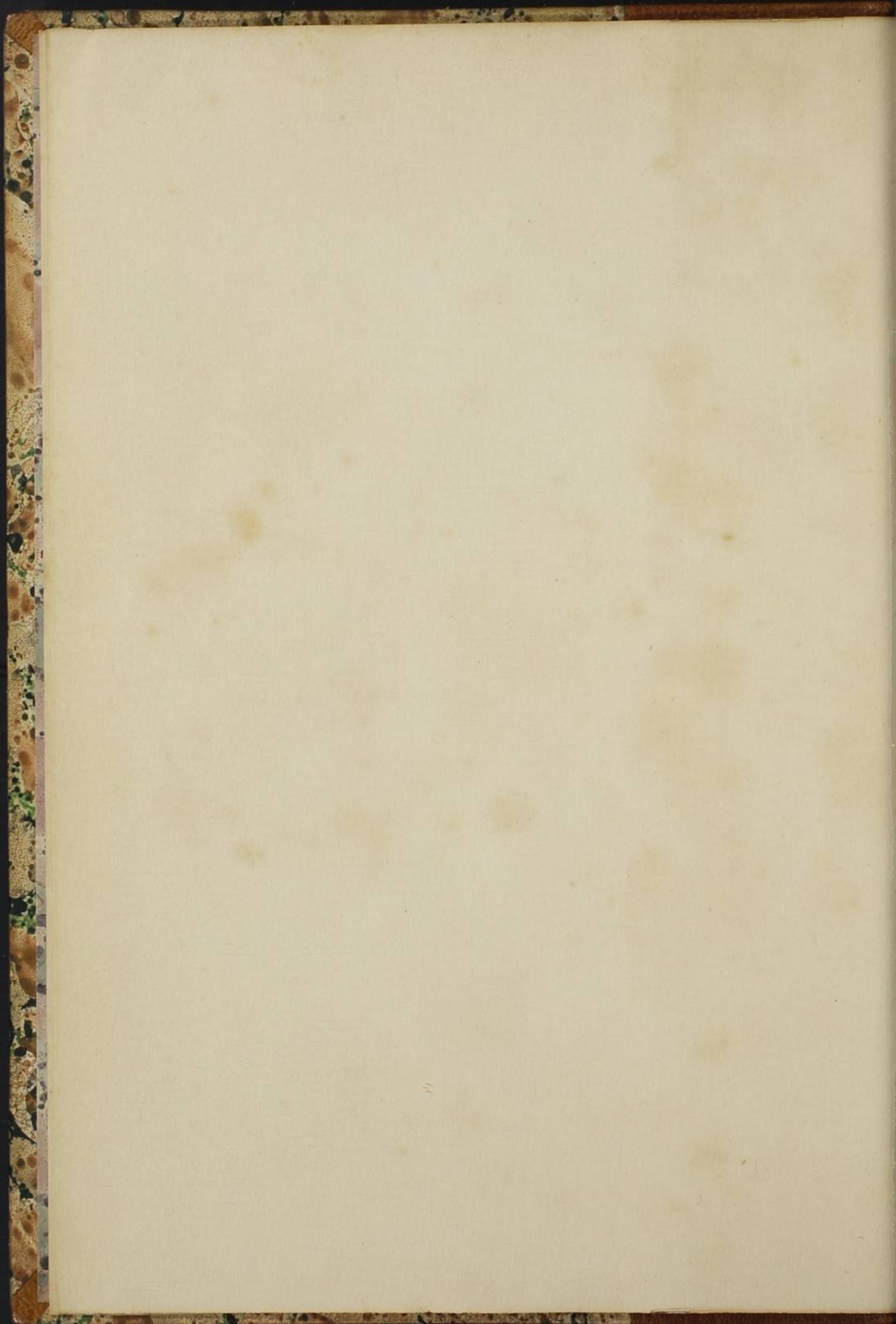


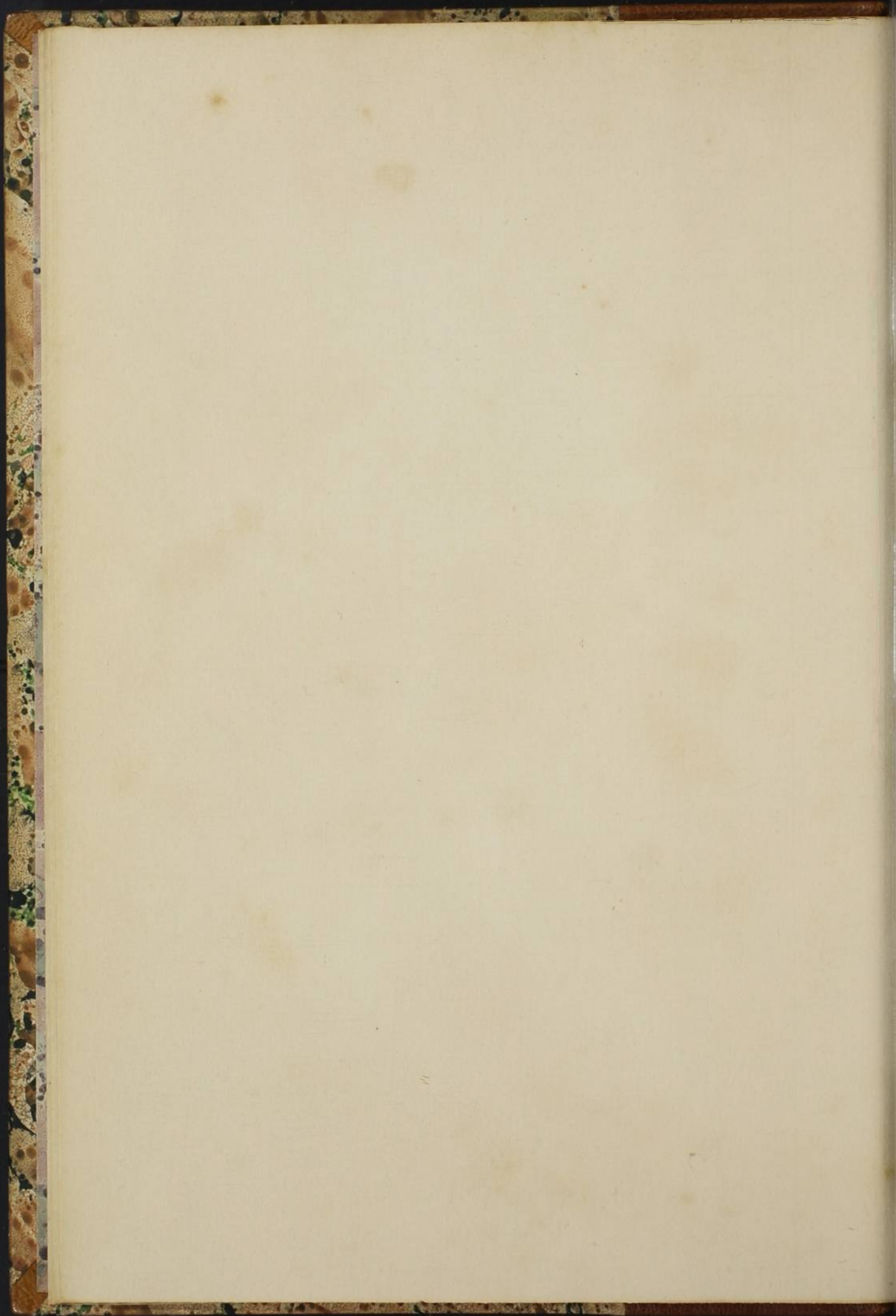


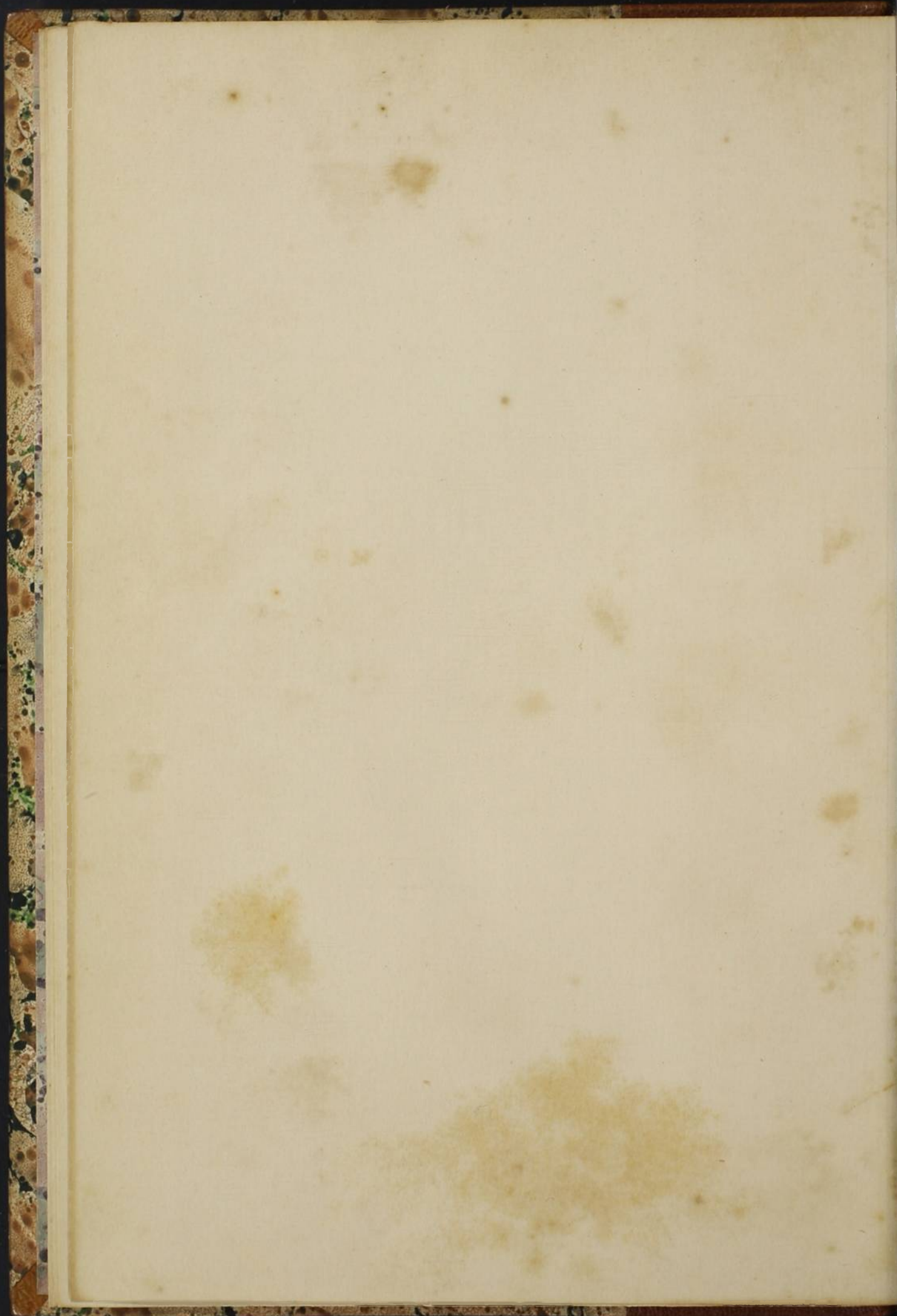












MARIO DE ANDRADE

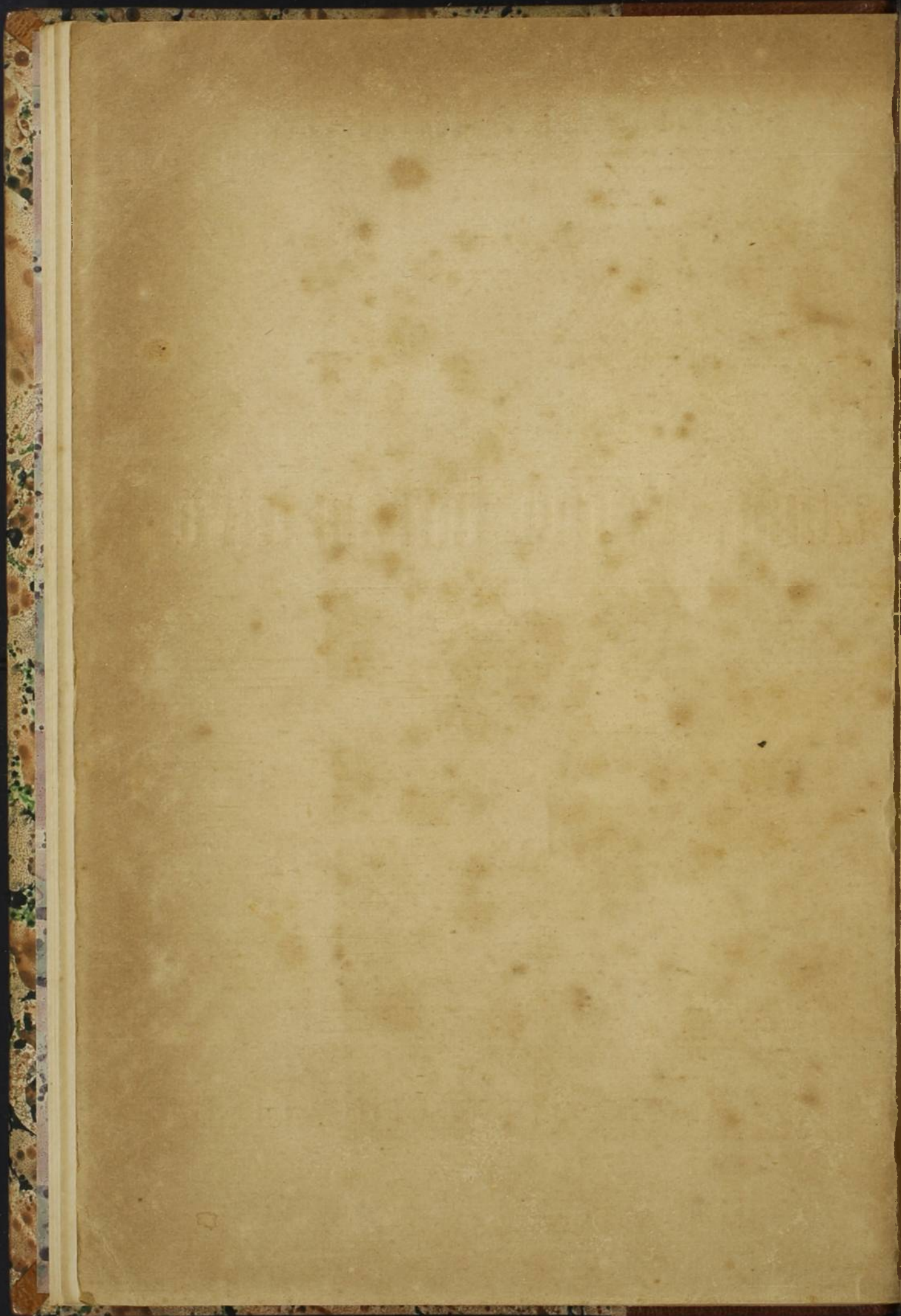
Amar, Verbo Intransitivo

IDILIO



CASA EDITORA ANTONIO TISI

- S. PAULO -



MARIO DE ANDRADE

AMAR, VERBO INTRANZITIVO

IDILIO

(1923 - 1924)

Casa Editora ANTONIO TISI
Rua Florencio de Abreu, 4
São Paulo
1 9 2 7

DO AUTOR:

**Ha uma Gota de Sangue em cada Poema —
1917 (poesia)**

Paulicea Desvairada — 1922 (poesia)

A Escrava que não é Isaura — 1925 (poetica)

Losango Cáqui — 1926 (lirismo)

Primeiro Andar — 1926 (contos)

Amar, Verbo Intransitivo — 1927 (idílio)

EM PREPARO:

Clan do Jaboti — (poesia)

Historia da Musica

Gramatiquinha da Fala Brasileira

João Bobo — (romance)

Pra meu Irmão

A pobre da Fraulein vive sem trema
nesta edição por amor da facilidade. Não tinha
a tremado na máquina e o inocente do linoti-
pista ficava condenado a cortar um despropo-
sito de circunflexos... Tive receio de bancar
o Dante.

A porta do quarto se abriu e êles saíram no corredor. Calçando as luvas Sousa Costa largou por despedida:

— Está frio.

Ela muito correta e simples:

— Estes fins de inverno são perigosos.

Lembrando mais uma coisa reteve a mão de adeus que o outro lhe estendia.

— E senhor... sua espôsa? está avisada?

— Não! A senhorita compreende... ela é mãe. Esta nossa educação brasileira... Além do mais com tres meninas em casa!...

— Peço-lhe que avise sua espôsa, senhor. Não posso compreender praquê tantos misterios. Si é pra bem do rapaz.

— Mas senhorita...

— Desculpe insistir. E' preciso avisa-la. Não me agradaria ser tomada por aventureira, sou séria. E tenho 35 anos, senhor. Certamente não irei si sua espôsa não souber o que vou fazer lá. Tenho

a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer. Nada mais nada menos. E' uma profissão.

Falava com a voz mais natural dêste mundo. Mesmo certo orgulho que Sousa Costa percebeu sem compreender. Olhou pra ela admirado e jurando não falar nada prá mulher, prometeu.

Elza viu êle abrir a porta da pensão. Pâam... Entrou de novo no quartinho inda agitado pela presença do estranho. Lhe deu um olhar de confiança. Tudo foi sossegando pouco-a-pouco. Pencia de livros sobre a escrivaninha. Piano. O retrato de Wagner. O retrato de Bismark.

Terça-feira o taxi parou no portão da Villa Laura. Elza apeou ageitando o casaco, toda de pardo, enquanto o motorista botava as duas malas caixas embrulhos no chão.

Era esperada. Já carregavam as malas pra dentro. Uns olhos de 12 anos em que uma gaforinha americana enroscava a galharia negro-azul aparecera na porta. E no silêncio pomposo do casão o xilofone tiniu:

— A governanta está aí! Mamãi! a governanta está aí!

— Já sei menina! Não grite assim!

Elza discutia o preço da corrida.

— ... e com tantas malas a senhora...

— E' muito. Aqui estão cinco. Passe bem. Ah, a gorgeta...

Deitou quinhentos reis na mão do motorista. Atravessou as roseiras festeiras do jardim.

Dia primeiro ou dois de Setembro... Não me lembro mais. Porém é facil de saber por causa da terça-feira.

Bem diferente dos quartinhos de pensão... Alegre espaçoso. Pelas duas janelas escancaradas entrava a serenidade rica dos jardins. O olhar torcendo prá esquerda seguia a disciplinada carreira das árvores na avenida. Em Higienopolis os bondes passam com bulha quasi grave soberbosa macaqueando o bem-estar dos autos particulares. E' o mimetismo arisco e ironico das coisas ditas inanimadas. Nem badalam. Que nem o rico-de-repente que no chá da senhora Tal, familia campineira de sangue, adquire na epiderme do fraque a conhecida macieza dos tradicionais e cruza as mãos nas costas — que importancia! — pra que a gente não repare na grossura do dedos, no quadrado das unhas planas. Neto de Borbas me secunda desdenhoso que badalo e mãos asperas nem por isso deixam de existir. Ora! o badalo pode não tocar e mãos se enluvam.

Elza trouxe de novo os olhos de fora. O criado japonês botara as malas bem no meio do vazio. Estupidas assim. As caixas embrulhos perturbavam as retas legítimas.

A moça depois das cortesias trocadas com a senhora Sousa Costa e conversa indiferente subira apenas pra tirar o chapéu. Logo o criado viria chama-la pro almoço... Acalmava depois aquilo. Agora tinha de se arranjar. Alisou os cabelos. Deu á gola da blusa, ás pregas do casaco uma rijeza militar. Nenhuma faceirice por enquanto. No princípio tinha de ser simples. Simples e insexual. O amor nasce das excelencias interiores. Espirituais, pensava. O desejo depois.

Quando pronta, esperou imaginando encostada no lavatorio. Ganhava mais oito contos... Si o estado da Alemanha melhorasse, mais um ou dois serviços e podia partir. E a casinha sossegada... Rendimento certo. Casava... O vulto ideal esculpido com o pensamento de anos atravessou de vagarinho a memoria dela. Comprido magro... Apenas curvado pelo prolongamento dos estudos... Scientificos. Muito alvo, quasi transparente... E a mancha irregular do sangue nas maçãs... Oculos sem aro...

Se impacientou. Quis pensar pratico. E o almoço? Porquê o criado não chegava? A senhora Sousa Costa avisara que o almoço era já. Devia de ser já. No entanto esperava fazia bem uns quin-

ze minutos. Que irregularidade. Olhou o relógio-pulseira. Marcava aluado como sempre ponhamos seis horas. Ou dezoito, á escolha. Havia de acertá-lo outra vez quando chegasse em baixo no hol. Dez vezes, cem vezes. Inutil mandá-lo mais pro relojoeiro. Mal sem cura. Em toda caso sempre era relógio. Porém não teriam hora certa de almoçar naquela casa? Olhou pro céu. Ficou assim.

O pequeno corredor de que o quarto dela era a última porta dava prá sala central. De lá vinham as flautas e os ticoticos. Parava a música. A bulha dos passinhos fariscava o corredor. De repente fugifugia assustado sem motivo colibri. Plecplec, pleque... pleque...

Causava aqueles atropelos... Nem sorriu. As crianças desta casa são curiosas. Pensou em sair do quarto indagar. Não que tivesse fome porém era hora do almôço, a senhora Sousa Costa afirmara que o almôço era já. Mãozinha tamborilando no marmore. Depois olhou prá unhas. Repuxava uma pele mais saliente.

— Mamãi! Mamãi! olhe Carlos!

O menino agarrara a irmã na boca do corredor. Como sempre, disposto brincalhão. Machucador. Porém não fazia de proposito, ia brincar e ma-

chucava. Rodeava Maria Luisa com os braços fortes, empurrava-a com o peito cantarolando bamboleado no picadinho. Ela se debatia. Danava por se ver tão mais fraca. Empurrada sacudida revirada. “Tatú subiu no pau...”

— Mamã! Me largue, Carlos! Carlos! me laargue!

Sacudida revirada. Tiririca. Socos.

— “... Lagarto lagartixa

Isso sim é que pode ser”.

Empurrada sacudida.

— Mamã!...

A carne rija dele recebia os socos deliciada. Só protegia a cara erguendo-a pro alto de lado. Podia bater até no estomago si quisesse! Já praticava boxe. “Tatú subiu...”

Dona Laura em baixo:

— Que é isso, meninos! Carlos! ôh Carlos! Desça já!

— Não estou fazendo nada, mamã! Também não posso dansar um poucadinho!

— E’! me sacudiu toda!... Bruto!

— Estava ensinando o shimmy pra ela, mamã! Você não viu a Bêbê Daniels?

— Mas eu não sou Bêbê Daniels!

— Mas eu quero que seja!

— Não sou e não sou, pronto! Mamã!

— “Tatú sub...”

— Me largue! Bruto bruto!

Elza desembocara na sala. Carlos vendo a desconhecida largou Maria Luisa. Encabulou. Pra disfarçar carregou a irmãzinha menor. Machucou. Flautim:

— Mamãi! Mamãi!

Se rindo do chuveiro dos tapinhas, carregando a irmã no braço esquerdo, Carlos ofereceu a mão livre prá moça. Voz paulista certa de chegar no fim da frase. Olhos francos investigando.

— Bom-dia. A senhora é a governanta, é?

Ela sorriu escondendo a irritação.

— Sou.

Mas Aldinha achando de geito a mão que Carlos trouxera pra resguardo do rosto mordeu.

— Viu só! Mamãi! Aldinha me deu uma dentada!

— Meu Deus! inda enlouqueço com essas crianças!

— Tirou sangue! Olhe aí o que você fez, sua gatinha!

— Carlos você não me ouve! Olhem que eu subo!

Dona Laura nunca subiria a escada outra vez.

— Mamãi... foi êle que me machucou! já chorosa.

— Vocês não ouvem sua mãe chamar! Desçam já!

Era a clave de fá de Sousa Costa. Baritono en-

farado de quem não gosta de se amolar e passar pitos.

Elza consolava a pecurrucha com meiguice emprestada. Não sabia ter meiguice. Mais questão de temperamento que de raça. Não me venham dizer que os alemães são rispídos. Tolice! Conheci.

Carlos descia a escada rindo. Se explicava. Limpava o sangue na outra mão esfregando a mordida. Era exagêro só pra evitar pito maior. Elza viu êle descer equilibrado, brincando com os degraus. Aquele "A senhora é a governanta..." Percebeu que o menino era forte.

Machucador apenas.

Ali pela boca-da-noite o viver da casa já estava reorganizado e velho. A mesma coisa de antes resvalando prá mesma coisa de em seguida. Isto não sei si é bem si é mal. A culpa é toda de Elza. Isto sei e afirmo. Si não fosse a moça, dona Laura levaria um diluvio de manhãs pra se acomodar com a situação nova. Sousa Costa inda por vinte jantas teria a surpresa desagradavel duma intrometida lhe roubando as anedotas de familia. Elza porém desde o primeiro instante se apresentara tão conhecida tão trilhada e de ontem! Desembaraço premeditado não tem dúvida mas natural e dis-

creto. Isto se descontaria dentre as facilidades das raças superiores... Porém tal razão é assuntar apenas a epiderme da experiencia. Antes estou disposto a reconhecer nela essa faculdade prática de adaptação dos alemães em terra estranha.

Imediatamente se apossara dos proprios deveres e se colocara na posição exata. O comêço dela é de quem recomeça. Você repare no filho, na mulher que voltam dos quinze dias de fazenda ou Caxambú. Abraços. Forrobodó festivo. Admiração premeditada. "Você está bem mais gordo!" Alegrias. Depois a gente troca as novidades. Depois a mesma coisa recomeça. O polvo readquire o tentaculo que faltava. Com a mesma naturalidade quotidiana pratica o destino dele: prover e vogar. Sobe na tona da vida ou desce porta a dentro na profundez marinha. Profundez eminentemente respeitavel e secreta. Quanto á tona da vida já se conhece bem a fotografia: A mãe está sentada com a familia menorzinha no colo. O pai de pé descansa protetoramente no ombro dela a mão honrada. Em torno se arranjam os barrigudinhos. A disposição pode variar. O conceito continua o mesmo. Vária disposição demonstra unicamente o progresso que nestes tempos de agora fizeram os photographos norteamericanos.

Elza é filho chegando do sítio ou mãe que vem de Caxambú. Membro que faltava e de novo cresce. Isso de ser alemã não quer dizer nada. Em to-

dos os homens tem um alemão latente que não se mostra por timidez ou covardia. Eu admiro os alemães por não serem nem covardes nem tímidos.

Elza começou como quem recomeça. E a tranquilidade aplainara de novo a existencia dos Sousa Costas extraíndo as últimas lascas da desordem, polindo o engruvinhamento do imprevisto.

Mesmo prás meninas, tres: Maria Luisa com doze anos, Laurita com sete, Aldinha com cinco, Elza já dera completo conhecimento de si estrangulando a curiosidade delas. Já determinara as horas de lição de Maria Luisa e Carlos. Já dispusera os vestidos chapéus sapatos na guarda-roupa. No jardim fizera as meninas falarem muitas vezes: Fraulein. Assim deviam lhe chamar.

“Fraulein” era prás pequenas a definição daquela moça... antipática?... Não. Nem antipática nem simpática, elemento. Mecanismo novo da casa. Mal imaginam por emquanto que será o ponteiro do relógio familiar. Fraulein... Nome esquisito! Nunca vi! Que bonitas assombrações havia de gerar na imaginação das crianças! Era só deixar êle descansar um pouco na ramaria baralhada, mesmo inda com poucas folhas, das associações infantis que nem semente que dorme os primeiros tempos e espera. Então espigaria em brotos fantásticos, floradas maravilhosas como nunca ninguém viu. Porém as crianças nada mais veriam entre as asas daquela mosca azul... Elza lhes fi-

zera repetir muitas vezes, vezes por demais a palavra! Metodicamente a dissecara. Fraulein significava só isto, não outra coisa. Perderam todo o gosto com a repetição. A mosca sucumbira rota nojenta vil. E baça.

Talqual o substantivo Elza se mostrara no seu eu visível e possível. No seu eu passível de entendimento infantil. Que infantil! Humano, universal devo escrever. Malvada! Cerceara os galopes da criação imaginativa, iluminara de Sol cru' as sombras do misterio. Que-dê os elfos da Floresta Negra? as ondinas sonoras do Vater Rhein? A gente percebia muito bem as cordas que elevavam a protagonista no ar. O público não aplaudiu.

As crianças lhe chamariam sempre Fraulein... Fraulein queria dizer moça? Qual moça nem virgem! Fraulein era Elza. Elza a governanta. Professora. Regrava passeios sempre curtos. Batia as horas das lições sempre compridas. Como é que o público podia se interessar por uma fita dessas! Não aplaudiu. Com outras palavras mais bonitas assim pensou mais tarde Maria Luisa Sousa Costa herdeira de fazendas, grave.

— Como ela está ficando parecida com a senhora, dona Laura!

— Acha!...

Mas não tem dúvida: isso da vida continuar igualzinha embora nova e diversa é um mal. Mal de alemães. O alemão não tem escapadas nem im-

previstos. A surpresa o inedito da vida é pra êle uma continuidade a continuar. Diante da natureza diante da sciencia não é assim. Diante da vida é assim. Decisão: Viajaremos hoje. O latino falará: Viajaremos hoje! O alemão fala: Viajaremos hoje. Ponto-final. Pontos-de-exclamação... A gente carece de exclamar pra que a realidade não canse. Quem está com a razão é o cabelo-de-milho. Por isso obra empreendimentos colossais. O latino jamais tem razão. Por isso inventa genialmente. Não se esqueçam de que estou falando em relação à vida prática.

Eu pleiteio contra Fraulein a necessidade da exclamação. Odeio pontos-finais. O ponto-final é redondinho e completo. Imaginemos embora o perfil dele, lá vem a circunferencia toda satisfeita escarrapachada em si mesma. Dessa redondeza (moto continuo ou paralisia, coisas sinonimas) a exclamação faz chofrar a linha ascendente que não tem fim necessario e arbitrariamente acaba. O ponto-final só tem referencia comsigo mesmo. A linha reta se relaciona com as coisas adventicias e participa do infinito. Adoro o dinamismo surpreendente das linhas! Detesto o escravizado roteiro das circunferencias. Aliás reconheço que isto pode ser uma tendencia muito pessoal de paulista. No meu tempo se falava em presente-de-grego... Já é tempo de ir mudando isso para presente-de-bandeirante. Tambem fica certo e é patriotico.

Não vou até afirmar que todos os alemães sejam ponto-finais, não. Falo apenas do alemão-ponteiro, do alemão-objeto que faz a prosperidade da nação alemã e torna os dolico-louros raça invencível nos alqueires pacíficos ou marciais desta Terra e no pessimismo dos Gobineaus. E me lembro agora que tem no íntimo de cada germanico uma pontuação diferente. Porém quasi nunca será exclamação. Antes interrogação. Pergunta sem resposta. Exemplo: Fausto.

Tambem por causa dessa pontuação interior nego a pés juntos que Nietzsche seja alemão. E' um asiatico germanizado isso sim. E como não me agrada o resultado de cruzamentos de egua com jumento, exóticos produtos infecundos e sem generosidade, não gosto de Nietzsche, filosofo de metafisicas sonambulas, vate de metáforas egoisticas e sem futuro. Note-se que não tive a minima idea de equiparar Asia e Alemanha com jumentos nem eguas. A analogia se justifica pelos cacoetes semelhantes e concentricos destinos, pelo deselegancia virtual e pesadona, pelo infecundo e falta de riqueza dadivosa dos espurios filhos. Nietzsche mostra muitas qualidades do burro isso não tem que guere nem pipoca! E' pedante. E' filosofo. O menos generoso menos consolador de todos os poetas. E alem do mais, infecundo. Infecundissimo, rapazes! Porquê isso de ter perturbado a serenidade das fantasias espirituais vulgarmente chamadas de pes-

quisas filosoficas com uma fala assombrada meia prosa meia poesia foi apenas açular esquentar cacholas passivas por demais. E endoidece-las. Mais nada. O burro tambem... E nas horas de descanso lá quando sem a ajuda do Sol camba o dia aumentam e exasperam o cio das eguas com seus *frôlements* almofadinhas puro *flirt* sem continuidade. Estou falando brasileiro. E dado que não tenha no lugar garanhão pra correr essas femeas o sitiante sabe do prejuizo. Nietzsche andou roçando toda a vida pelas ancas viçosas da grande nação alemã. Provocou nela um cio, como direi? imperialista. Suponhamos que o tenha apenas aumentado... O resultado foi horrendo. Porém tais lembranças não deviam entrar neste livro. Livro de paz. Ponhamos a guerra de lado. A gente pode tambem admitir o chinfrim de 1914 mesmo sem a existencia de Nietzsche. Isso não tem a minima importancia. Não invalida o que falei. Nietzsche existiu, não é? Pois eis uma boa explicação. Outra característica do burro. Aproveitemo-la, pois que a humanidade carece de causas pra que dos efeitos se console. Porém que fique-se duvidando e voltemos pro ponto-final que resolve todas os requififes de autor. Tambem estou me lembrando que não expliquei porquê da interrogação interior dos alemães tirei a nacionalidade a Nietzsche... Não expliquei e franqueza: seria difícil de inventar uma

explicação. Me lembrei de falar de Nietzsche e falei. Questão de vontadinhas.

O alemão é ponto-final na vida e interrogação no pensamento. O latino é exclamativo diante da vida e reticencia pronta pra mil continuidades na scisma. O alemão vencerá. O latino fecundará.

E a Inglaterra?

Vocês já repararam talvez que nestas linhas não me preocupo absolutamente com a psicologia das raças... Meu divertinmento agora é me deixar levar ao léu das pontuações. Ora a gente pode muito bem afirmar que a Inglaterra é o parentese da vida e do sonho. Parentese!... explicação que não adianta nada, derivativo que não ilumina, amargo exame de microscopia envergonhado de si e por isso destituído de fôrças prá bondade ou pra ser malvado grandiosamente... Consequencia: *humour*.

Quanto a Russias Suecias e Chinas ponho-as de lado. São exotismos cheirosos, inebriantes músicas. Não cabem neste idílio que é alecrim de civilização latina. De civilização latina.

Sousa Costa usava bigodes onde a brilhantina indiscreta suava negros nitidos. Aliás todo êle era um cuitê de bilhantinas simbolicas. Uma graxa,

monada sensitiva e cuidadoso de sua pessoa. Não esquecia nunca o cheiro no lenço. Vinha de portugueses. Perfeitamente. E de Camões herdara o ser femeeiro irreduzível.

Em tempos de calorão surgiam nos cabelos negros de dona Laura umas ondulações suspeitas. Usava penteadores e vestidos de seda muito largos. Apenas um gesto e aqueles panos e rendas e vidrilhos despencavam pra uma banda afligindo a gente. Meia malacabada. Era maior que o marido, era. Lhe permitira aumentar as fábricas de tecidos no Braz e se dedicar por desfastio á criação do gado caracú.

Nas noites espaçadas em que Sousa Costa se aproximava da mulher êle tomava sempre o cuidado de não mostrar geitos e sabenças adquiridos lá em baixo no vale. No vale do Anhangabau'? E'. Dona Laura comprazia com prazer o marido. Com prazer? Cansada. Entre ambos uma convenção honesta: Nunca jamais êle trouxera do vale um fio loiro no paletô nem aromas que já não fossem pessoais. Ou então aromas civicos. Dona Laura por sua vez fingia ignorar as navegações de Pedro Alvares Cabral. O Brasil foi descoberto por acaso? Foi. Convenção honesta si quiserem... Não seria talvez a precisão interior de sossêgo?... Parece que sim. Afirmo que não. Ninguém o saberá jamais.

E quem diria que Sousa Costa não era bom

marido? Era sim. Fôra tão nú de preconceitos até casar sem por reparo nas ondas suspeitas dos cabelos da noiva. E bem me lembro que ficaram noivos em tempo de calorão... Dona Laura retribuía a confiança do marido esquecendo por sua vez que bigodes abastosos e bilhantinados são suspeitos também. Sentia agora êles trepadeirando pelo braço gelatinoso dela e meia dormindo, se ageitando:

— Vendeu o touro?

— Resolvi não vender. E' muito bom reprodutor.

Dormiam.

Quando Carlos nasceu batizaram-no pois não. As meninas iam nas missas de domingo si era manhã de Sol. O passeio até fazia bem... Com nove anos mais ou menos recebiam a primeira comunhão. Dona Laura mandava lhes ensinar o catecismo por uma parenta pobre muito religiosa, coitada! catequista em Santa Cecilia. Dona Laura usava uma cruz de brilhantes que o marido dera pra ela no primeiro aniversario de casamento. Era uma familia catolica. Nas festas principais da casa vinha Monsenhor.

Carlos abaixou o rosto brincabrincando com a página:

— Não sei... Papai quer que eu estude Direito...

— E você não gosta de Direito?

— Não gosto nem desgosto. Mas praquê? Ele já falou uma vez que quando eu fizer vinte-e-um anos me dá uma fazenda... Então praquê Direito!

— Quantos anos você tem?

— ... fazer dezasseis.

— Ich bin sechzehn Jahre alt.

Carlos repetiu encabulado.

— Não. Pronuncie melhor. Não abra assim as vogais. E sechzehn.

— Sechzehn.

— Isso. Repita agora a frase inteira.

— Em inglês eu sei bem! I'm sixteen years old!

Fraulein escondeu o movimento de impaciência. Não conseguia prender a atenção do menino. O inglês e o francês eram familiares já pra ele. Principalmente o inglês de que tinha aulas diárias desde nove anos. Mas alemão!... Já cinco lições e não decorara uma palavrinha só. Burrice! Nesta aula que acabava Fraulein já fôra obrigada a repetir tres vezes que irmã era Schwester. Carlos aluado. As palavras alemãs lhe fugiam da memória assustadiças num tilintar de consoantes agru-

padas. Pra salvar a vaidade respondia em inglês. Machucava a professora lhe dando uns ciumes inconscientes. Porém Fraulein se esconde num sorriso:

— Não faça assim. Ich bin sechzehn Jahre alt. Repita. Só mais uma vez.

Carlos repetiu molemente. A hora acabava. Se livrar daquela biblioteca!...

Encontraram Maria Luisa no hol. Carlos parou pernas fincadas peitaria ressaltada impedindo a passagem da irmã.

— Mamãi! venha ver Carlos!

Fraulein puxava-o pela mão.

— Carlos, já começa...

Segurava-o com doçura, se rindo. Ele deu risinho curto. Desapontava sempre. Ao menos desenhava no geito a aparência do desapontamento. Nenhuma timidês porém. Muito menos ainda desconfiança em si mesmo. Desapontava no sorriso horizontal mostrando a fimbria dos dentes grandalhões irregulares. Desapontava no olhar pondo olheiras na face com a sombra larga das pestanas. Agora por causa da munheca presa entre as mãos dela. Se desvencilhava aos poucos. Ela forcejou.

— Você não é mais forte do que eu.

— Soooooou! um minuto durou o indicativo presente. E foi um brinquedinho se livrar. Sem as-

pereza. Subiu a escada pulando de quatro em quatro os degraus.

Fraulein ficou imóvel. Deliciosamente batida.

Não vejo razão pra me chamarem vaidoso si imagino que o meu livro tem neste momento cincoenta leitores. Comigo 51. Ninguém duvide: êsse um que lê com mais compreensão e entusiasmo um escrito é autor dele. Quem cria vê sempre uma Lindoia na criatura embora as indias sejam pansudas e ramelentas. E só por essa observação a gente pode afirmar que o Universo é obra-prima. Pra nós racionalísimos mortais a obra-prima do Criador nem parece tão prima assim. Porêem Deus é omnisciente e tudo o que vemos de mundos a rolar por espaços inimaginaveis e de serzinhos a lutar dentro dêsses mundos e de doencinhas e dorzinhas a vibrar dentro dos serzinhos pode muito bem ser que pareça obra-prima ao Poeta Infinito. E Ele que terá razão pois omnisciente. Nosso julgamento do mundo é precario pois somos apenas racionalísimos mortais.

Volto a afirmar que o meu livro tem 50 leitores. Comigo 51. Não é muito não. Cincoenta exemplares distribuí com dedicatorias gentilíssimas. Ora dentre cincoenta presenteados não tem exagêro su-

por que ao menos 5 hão de ler o livro. Quando não seja pelo autor ao menos pela dedicatória. Cinco leitores. Tenho, salvo omissão de que desde logo me desculpo, 45 inimigos. Esses lerão meu livro, juro. E a lotação do bonde se completa. Pois toquemos prá avenida Higienopolis!

No bonde começo a me preocupar com a cambada de inimigos que em recordação muito rapida me dei. Que injustiça! Os queixadas são mais numerosos. Muito mais! Tem por exemplo aquele que. O do Rio que. Em Campinas o. Em Santos os. O da rua. Ah! Ia me esquecendo que no Pará um. 59, 60, 61... 70, 71, 72... 77. Agora não me lembro de mais ninguém. Deve ter outros.

Si êste livro conta 77 leitores sucede que neste lugar da leitura já tem 77 Elzas. Com a minha 78. Que engraçado! logo depois da primeira scena cada um tinha a Fraulein dele na imaginação. Contra isso não posso nada e teria sido indiscreto si antes de qualquer familiaridade com a moça a minuciase em todos os seus pormenores fisicos. Não o fiz. Outro mal apareceu. Cada um criou Fraulein segundo a propria fantasia e temos atualmente 78 heroínas pra um só idílio.

78, com a minha que tambem vale. Vale porém não tenho a minima intenção de exigir de vocês o abandono de suas Elzas e impor a minha como unica de existencia real. Não. O leitor continuará com a dele. Apenas por curiosidade vamos co-

teja-las agora. Pra isso mostro a minha nos 35 atuais janeiros dela.

Já mandei Tanaka chama-la. Vamos esperar nos vimes almofadados do hol. Se está bem aqui, não? Tanto calor lá fora! Ué! que é isso... chovendo... já! E eu que nem trouxe capa!

— E' assim mesmo! a gente não sabe mais como sair na rua...

— E o frio de ontem de noite! Pleno inverno em meados de Setembro!

— Insuportáveis estas nossas primaveras!

— E' mesmo. Si não fossem as rosas... Porém tenha paciência: as rosas salvam tudo! Outro dia passei pela rua das Palmeiras noitinha já. Você sabe... aquele jardim na esquina da rua Conselheiro Brotero?... Meu Deus! o cheiro era tão...

— Seu doutor tem que esperar. Dona Fraulein manda dizer que está no banho.

— Mais essa agora! E a chuva está passando... A gente podia aproveitar a esteada... Si subissemos!

— Uma idea.

— Tem coragem?

— Ora! não seria a primeira.

Minha chave de autor abre essa porta.

Si não fosse a luz excessiva diríamos a Betsabé de Rembrandt. Não a do banho que traz bracelete e colar, a outra, a da "Toilette" mais magrinha, traços regulares. Não é classico nem perfei-

to o corpo da minha Fraulein. Pouco maior que a média dos corpos de mulher. E cheio nas suas partes. Isso o torna pesado e bastante sensual. Longe porém daquele pêso divino dos nús renascentes italianos ou daquela sensualidade das figuras de Scopas e Leucipo. Isso: Rembrandt quasi Cranach. Nenhuma espiritualidade. Indiferente burguesice. Casasse com ela mais cedo, o marido veria no fim da vida a terra e os cobres repartidos entre 21 generaisinhos infelizes. Disse 21 porquê me lembrei agora da filharada de João Sebastião Bach. Generaisinhos porquê me lembrei do fim de Alexandre Magno. E infelizes? Ora porquê qualifiquei os 21 generaisinhos de infelizes!... Pessimismo! amargura! ah!...

Isso do corpo de Fraulein não ser perfeito em nada enfraquece a história. Lhe dá mesmo certa honestidade espiritual e não provoca sonhos. Si renascente e perfeito o idílio seria o mesmo.

Fraulein não é bonita, não. Porém traços muito regulares coloridos de cor real. E agora que se veste a gente pode olhar com mais franqueza isso que fica de fora e ao mundo pertence. Agrada, não agrada? Não se pinta. Quasi nem usa pó-de-arrôs. A pele se estica discretamente polida com os arrancos da carne sã. O embate é cruento. Resiste a pele. O sangue se alastra pelo interior e Fraulein toda se rosêa agradavelmente. O que mais atrai nela são os beijos. Curtos. Bastante largos. Sempre

encarnados. E inda bem que sabem se rir: entremostrom apenas os dentinhos dum amarelo sem frescor. Olhos castanhos pouco fundos. Se abrem grandes muito claros verdadeiramente sem expressão. Por isso duma calma quasi religiosa. Puros. Que cabelos mudaveis! ora loiros ora sombrios dum pardo em fogo interior. Ela tem êsse geito de os arranjar que estão sempre pedindo arranjo outra vez. E' engraçado! Bem alemã! Até nos cabelos. Só uma coisa os alemães têm desta sapeca vivacidade latina: os cabelos que em geral os latinos trazem arrumados com regularidade alemã. A's vezes as madeixas de Fraulein se apresentam embaraçadas sôltas de forma tal que as luzes penetram nelas e se cruzam como numa plantação nova de eucaliptus. Ora é a mecha mais loira que Fraulein prende e cem vezes torna a cair...

O menino aluado como sempre. Fixava com insistencia um pouco de viés... Seria a orelha dela? Mais pro lado, fora dela, atrás. Se volta. Não vê nada. O batalhão dos livros na ordem de sempre. Então era nela. Talvez a nuca. Não se desagradou do culto. Porém Carlos com o movimento da professora viu que ela percebera a insistencia do olhar dele. Carecia explicar. Criou coragem mas encabulou encafifado de estar penetrando intimidades femininas. Não foi sem comoção que venceu a propria castidade e avisou:

— Fraulein, seu grampo cai.

O gesto dela foi natural porquê o despeito se guardou. Porém se fechou duma vez. Quinze dias já e nem mostras do mais leve interesse, arre!

Será que não consegue nada!... Isso lhe parece impossível. Estava trabalhando bem... Que nem das outras vezes. Até melhor porquê o menino lhe interessava. Era muito... muito... simpatia? a inocencia verdadeiramente esportiva? Talvez a ingenuidade... A serena fôrça. Und so einfach, nem vaidades nem complicações... Atraente. Fraulein principiara com mais entusiasmo que das outras vezes. E nada. Veremos. Ganhava pra isso e paciencia não falta a alemão. Agora porém está fechada por despeito. Dentro dela não penetra ninguém. Si quiser podemos ir. Parou a chuva.

— E', vamos.

Tanaka abre o portão. A Light devia correr mais bondes nesta linha. A avenida é de prata. Junto da calçada o corguinho do enxurro a murmurhar. Pingo de chuva despenca das folhas nascentes, peteleca na palheta do leitor. Fica trémulo dansando, rabiscado com a sangueira macambusia do Sol.

— Uhm... a noite vai ser fria...

Agora leitor conheça Fraulein sozinho. Nunca descrevi nada com relêvo. Me atrapalham as memorias e boto Ticiano Rembrandt e Basilio da Gama pra fora dos tumulos veneraveis.

Justamente por causa destas assombrações não sei si já falei porêem o meu maior desejo era ser boróro. Como boróro imaginar falar e escrever embora pareça provado que os tais praticam só o segundo daquele terno humano de verbos. Porêem si eu como boróro pudesse imaginar falar e escrever talvez então deixasse páginas bem minhas.

Tambem já desapegadamente cedi o corpo de Fraulein pro leitor... Não insisto no meu. Cotejei por desfastio. A mim cabe contar a cor das vogais, alma de Fraulein!... Mas pra isso não basta um capítulo. E' o livro.

Fraulein se sentiu logo perfeitamente bem dentro daquela familia imovel mas feliz. Apenas a saúde de Maria Luisa perturbava um tanto o cansaço de dona Laura e a calma prudencial de Sousa Costa. Servia de assunto possivel nos dias em que depois da janta Sousa Costa queimava o charuto no hol como que tradicionalmente revivendo a cerimonia tupi. Depois se escovava pigarreando circunspeto. Vinha dar o beijo na mulher.

- Adeus papai!
- Até logo.
- Até logo papai!
- Boa noite.

Dona Laura ficava ali mazonza numa quebreira gostosa quasi deitada na poltrona de vime. Balanceando manso uma perna sobre a outra. Isso quando não tinham friza segundas e quintas no República. Folheava o jornal. Os olhos dela descendo pela coluna termometrica dos falecimentos e natalícios, vinham descansar no clima temperado do folhetim. A's vezes ela acordava um romance da biblioteca morta. Mas os livros têm tantas páginas... Folhetim a gente acaba sem sentir. Não cansa a vista. Como Fraulein lê!... As crianças foram dormir. Vida para. Os estralos espaçados dos vimes assombram o cochilar de dona Laura.

Qual! Fraulein não podia se sentir a gosto com aquela gente! Podia porquê era bem alemã. Tinha êsse poder de adaptação exterior dos alemães que é mesmo a maior razão do progresso deles. No filho da Alemanha tem dois seres: o alemão propriamente dito, homem-do-sonho; e o homem-da-vida, especie prática do homem-do-mundo que Socrates se dizia. O alemão propriamente dito é o cujo que

sonha trapalhão obscuro nostalgicamente filosofo, religioso, idealista incorrigível, muito sério, agarrado com a pátria com a família, sincero e 120 quilos. Vestindo o tal aparece outro sujeito, homem-da-vida, fortemente visível esperto ágil e europeamente bonitão. Em princípio se pode dizer que é matéria sem forma. Dútil H₂O se amoldando a todas as quartinhas. Não tem nenhuma hipocrisia nisso. Nem máscara. Se adapta o homem-da-vida. Faz muito bem. Eu si pudesse fazia o mesmo. E você, leitor. Porém o homem-do-sonho permanece intacto. Nas horas silenciosas da contemplação se escuta o suspiro dele gemido espiritual um pouco doce por demais que escapa dentre as molas flexíveis do homem-da-vida que nem o queixume dum deus paciente encarcerado. O homem-da-vida é que a gente vê. Ele criou no seu negócio artigo tão bom como o do inglês. Cobra caro. Mas não vê que um comprador saiu com as mãos abanando por causa do preço. Adapta-se o homem-da-vida. No dia seguinte o freguês encontra artigo quasi igual ao outro, com o mesmo aspeto faceiro e de preço alcançável. Sai com os bolsos vazios e as mãos cheias. O bife da fábrica vizinha, ali mesmo, só atravessar um estirão de água zangada, não vendeu o artigo dele. Não vendeu nem venderá. E continuará sempre fazendo-o muito bom. Eu admirava mais o inglês si só êste conseguisse manipular a mercadoria excelente porém o alemão homem-da-vida tam-

bem milhora as coisas até a excelencia. Apenas carece que alguém vá na frente primeiro. Isso o propria Walter de Rathenau observou. Grande homem!... Homem-do-sonho. Os outros que inventem. O alemão pega na descoberta da gente e a desenvolve e milhora. E a piora também, estabelecendo uma tabela de preços a que podem abordar bolsas de todos os calados. D'aí aos poucos todo o mundo ir preferindo o comerciante alemão. Os países de exportação industrial viam o fenomeno com cara feia. O homem-da-vida observava a raiva da vizinhança... E si lá nas trevas interiores adonde se reúnem as assombrações familiares o homem-do-sonho também cantava o seu "Home, sweet home" que a nenhuma raça pertence e é desejo universal o homem-da-vida se adaptava ainda. Construia canhões pelas mãos brandas duma viuva. Armazenava gases asfixiantes. Afiava lamparinas pra cortar futuramente os imaginarios bracinhos de quanto Haensel e quanta Grâtel imaginarios e franceses produz o cagaço razoavel de Chantecler. Que selvagem! Aceitemos mesmo que engordasse a idea multissecular universal e secreta da posse do mundo... Não culpe-se por ela o homem-do-sonho. O da-vida é que se observando vitorioso no mundo concluia que era muito justo lhe caber a posse do tal. Quem que errou forte e incorrigivelmente? Só Bismark. Alguem chamou êsse homem de "último Nibelungo"... Nibelungo, não tem dúvida. Conse-

guiu Alzacia, ouro do Reno, pela renúncia do amor. Enquanto isso todos os países da Terra abraçados se amavam numa promiscua rede comum, não é? Estavamos no primeiro decenio dêste seculo que deu no vinte. Todos os abraçados perdiam terreno. O homem-da-vida ganhava-o. Por adaptação? E'. Será? Vejo Serajevo apenas como bandeira. Nas pregas dela brisam invisiveis as ambições comerciais. Pum! Taratá! Clarins gritando baionetas scintilando desvairado matar, hecatombes de uniformes trincheiras pestes cemiterios... Soldados desconhecidos. A culpa era do homem-da-vida, não é? Porém a guerra foi inventada pelos proprietarios das fábricas vizinhas, isso não tem que guerê nem pipoca! Não foi.

Culpa de um culpa de outro tornaram a vida insuportavel na Alemanha. Mesmo antes de 14 a existencia arrastava difficil lá. Fraulein se adaptou. Veio pro Brasil. Rio de Janeiro. Curitiba. Não teve que fazer. Rio de Janeiro. São Paulo. Agora tinha que viver com os Sousa Costas. Se adaptou. —...der Vater... die Mutter... Wie geht es ihnen?... A patria em alemão é neutro: das Vaterland. Será! Vejo Serajevo apenas como bandeira. Nas pregas dela brisam... etc. (Aqui o leitor recomeça a ler êste fim de capítulo do lugar em que a frase do etc. continua. E assim continuará repetindo o canone infinito até que se convença do que afirmo. Si não se convencer ao menos convenha comigo

que todos êsses europeus foram uns grandecissimos canalhões.)

— Minhas filhas já falam o alemão muito bem. Ontem entrei na Lirial com Maria Luisa... Pois imagine que ela falou em alemão com a caixeirinha! Achei uma graça nela!... Fraulein é muito instruida. Lê tanto! Gosta muito de Wagner. Você foi no Tristão e Isolda? Que coisa linda! Gostei muito. Tambem: quatrocentos milreis por mês!

E continuava falando que Felizberto não se importava de gastar contanto que os meninos aprendessem etc.

De repente Carlos começou a estudar o alemão. Em 15 dias fez um progresso danado. Quis propor mesmo um aumento nas horas de estudo porêem não sabendo bem porquê, não propôs. Lhe interessava tudo o que era alemão. Comprava revistas de Munique. Andava com elas e depois dava-as pra Fraulein. Soube de-cor a população da Alemanha aspeto geral e clima. Até longitude e latitude que não sabia bem o que eram. A potamogra-

fia alemã lhe era familiar. Ah! os castelos do Reno... Viver lá!... Seguia com interesse a ocupação da Alemanha pelos franceses. Aplaudia o procedimento da Inglaterra, país às direitas. Um dia afirmou no jantar que Goethe era muito maior que Camões. Maior genio de todos os tempos!

Tivera nesse dia uma cançãozinha de Goethe pra traduzir. Historia dum pastor que vivia no alto das montanhas. Se entusiasmara. Lindissimo! Decorava-a.

E falou pro pai que estava com vontade de aprender piano tambem.

Sousa Costa não dava atenção. Corresse o caso bem depressa! desejava. De quando em quando lhe roncavam azedos na idea uns borborigmos de arrependimento.

Fraulein é que percebeu muito bem a mudança do curumim. Finalmente! Carecia agora se reter um pouco. Mesmo voltar pra trás. Avançara por demais porquê êle tardava. Devia guardar-se outra vez. As coisas principiam pelo princípio.

— Bom dia, Fraulein!

— Bom dia, Carlos.

— Wie geht's ihnen?

— Danke, gut.

— Fraulein! vamos passear no jardim com as crianças!

— Não posso, Carlos. Estou ocupada.

— Ora, vamos! Maria Luisa também vai! Ela precisa! Aldinha! Laurita! vamos passear no jardim com Fraulein!

— Vamos! Vamos! as crianças aparecem correndo.

Baixinho:

— Vamos hein!...

— Carlos, eu já disse que não posso. Vá você.

Levar as crianças no jardim... Ora essa! êle não era ama-seca! foi.

E' coisa que se ensine o amor? Creio que não. Pode ser que sim. Fraulein tinha um metodo dela. O deus paciente o construiu talqual os prisioneiros fazem essas catitas cestinhas cheias de flores e de frutas coloridas. Tudo de miolo de pão. Tão mimoso! O amor deve nascer de correspondencias, de excelencias interiores. Espirituais pensava. Os dois se sentem bem, juntos. A vida se aproxima. Repartem-na pois quatro ombros podem mais que dois. A gente carece trabalhar... Os quatro ombros trabalham igualmente. Deve-se ter filhos... Os quatro ombros carregam os filhos. Quantos a fecundidade quiser. Assim cresce a Alemanha. De noite uma ópera de Wagner. Brahms. Brahms é grande. Que profundez, seriedade. Tem concertos de órgão também. E a gente pode cantar em cô-

ro... Os quatro ombros frequentam a Sociedade Coral. Têm boa voz e cantam. Solistas? Só cantam em cântico. Gesellschaft. Porém isso é pra alemães. E pros outros? Sim: quasi o mesmo. Apenas um pouco mais de verdade prática e menos Wagner. E se trata de homens. O homem tem de ser apegado ao lar. Dirige o sossego do lar. Manda. Porém sem dominio. Provê. E' certo que a mulher o ajudará. Mas isso quando se é alemão. Pois então o homem é que deve prover.

Fraulein engole quasi um remorso porquê se apanha a divagar. Queixumes do deus encarcerado. O homem-da-vida quer apagar tantas nuvens. Afirma rispido que não trata-se de nada disso. A profissão dela se resume a ensinar primeiros passos. Abrir olhos de modo a prevenir os inexperientes da cilada das mãos rapaces. E evitar as doenças que tanto infelicitam o casal futuro. Profilaxia. Não. Porém deverá parolar quando mais chegadinho o convívio sobre essas "meretrizes" que chupam o sangue do corpo são. O sangue deve ser puro. Vejam por exemplo a Alemanha. Que-dê raça mais forte? Nenhuma. E justamente porquê mais forte e indestrutível neles o conceito da família. Os filhos nascem robustos. As mulheres são grandes e claras. São fecundas. O nobre destino do homem é se conservar são e procurar esposa sã. De raça superior. Os negros são de raça inferior. Os índios também. Os portugueses também. Mas esta última

verdade Fraulein não fala pros alunos. Foi decreto lido a vez em que um trabalho de Reimer lhe passou pelas mãos. Afirmava a inferioridade dos latinos. Legítima verdade pois quem é Reimer? Reimer é um grande sabio alemão. Os portugueses fazem parte duma raça inferior. E então os brasileiros misturados? Também isso Fraulein não podia falar. Por adaptação. Só quando entre amigos de segrêdo. E alemães. Porêem os indios os negros quem negará que sejam raças inferiores? Belo o destino do casal superior. Sossêgo e trabalho. Os quatro ombros trabalham sossegadamente. Ela no lar. O marido fora do lar. Pela boca-da-noite êle chega da cidade escura... Vai botar os livros na escrivaninha... Depois vem dar o beijo na testa dela... Beijo calmo... Beijo preceptivo... Todo de preto com o alfinete de ouro na gravata... Nariz longo quasi diafano bem raçado... Todo êle é claro transparente... Tossiria arranjando os olhos sem aro... Tossia sempre... E a mancha irregular do sangue nas maçãs... Jantariam quasi sem dizer nada... Como passara... Assim, e êle?... Talvez mais tres meses e termina o 2.º volume de "O Apêlo da Natureza na Poesia dos Minnesänger"... Lhe davam o lugar na Universidade... A janta acabava... Ele ia pro estudo... Ela arranja de novo a toalha sobre a mesa... Temos concêrto da Filarmonica amanhã. Diga o programa. Abertura de Spohr, a Pastoral de Beethoven, Strauss,

Hino ao Sol de Mascagni e Wagner. A Pastoral? A Pastoral. Que bom. E de Wagner? Siegfried-Idill e Götterdämmerung. Siegfried-Idill? Siegfried-Idill. Ah! Podiam dar a Heroica... Já ouvimos cinco vezes a Pastoral êste ano... Podiam levar a Heroica... Mas a Heroica... Napoleão... Em todo caso a gente não pode negar: Napoleão foi um grande general... Morreu prêso em Santa Helena...

Aqui Fraulein repara que aos poucos o homem-do-sonho se substituiu de novo ao homem-da-vida. E' porquê êste aparece unicamente quando trata-se de viver mover agir. O outro é interior eu já falei. Ora, pois o pensamento é interior. Nem siquer é volição que participa já do ato. O homem-da-vida age não pensa. Fraulein está pensando. Nem o homem-da-vida propriamente lhe disse que ela ensina apenas os primeiros passos do amor, dá a entender isso pela maneira com que obstinada e mudamente se comporta. Franqueza: o que pratica é isso e apenas isso.

Porêm vão falar pra um alemão que êle traz consigo tal homem-da-vida... Energicamente negará. Nunca morou nesta casa. E com razão. Reconhece o homem-do-sonho porquê êste pensa e sonha. Ora de verdadeiro pro idealista só o que é metafisico. As materias são mudas. As almas pensam e falam. Tratando-se pois de amor-tese, teoria do amor, amorologia, é o prisioneiro paciente que amassa o miolo de pão esculpe e colore ces-

tinhas lindas pra enfeite do apartamento arranjado e limpo que Fraulein tem no pensamento. A consciencia porêm que não é nem da vida nem do sonho e a Deus pertence lhe mostra como atuou o homem-da-vida. Unicamente ensinou primeiros passos abriu olhos. Foi prático. Foi excelente. Porêm pra Fraulein tal virtude não basta. Consequencia: remorso. Porêm remorsico vago muito esgarçado. E ela continuará divagando no pensamento. Assim enfeita os gestos do homem-da-vida com o sonho serio severo e simples pra usar unicamente êsses. E sonoro. Wiegenlied de Max Reger, opus 76.

... O quartinho é escuro. Maria embala no bercinho pobre o filho recém-nascido. Janelas abertas. Nascem do chão saem por elas as duas colunas inclinadas do luar. Verão. Silêncio. Murmúrio em baixo longe das aguas sagradas do Reno. A gente respira possante fecundo imortal o aroma do ventre de Erda. A canção é pra criancinhas. E como na scisma tudo é mistura e associação á melodia de Reger vem continuar o Lied de Körner:

“Geht zur Ruh’!
Schlisst die müden Augen zu!
Stille wird es auf den Strassen
Nur den Wächter hört man blasen,
Und die Nacht ruft allen zu:
Geht zur Ruh’!...”

A canção não é pra criancinhas? E'. Soa severa honesta popular... A consciencia de Fraulein adormece.

E' coisa que se ensine o amor? Creio que não. Ela crê que sim. Por isso não foi no passeio. Deve se guardar. Quer mostrar que o dever supera os prazeres da carne. Supera. Carlos desfolha uma rosa. Sob a glicínias da pergola braceja de tal jeito que o chão todo se pontilha de lilá.

— Ih! Vou contar pra mamãe que você está estragando as plantas!

— Não me amole!

— Amolo, pronto! Mamãe! Mamãe! Me largue! Feio! Mamãe!

— Me dá um beijo!

— Não dou!

— Dá!

— Mamãe! olhe Carlos! ai!...

Aldinha aos berros pela casa.

Ele não fez por mal. Quis beijar e machucou. Aldinha chora. A culpa é de quem? De Carlos.

Carlos é um menino mau.

Fraulein fazia Maria Luisa estudar no piano pequenos lieder populares dum livro em quarto com figuras coloridas. Dava inda pra ela pecinhas

de Schubert e alegros de Haydn. Pra divertir fez ela decorar uma transcrição facil da Canção da Estrela do Tannhäuser. As crianças já cantavam em unissono o Tannenbaum e um cantar-de-estrada mais recente que pretendia ser alegre mas era pandego. Fraulein fazia a segunda voz. E falava sempre que não deviam cantar maxixes nem foxtrotes. Não entendia aquele sarapintado abuso da sincopa. Auf Flügeln des Gesanges... Ritmo embalador e casto. Nazareth lhe dava uns arrepios de espinha e uma alegria... musical? Desprezível. Só Wagner soubera usar a sincopa no noturno do Tristão.

Carlos também cantava o Tannenbaum. Desafinava. Não tinha voz nenhuma. Porém descobrira o perfume das rosas. Perfume subtil e fugitivo. Ôh! a boniteza das vistas!... A's vezes se surpreendia parado diante das sombras misteriosas. As tardes, o lento cair das tardes... Tristes. Surgia êsse gôsto de andar escoteiro scismando. Scismando em que? Scismando sem mais nada. Devia de ter felicidades quentes alem... Estava pertinho do suspiro sem alegria nem tristura, suspiro no silêncio amigo do luar.

— Mamã! olhe Carlos!

Fraulein tinha poucas relações na colonia. Achava-a muito interesseira e inquieta. Sem elevação. Preferia ficar em casa nos dias de folga re-lendo Schiller, canções e poemas de Goethe. Porém com as duas ou tres professoras a que mais se ligava pela amizade da instrução igual discutia Fausto e Werther. Não gostava muito dêsses livros. Porém tinha a certeza que eram obras-primas.

Tambem com essas amigas alguns camaradas, um pintor professores saia nalgum domingo raro em piqueniques pelo campo. A's vezes tambem o grupo se reunia na casa de Fraulein Kothen professora de piano linguas e bordados. Depois do café embaçado com um pingo arisco de leite a conversa mudava de alegria. Todos sinceros. E de Wagner de Brahms de Beethoven se falava. Uma frase sobre Mahler associava á conversa a idea de politica e dos destinos do povo alemão. O tom baixava. O misterio penoso das inquietações baritonava aquelas almas inchadas de amor pela grande Alemanha. Frases curtas. Elipses. Queimava cada labio, saboroso, um gôsto de conspiração. Que conspiram êles? Sossegue, brasileiro. Não conspiram

nada. Mas a França... Tanta parolagem bombástica, Humanidade, Liberdade, Justiça... Não sei que mais! E esfaquear um povo assim... Lhe dar morte lenta... Porquê não matara duma vez quando pediu armistício o invencido povo do Reno?... die Fluten des Rheines.

Schützen uns zwar, doch ach! was sind nun Fluten und Berge...

Jenen schrecklichen Volke, das wie ein Gewitter daherzieht!... Versos de Goethe não faltam na ocasião. Fremiam de amor. Não conspiravam nada. Desconversava um pouco a sociedade. Porém um pouco só porquê alimentava aqueles exilados a confiança do futuro. Por isso criticavam com justeza a figura do Kaiser. Todos republicanos. Porquê a Alemanha era republicana. Mas ao concordarem que o Kaiser devia ter morrido não é que ecoa na voz deles insopitável quasi soluçante o pesar por aquele rei amado, rei tão grande, morto em vida e de morte chué!

— Devia morrer!...

— Devia morrer.

Esconde as lágrimas, Fraulein. E' verdade que são duas apenas. Os olhos vibram já de veneração e entusiasmo sem crítica. Alguem no silêncio fala da vida e obras de Bismark. Frau Benn trouxe a citara. Pois cantemos em cântico as canções da velha Alemanha. Vibra a sala. O acorde admirável sobe lentamente, se transforma pesadamente, cresce cres-

ce, morre aos poucos no pianissimo grave cheio de unção. Os homens cantavam melhor que as mulheres.

Levara as meninas na missa. Ao voltar por desfastio dominical perturbara o sono egipicio da biblioteca de Sousa Costa. Viera pro jardim sob a pergola entender aplicadamente uma elegia de Camões. O Sol de Dezembro escaldava as sombras curtas. No vestido alvissimo vinham latejar as frutinhas da luz. O rosal estalava duro gotejando no ar um cheiro pesado que arrastava.

Carlos descera do bonde e entrava no jardim. Vinha do clube. Fraulein vira êle chegar como sem ver escondida na leitura. Ele hesitou. Enveredou prá pergola.

— Bom dia, Fraulein!

— Bom dia Carlos. Nadou muito?

— Assim.

Agora sorria com êsse sorriso engeitado dos que não agem claro e... procedendo mal, porquê? Passara a perna esquerda sobre a mesa branca semi-sentado. Balançava-a num ritmo quasi irregular. Quasi. E olhava sobre a mesa uma folha perdida com que a mão brincava. Os desapontados se deixam olhar. Fraulein examinou Carlos. Essa foi

sem que pra isso tivesse uma razão mais forte a imagem dele que conservaria nitida por toda a vida. O menino derrubara o braço desocupado sobre a perna direita retesa. Assim, ao passo que um lado do corpo rijo quasi reto dizia a virilidade guapa duma fôrça crescente ainda, o outro apoiado na mesa descansando quebrado em curvas de braço e joelho tinha uma graça e doçura mesmo mulheris. Jovialidade!

De repente entregou os olhos prá moça. Trouxe-os de novo prá brincadeira da folha e da mão. Fraulein sabia apreciar tanta meninice pura e tão sadia. Felizes ambos nessa intimidade.

— Vou trocar de roupa!

Na verdade êle fugia. Não tinha ainda a sciencia de prolongar as felicidades. Talvez nem soubesse que estava feliz. Fraulein sorriu pra êle inclinando de leve a cabeça bruna manchada de Sol. Carlos se afastou com passo marinheiro balançando bem apoiado no chão. A cabeça bem plantada na touceira do sueter. Entrou na casa sem olhar pra trás.

Mas Fraulein o enxerga por muito tempo ainda se afastando. Vitorioso. Sereno. Como um jovem Siegfried.

Depois as crianças foram na matinê do Royal. Estou falando brasileiro. Fraulein acompanhou-as. Carlos acompanhou. Acompanhou quem?

— E'! Você nunca vinha na matinê e agora vem só pra amolar os outros! Vá pro seu futebol que é melhor! Ninguém carece da sua companhia...

— Que tem, Maria, eu ir também!

— Olhe o automovel como está! Machuca todo o vestido da gente!

Com efeito o automovel alugado é pequeno pra cinco pessoas. Se apertaram um pouco. E como são juntinhas as cadeiras do Royal!

Carlos não repara que tem entreatos nos quais os rapazotes saem queimar o cigarro, engulir o refrêscó. Si êle não fuma... Mas não tem rapazote que não goste de passar em revista as meninas. Carlos não fuma. Se deixa ficar bem sentadinho. Pouco se mexe. Olha sempre pra diante fixo. Vermelho. Distraído. Isso: quebrado pelos calores de Dezembro. Nada mais razoavel. O espantoso é perceber que ela derrubou o programa. Ergue-o com servilidade possante.

— Está gostando, Fraulein?

Ao gesto de calor que ela apenas esboça faz questão de guardar sobre os joelhos o jérsei verde. Tudo com masculina proteção. Isso a derreia. Como está quente! O certo é que o corpo dela ultrapassa o limite da cadeira. Todo o mundo se queixa

das cadeiras do Royal. Ha, talvez me engane, um contacto. Dura pouco? Dura muito? Dura toda a matinê. Vida feliz foge tão rapida!... Principalmente quando a gente acompanha uma senhora e tres meninas. De repente Carlos quasi abraça Fraulein debruçando pra ver si do outro lado dela as irmãzinhas, portem-se bem, heim!... Compra balas. Ajuda as meninas a descer do automovel na volta. E tão depressa que ainda paga o motorista antes de Fraulein. Subindo a escada por que arroubos de ternura não sei abraça de repente Maria Luisa, lhe afunda uns labios sem beijo nos cabelos.

— Ai, Carlos! Não faça assim! Você me machuca!

Desta vez êle não machucou. Machucou sim. Porêrn nas epidermes da vaidade que Maria Luisa se pensa mocinha e se quer tratada com distincção.

Porêrn o menino já está longe e agora havemos de segui-lo até o fim. Entrou no quarto. Mais se deixou cair sem escolha numa cadeira qualquer. A boca movendo numa expressão de angustia divina. Queria sorrir... Queria quem sabe? um pouco de pranto, o pranto abandonado faz muitos anos, talvez agora lhe fizesse bem... Nada disso. O romancista é que está complicando o estado-de-alma do rapaz. Carlos apenas assunta sem ver o quadrado vazio do céu. Uma final sublime estranha

sensação... Que avança aumenta... Sorri bobo no ar. Pra não estar mais assim esfregando lentamente fortemente as palmas das mãos uma na outra aperta os braços entre as pernas encolhidas musculosas. Não poudé mais. Faltou-lhe o ar. Todo o corpo se retesou numa explosão. Pensou que morreria. Pra se salvar murmura:

— Fraulein!

Baixam rapidos do Empireo os anjos do Senhor. Asas, muitas asas. Tatalam produzindo brisa fria que refresca as carnes exasperadas do menino. As massagens das mãos angelicas pouco a pouco lhe relaxam os musculos espetados. Carlos se larga todo em beata prostração. Os anjos roçam pela epiderme dele esponjas celestiais. Essas esponjas apagam tudo, sensações estranhas, ardencias e mesmo qualquer prova de delito. Na alma e no corpo. Ele não fez por mal! São coisas que sucedem. Porém apesar de sozinho Carlos encafifou.

Acham muita graça nisso os anjos lhe passando nos olhos aquela pomada que deixa seres e vida tal-e-qual a gente quer.

São Rafael nos céus escreve:

N.º 9.877.524.953.407:

Carlos Alberto Sousa Costa.
Nacionalidade: Brasileiro.
Estado social: Solteiro.
Idade: Quinze (15) anos.
Profissão: —
Intenções: —
Observações extraordinárias: —
“REGISTRO DO AMOR SINCERO”

Outro dia Fraulein voltou duma dessas reuniões na casa da amiga com um masso de revistas e alguns livros. Um médico recémchegado da Alemanha e convicto de Expressionismo lhe emprestara uma coleção de Der Sturm e obras de Schikele, Franz Werfel e Casimiro Edschmid.

Fraulein quasi nada sabia do Expressionismo nem modernistas. Lia Goethe, sempre Schiller e os poemas de Wagner. Principalmente. Lia também bastante Shakespeare traduzido. Heine. Porém Heine caçoara da Alemanha. Lhe desagradava que nem Schopenhauer. Só as canções. Preferia Nietzsche mas um pouquinho só. Era maluco, diziam. Em todo caso Fraulein acreditava em Nietzsche. Dos francezes admitia Racine e Romain Rolland. Lidos no original.

Seguiu página por página livros e revistas.

Compreendeu e aceitou que nem alemão mediocre aceita primeiro e depois compreende. O que existe deve ser tomado a serio. Porquê existe. Aquela proissão de imagens afastadissimas e contínuo adejar por alturas filosoficas metafisicas, aquela eterna grandiloquencia sentimental... E a sintese, a palavra sôlta desvirtuando o arrastar natural da lingua... De repente a mancha realista ver um bombo pam! de chofre... Eram assim. Leu tudo. E voltou ao seu Goethe e sempre Schiller.

Si dessem pra ela nova coleção de mensario inovador, mais livros, leria tudo página por página. Aceitaria tudo. Compreenderia tudo? Aceitaria tudo. Pra voltar de novo a Goethe. E sempre Schiller.

O caso evolucionava com rapidez. Muita rapidez pensava Fraulein. Mas Carlos era ardido. Tinha pressa. Por outra: não é que tivesse pressa exatamente porêem não sabia somar.

A Aritmetica nunca foi propícia aos brasileiros. Não somamos coisa nenhuma. Das quatro operações unicamente uma nos atrai, a multiplicação. Justamente a que mais raro frequenta os sucessos dêste mundo vagarento. Multiplicamos tudo. Inutil avisarem que a vida só comporta somas e princi-

palmente subtrações... Nós multiplicamos. Desde
eras de colonia. A distribuição das sesmarias, o
bandeirismo, o mapa se gretando em estados da
segunda metade do seculo dezoito pra diante, a
conjuração mineira, 1822, treze de Maio, procla-
mação antecipada da República, constituição pra
estrangeiros... Tudo multiplicações. Aliás a natu-
reza da nossa terra vive a nos encaminhar pra êsse
delirium multiplicans. Só nos falta o Gaurisancar.
Que pena! Temos na fauna a sucurijú e o peixe-
boi e si não caçamos elefantes na Amazonia —
unica parte do globo em que o terreno inda está em
formação! — ao menos pernoitou sub tegmine dos
jequitibás o mais multiplicado e gigantesco dos par-
nasianismos. No resto apesar da falta que nos fazem
os elefantes a natureza indigena... que eloquente
multiplicar! Nossos rios são os maiores do mundo.
Nossas cascatas as maiores cascatas. Nossas flo-
restas as mais virgens. Nossas costas as mais lar-
gas. Exceptue-se a Russia. Assim mesmo: Russia e
Japão, Brasil e Paraguai... Porém os livros dizem
que nós vencemos o Paraguai... E': a Russia inda
tem costas mais largas que as nossas. Que pena!
Rio de Janeiro é a maior baía do mundo. E a mais
bela. Nossas ressacas não espantam, estragam. As
secas por aqui não emagrecem, matam. Ouro e pe-
drarias quando surgem dão pra macadamizar ci-
dades. Por isso multiplicamos na poesia mais lan-
guorosa do Cosmos:

Si esta rua fosse minha
Eu mandava ladriá, Yayá
Com pedrinhas de diamante
Pra meu bem passiá.

Porê m oiro e pedrarias quando desaparecem não voltam mais. Mas resta Rui Barbosa que foi a maior cabeça da America latina. Que digo! maior cabeça da America inteirinha, das duas Americas, de todas as Americas, não tem só uma Maria na Terra, hom'essa! Mas Rui Barbosa é um só, maior cabeça do universo em todos os tempos. Em compensação ninguém mais tem cabeça. Os exemplos se multiplicam. Ora diante de tal natureza feracissima nada mais justificavel que a multiplicação sentimental. Não tem dúvida: o Brasil é o maior povo do mundo. Criança, nunca verás país nenhum como êste! Nossos campos têm mais flores! Napoles, meu patrio Niteroi te excede em galas! Patria latejo! mas é como mulher que te desejaria apertar junto ao peito e beijar bem na boca!

... como mulher que eu te desejaria apertar... Nossa vida tem mais amores, isso é que não tem que guerê nem pipoca! Não me alembra agora que principe gracioso da Igreja Romana observava sermos os brasileiros boas pessoas honestos caritativos inteligentes religiosos... "mas o sexto!" êle falava. E' um desastre isso da gente não ser omnisciente pra penetrar nos designios assús do Criador!

A's vezes eu me ponho imaginando e fico admirado. Incrível isso de por o sexto entre os pecados mortais! Não tem nada melhor que o sexto! Não tem nada mais compatível com o brasileiro que o sexto! A gente pode afirmar até que o brasileiro gira em torno do sexto. Nós carecemos do sexto todos os dias e cada momento, um sexto realizado eterno infinito imortal. Viva o sexto! O sexto é brasileiro.

E a multiplicação também.

De resto eu e o leitor já sabemos que Carlos estragava tudo. Castigos da multiplicação. Ele compreendeu enfim devido áquele fato lamentavel apagado pela esponja dos arcanjos que gostava mesmo de Fraulein. Principiou não querendo mais sair de casa. De primeiro era o dia inteirinho na rua. Futebol lições de inglês de geografia de não-sei-que-mais e natação, tarde com os camaradas e ainda por cima depois da janta cinema. Agora? Vive na sáia de Fraulein. Sempre desapontado, que dúvida! mas porêem na sáia de Fraulein. Sorri aquele sorriso engeitado, geralmente de olhos baixos, cheio de mãos. De repente fixa a moça na cara destemido pedindo. Pedindo o que? Vencendo. Semvergonha!

Mas na verdade Carlos nem sabia bem o que queria. Fraulein é que sentia-se quebrar. Tinha angustias desnecessarias, calores. Fraqueza. Em vão o homem-do-sonho trabalhava teses e teorias. Em vão o homem-da-vida pedia vagares e metodo, que

estas coisas devem seguir normalmente até o cume do Itatiaia.

— Fraulein, largue disso! Venha tocar um pouco pra mim!...

Voz queixosa. Voz cantante. Voz molenga.

— Não posso, Carlos. Preciso pregar êstes botões.

— Ora venha!... Você ensina piano pra mim, ensina?

— Carlos, não me incomode.

— Então me ensine a pregar botões, vá!... me dá a agulha...

— Você me perturba, menino!

— Perturba!... (risinho) Ora, Fraulein! Perturba no que! Imagine! estou perturbando Fraulein! (baixinho churriando) toca sim?... deixa de enjoamento!...

— Você é impossível, Carlos.

Ia pro piano. Folheava os cadernos sonoros. Atacava suponhamos a op. 81 ou os Episoden de Max Reger. Aplicadamente. Não errava nota. Não mudava uma só indicação dinamica. Porém fazia melhor o diminuendo que o crescendo...

Carlos muito atento debruçado sobre o piano. Na verdade êle não escutava nada todos olhos prá pianista esperando o aceno dela pra virar a página. Pouco a pouco — não ouvia mas a música penetrava nele — pouco a pouco sentia pazes nascen-

tes. Os anseios adquiriam perspectivas. Tinha espaço distâncias planos calmas... Placidez.

Fraulein para. Volta prá costura. Carlos solitariamente macambúcio sem pensar em nada se afasta. Jardim. Passeia as mãos pelas folhas e flores. Agora não estraga mais nada. Considera o céu liso. Não está cansado. Incapaz de fazer coisa alguma. Maria Luisa passa. Ele estira a perna. Movimento reflexo e pura memória muscular. Maria Luisa se viu obrigada a pular.

— Conto pra mamãe bruto!... Vá bolir com Fraulein!

Ele apenas sorri na indiferença. Não quer agir. Não sente o gosto de viver. Fosse noutro momento Maria Luisa não saia dali sem chorar. Porém Carlos agora apenas si existe. Existirá?

Aquilo dura tempo. Bastante tempo.

Tem todo um estudo comparativo por fazer entre a naftalina Max Reger e os brometos em geral.

Agora qualquer passagem mais pequena proditado. Estavam mais silenciosos que nunca. Prolongavam as lições e pelas partes em que estas se dividiam observavam machucados a aproximação do fim. No entanto eram horas de angústia

aquelas! Em trinta dias partira êsse bom tempinho de amor nascente no qual as almas ainda não se utilizam do corpo. Porquê nada sabem ainda. Os dois? Ponhamos os dois. Fraulein notava que desta feita era diferente. E quando a lição acabava, saindo da biblioteca, surpreendia os dois aquela como consciencia de libertação. Arre! Si fosse possível renovariam a angústia imediatamente, era tão bom!

Fraulein folheou o livro. A página cantou uns versos de Heine. Servia.

— Esta.

Carlos voz grave quasi lassa murmurou:

Du schönes Fischermädchen
Treibe den Kahn ans Land;
Komm zu mir und setze dich nieder,
Wir kosen, Hand in Hand.

Leg'an mein Herz dein Köpfchen
Und furcht dich nicht so sehr;
Vertraust du dich doch sorglos
Taglich dem wilden Meer!

Mein Herz gleicht ganz dem Meere,
Hat Sturm und Ebb und Flut,
Und manche schöne Perle
In seiner Tiefe ruht

— Entendeu, Carlos?

Ela repetia sempre "Carlos". Era a sensualidade dela. Talvez de todos. Si você ama, ou por outra: si já deseja no amor, pronuncie baixinho o nome desejado. Veja como êle se moja em formas transmissoras do encôsto que enlanguece. Esse ou essa que você ama se torna assim maior. Mais poderoso. E se apodera de você. Homens mulheres fortes fracos... Se apodera.

E pronunciado assim como ela faz em frente do outro, sai e se encosta no dono, é beijo. Por isso ela repete sempre como de já-hoje inutilmente:

— Entendeu, Carlos?

E êle jogando un dos tais risinhos alastrados com que desaponta sempre:

— Quasi! mas adivinhei!

Eis aí uma das coisas com que Fraulein não se dava bem. Pra ela era preciso entender sempre. Carecia de saber o significado das palavras. Sinão não compreendia mesmo. Estes brasileiros?!... Uma preguiça de estudar!... Qual de vocês seria capaz de decorar que nem eu página por página o dicionario de Michaelis pra vir pro Brasil? Não vê! Porém quando careciam de saber sabiam. Adivinhavam. Olhe agora: Que podia Carlos entender si ignorava o sentido de muitas daquelas palavras?

— Então diga o que é.

O menino meio enfiado vai vivendo:

— E' que eles ficaram sentados na praia de

mãos dadas muito juntinhos. Depois êle deitou a cabeça no ombro dela. (Carlos abaixava a dele e já não ria) Depois... (lhe deu aquela vergonha de saber o que não sabia. Ficou muito azaranzado). A segunda estrofe não entendo nada! Vertraust... Quê que é vertraust!... Mas depois o coração deles principiou fazendo que nem o mar...

— Deles não, Carlos. Dele só.

— Deles! Ganz: todos! Aqui quer dizer dos dois, dela também!

— Você está adivinhando, Carlos! Mein Herz, o coração dele parecia com o mar. Ganz gleicht: parecia, era como, tal-e-qual.

— Hmm...

Desconsolado. Sensação de pobreza, isolamento...

— Não sei mais!

— Você está falando certo, Carlos. Continue.

— O coração dele estava tal-e-qual o mar... Em tempestade...

E de repente transfigurado numa confissão de olhos humidos arrebatou todos os simbolos murmurando:

— Mas êle tinha muitas peloras no coração!

Queria dizer perolas porém saiu peloras, quê que a gente ha-de fazer com a comoção!

Fraulein rispida:

— Escreva agora.

Rispida porquê de outro geito não se salvava

mesmo. Careceria pra abafar o... desejo? tampar o peito com a cabeça dele. Pampampam... Acelerado. Lhe beijar os cabelos os olhos os olhos a testa muito muito muito... Sempre. Ficarem assim!... Sempre... Depois êle voltaria do trabalho na cidade escura... Deporia os livros na escrivaninha... Ela trazia a janta... Talvez mais tres meses pronto o livro sobre "O Apêlo da Natureza na Obra dos Minnesänger"... Comeriam quasi em silêncio...

Carlos tambem escrevia letras alheias. Afobação cada vez mais forte. Intoleravel já. Como respirar? Perolas... Praquê perolas!... Que idea de Heine! A hora ia acabar... As letras se desenhavam mais lentas sem gôsto prolongando a miseria e a felicidade. A fala de Fraulein sêca riscava as palavras do ditado em acidas explosões navalhando a entressombra. Acabava desoladamente:

— ... Tiefe ruht.

Se levantou libertada. Porém no papel surgia em letras infelizes "tiefe ruth". Fraulein não poudé mais, se despejou sobre o menino com o pretexto de corrigir:

— Vou escrever com a mão de você mesmo, disfarçou.

O rosto se apoiou nos cabelos dele. Os labios quasi que, é natural, sim: tocaram na orelha dele. Tocaram por acaso, questão de posição. Os seios pousaram sobre um ombro largo musculoso agora

impassível escutando. Chuvarada de ouro sobre a barca abandonada de Danae... Carlos... êta arroubo interior, medo? vergonha? aterrorizado! indizível doçura!... Carlos que nem pedra. Fraulein com a mão dele escreveu em letras palhaças: "Tiefe ruht".

Não tinham mais nada pra se falar. Não tinham.

Quando saíram da biblioteca pela primeira vez uma desesperada felicidade de acabar com aquilo.

Porê m só Carlos desta vez é que não sabia bem direito o que era o "aquilo".

Pancadas na porta de Fraulein. Virou assustada resguardando o peito. Abotoava a blusa:

— Quem é?

— Sou eu, Fraulein. Queria lhe falar.

Abriu a porta e dona Laura entrou.

— Queria lhe falar. Um pouco...

— Estou às suas ordens, minha senhora.

Esperou. Dona Laura muito nervosa. Não sabia principiar.

— E' por causa do Carlos...

— Ah... Sente-se.

— Não vê que eu vinha lhe pedir, Fraulein,

pra deixar a nossa casa. Acredite: isto me custa muito porquê já estava muito acostumada com você e não faço má idea de si, não pense! mas... Creio que já percebeu o geito de Carlos... êle é tão criança!... Pelo seu lado, Fraulein, fico inteiramente descansada... Porêm êstes rapazes... Carlos...

— Já vejo que o senhor seu marido não lhe disse o que vim fazer aqui.

Dona Laura teve uma tontona. Escancarou olhos parados:

— Não!

— E' lamentavel, minha senhora, o procedimento do senhor seu marido. Evitaria esta explicação desagradavel. Pra mim. Creio que prá senhora tambem. Mas é melhor chamar o seu marido. Ou quer que desçamos pro hol?

Foram encontrar Sousa Costa na biblioteca. Ele tirou os olhos da carta ergueu a caneta vendo elas entrarem.

— O senhor me prometeu falar pra sua espôsa a razão da minha presença aqui. Lamento profundamente que o não tenha feito, senhor Sousa Costa.

Sousa Costa encafifou. Desacochado pela propria falta. Riscou uma desculpa sem inteligencia:

— Queira desculpar, Fraulein. Vivo tão atribulado com os meus negocios! Demais: isso é uma coisa de tão pouca importancia!... Laura, Fraulein tem o meu consentimento. Você sabe: hoje êsses

mocinhos... é tão perigoso! Podem cair nas mãos de alguma exploradora! A cidade... é uma invasão de aventureiras agora! Como nunca teve! COMO NUNCA TEVE!... Depois isso de principiar é tão perigoso! Você compreende: uma pessoa especial evita muitas coisas. E viciadas! Não é só bebidas não! Hoje não tem mulher-da-vida que não seja eterómana, usam morfina... E os moços imitam! Depois as doenças!... Você vive na sua casa não sabe... é um horror! Em pouco tempo Carlos estava sifilitico e outras coisas horríveis, um perdido! E' o que te digo, Laura, um perdido! Você compreende... meu dever é salvar o nosso filho... Por isso! Fraulein prepara o rapaz. E evitamos quem sabe? até um desastre!... UM DESASTRE!

Repetia o "desastre" satisfeito por ter chegado no fim da explicação. Passeava de canto a canto. Assim se fingem as coleras e os machos se impoem enganando a propria vergonha. Dona Laura sentara-se numa poltrona, maravilhada. Compreendia. Porém não juro que compreendesse tudo. Aliás isso nem convinha pra que pudesse ceder logo. Fraulein estava indignada. Que diabo! atos da vida não é arte expressionista que pode ser nebulosa ou sintetica. Não percebera bem a claridade latina daquela explicação. O metodo germanicamente dela e didatica habilidade no agir não admitia tal fumarada de palavras desconexas. Aquelas frases sem dicionario nem gramatica irritaram-na inda.

mais. Queria exigia sujeito verbo e complemento. Só uma coisa julgara perceber naquele ingranzêu, e que engraçado! justamente o que Sousa Costa pensava mas não tivera a intenção de falar: pagavam só pra que ela se sujeitasse às primeiras fomes amorosas do rapaz.

Este circunloquio das “fomes amorosas” fica bem não acha? Evita o libido da nomenclatura psicoanalista, antipático vago masculino e de duvidosa compreensão leitoril. As fomes amorosas são muito mais expressivas e não fazem mal pra ninguém. Isto é: vir na casa de Sousa Costa unicamente pra se sujeitar às tais de Carlos o homem-dosonho de dentro de Fraulein vê nisso um insulto e principia a chorar. Sem um gesto, bem plantadinha nos pés com a nobreza que a indignação nunca negou pra ninguém, Fraulein discursa:

— Não é bem isso, minha senhora. (Se dirigia pra dona Laura porquê o homem-da-vida estava um pouco amedrontado com o geito de Sousa Costa. E também, sejamos francos, isto é, parece... Será que conservava uma esperancinha? Aquilo inda podia se arranjar... Homem! ninguém o saberá jamais). Não é bem isso, minha senhora. Não sou nenhuma semvergonha nem interesseira. Estou no exercício duma profissão. E tão nobre como as outras. E' certo que o senhor Sousa Costa me tomou pra que viesse ensinar a Carlos o que é o amor e evitar assim muitos perigos si êle fosse

obrigado a aprender lá fora. Mas não estou aqui apenas como quem se vende. Isso é uma vergonha!

— Mas Fraulein não tive a intenção de!

— ... que se vende! Não. Si infelizmente não sou mais nenhuma virgem também não sou... não sou nenhuma perdida.

Lhe inchavam os olhos duas lagrimas de verdade. Não rolavam ainda e já lhe molhavam a fala:

— ... E o amor não é só o que o senhor Sousa Costa pensa. Vim ensinar o amor como deve ser. Isso é que eu pretendo *pretendia* ensinar pra Carlos. O amor sincero elevado cheio de senso prático, sem loucuras. Hoje, minha senhora, isso está se tornando uma necessidade desde que a filosofia invadiu o terreno do amor. Tudo o que ha de pessimismo pela sociedade de agora! Estão se animando cada vez mais. Pela influencia ás vezes até indireta de Schopenhauer, de Nietzsche... Embora sejam alemães. Amor puro sincero, união inteligente de duas pessoas, compreensão mutua. E o futuro de paz conseguido pela coragem de aceitar o presente.

Rosto polido por lagrimas saudosas. Quem vira Fraulein chorar!...

— ... E' isso que eu vim ensinar pra seu filho, minha senhora. Criar um lar sagrado! Onde é que a gente encontra isso agora?

Parou arfando. "Lar sagrado" lhe fizera resplandecer o castanho dos olhos num lumeiro de anseios. Se aproximava da santa sob a figura energética da enfermeira. Mas convicção protestante, nobilíssima não discuto porêr sem a latinidade que dá graça e objetiva o calor da beleza sensual. Lembrou ainda outra vez indignada:

— Foi isso que vim ensinar pra seu filho e não me entregar. Mas vejo que sou tomada por outra mulher aqui. Deixarei a sua casa amanhã mesmo, minha senhora. E penso que não tem mais nada pra me falar.

E' certo que Fraulein tinha esclarecido muito o que viera fazer na casa deles porêr dona Laura que tinha percebido tudo com a explicação de Felizberto agora não compreendia mais nada. Afinal o que era mesmo que Fraulein estava fazendo na casa dela?

Fraulein esperou um segundo. Nada tinham pra lhe falar aqueles dois. Cumprimentou e saiu. Subiu pro quarto. Fechou-se. Tirou o casaco. O pensamento forte imobilizou-a. Comprimiu o seio com a mão ao mesmo tempo que amarfanhava a cara dela uma dor vigorosa. Incompreendida assim! Foi um minuto apenas. Dominou-se. Tinha que despir-se. Continuou se despindo. E Carlos?... Minuto apenas. Varreu o carinho. Prendeu com atenção os cabelos. Lavou o rosto. Se deitou. Um momento no escuro os olhos inda pestanejaram pensativos.

Não tinha nada com isso: Haviam de lhe pagar os oito contos. Mas agora tinha que dormir, dormiu.

Aquilo de Fraulein falar que “hoje a filosofia invadiu o terreno do amor” e mais duas ou tres largadas que escaparam na fala dela só vai servir pra dizerem que o meu personagem está mal construido e não concorda consigo mesmo. Me defendo já.

Primeiro: Que mentira, meu Deus! dizerem Fraulein personagem inventado por mim e por mim construido! Não construí coisa nenhuma. Um dia Elza me apareceu sem que eu a procurasse. Nem invocasse pois de espiritismos não me valho. Sou incrêu de mesas volantes e de mediuns dicazes. Aquelas não valem um tangará. Quanto a mediuns dicazes — bonito adjetivo! — é sabido que escrevem sonetos de Bilac e arengas de Pedro Lessa mais piores que um distico de versejadores de terceira plana ou exordio de oradores diplomandos em sciencias e letras. Ora si os discursos das faculdades juridicas como vates de segundo grau já são cacetes se imagine o que engendra a facundia sonambula dos mediuns e dos espiritistas em geral! Dicazes.

Um dia Fraulein apareceu diante de mim e se contou. O que disse aqui está com poucas virgulas vernaculização acomodaticia e ortografia. E' minha a fusão dos tês gemeos e a metamorfose em efes dos pê-agás. E' tambem minha esta propensão pra reticencias e admirações. Os personagens, é possivel que uma disposição particular e momentanea do meu espirito tenha preparado as somas por êles apresentadas, essa toda a minha culpa porêem asseguro serem criaturas já feitas e que se moveram sem mim. São os personagens que escolhem os seus autores e não êstes que constroem as heroínas deles. Virgulam-nas apenas pra que os homens da Terra possam ter delas conhecimento suficiente. Sinão passariam despercebidas. E' tudo.

Segunda e mais forte razão: Afirmarem que Fraulein não concorda consigo mesma... Mas eu só quero saber neste mundo misturado quem concorda consigo mesmo! Não tem não. Somos misturas incompletas, assustadoras incoerencias meta-des tres-quartos e quando muito nove-decimos. Até afirmo não existir uma só pessoa perfeita de São Paulo a São Paulo a gente fazendo toda a volta dêste globo com expressiva justeza adjetivadora chamado de terraqueo. Mesmo scientistas já afirmaram isso tambem. Desde Gley, Chevallier e Fliess se acredita que os seres foram de primeiro hermafroditas. Antes dêsses senhores Darwin estivera a escrever coisas pros leitores inteligentes

do tal de globo terraqueo. Então se começou a falar em seleção e outras espertezas que permitiram êste saporosissimo schisma em seres imperfeitos machos e femeas imperfeitas. Que invento admiravel o schisma! Pouco depois da "Origin of Species", corriam os anos, nasceu na Alemanha uma criancinha. Mamava que nem as outras, berrava sonoramente e trocava os dias pelas noites pra dormir. Com o acumular dos meses foi crescendo. Inevitavel. Falava já o "papa", "mamã" e se tornara o enlêvo das visitas. So übsch. Mein Liebling. Escutando essas melodias agradaveis a criancinha continuava crescendo. De "übsch" passou a "mein Bürschlein". Veio em seguida com a queda dos dentinhos a idade ingrata em que as crianças se tornam antipaticas e notaveis excrescencias. E o menino foi na escola. Principiou a estudar. E já sabia alemão!... Felizardo! Não teve que andar depois como eu errando os plurais da quarta e feminina declinação. Não careceu de decorar a lista copiosa dos mais incriveis verbos irregulares que o genio trapalhão desta humanidade inventou!... Pois emquanto eu decorava tais verbos e errava aqueles plurais o menino já estava mocico. Um belo dia se diplomou. Mandou vaidosamente imprimir uns cartões de visita. Batia. Entregava o cartão. Era introduzido pelo criado na ante-sala e emquanto tirava o sobretudo e as luvas pretas o outro levava o cartão ao dono da casa, geralmente sabio

de valor. Este lia wagnerianamente no bilhete: SIGMUND FREUD. Ah, faça entrar, falava satisfeito. Com muito mais satisfação que Hunding abrigando o Wolsung lendario. O joven diplomado entrava e ali mesmo no laboratorio a conversa durava horas estiradas e scientificas. Depois o joven diplomado se despedia e voltava pensativo pra casa. Como desse em seguida pra escrever coisas espantosas os alemães principiaram a lhe chamar Herr Professor Freud. Pois essa criancinha... que criancinha! essa plantinha inicial, essa Schachtelhalm que nem na teoria do Physicus de Franz Werfel, pois essa plantinha inicial inda veio fortificar mais as escrituras de Fliess, de Krafft-Ebbing sobre a nossa imperfeita bizarria! Afirmou que uma certa porção de hermafroditismo anatomico é ainda normal! Incrível! Incrível e desagradavel. A tanta sciencia e tão pouca anatomia eu prefiro aquela idea contada pelo padre Pernetty: "Les femmes ont plus de pituite et les hommes plus de bile... Certains philosophes ne craindraient pas d'affirmer que les femmes ne sont femmes que par un défaut de chaleur". E si quiserem ainda coisa mais grata é lembrar a fabula discreta contada por Platão no Banquete... Porém o que importa são as afirmativas daqueles alemães sapientissimos aqui evocados pra validar a minha asserção e lhe dar apparencia scientifico-experimental:

NÃO EXISTE MAIS UMA UNICA PESSOA INTEIRA NESTE MUNDO E NADA MAIS SOMOS QUE DISCORDIA E COMPLICAÇÃO.

O que chama-se vulgarmente personalidade é um complexo e não um completo. Uma personalidade inteiriça e concordante, milagre! Pra criar tais milagres o romance psicologico apareceu. De então começaram a pulular nas mil-e-uma noites das historias infantis os figurinos mecanicos. Figurinos que por serem assim agiram mais tarde fatalmente assim. Membros cerebros figados de latão que por serem de latão se moveram com a vulgaridade e gelidez prevista do latão. Oh! positivistas da fantasia! Oh ficções monotonas e resultados já sabidos!... Fraulein é senhorinha modesta e um pouco estúpida. Não dama nem padre de Bourget. Pois uma vez em defesa propria afirmou: "Hoje a filosofia invadiu o terreno do amor". Que surpresa pra nós! Ninguém esperava por isso não é verdade? D'aí uma sensação de discordancia eminentemente realista.

Eu sempre verifiquei que nós todos, os do excelente mundo e os da ficção quando excelente temos os nossos gestos e ideas geniais... Vocês tomem essa frase de Fraulein por uma idea genial que ela teve. E tanto assim que produziu uma surpresa nos leitores e outra em Sousa Costa e dona Laura. De tal fôrça que os abateu. Estão faz quasi um minuto mudos e parados. Sousa Costa olha o

chão. Dona Laura olha o teto. Ah! criaturas, criaturas de Nosso Senhor, quão dispares sois! As Lauras olharão sempre o céu. Os Felizbertos sempre o chão. Alma feminina ascencional!... E' o macho apegado às imundicies terrenas. Ponhamos imundicies terraqueas.

— Mas Laura você devia ter falado comigo primeiro!

— Mas quando é que eu havia de imaginar!... A culpa foi de você também!

— Ora essa é boa! Eu fiz o que devia! E agora ela vai-se embora!

A lembrança de que Fraulein partia lhes deu o sossêgo desejado. O mal foi dona Laura acentuar:

— E êle é tão criança!

— Tão criança? você não vê como êle está!

Sousa Costa não vira quasi nada ou coisa nenhuma. O argumento porém era fortissimo.

— Lamento profundamente que Fraulein vá-se embora. Carlos me preocupa... Está aí o filho do Oliveira! E tantos!... Eu não queria que Carlos se perdesse assim!

Viram imediatamente o menino mais que tremulo empalamado bebedor e jogador. Rodeavam-no ponhamos tres amantes. Uma era morfinomana ou-

tra eteromana outra cocainomana. Os dois conjuges tremendo horrorizados. Carlos desencabeçara duma vez. Nojento e cachorro. E o imenso amor verdadeiro por aquele primogenito adorado cresceu dentro deles estrepitosamente. Dona Laura abaladissima desafogava as memorias:

— Você não imagina... Passa o dia inteiro junto de Fraulein. Dela não me queixo não... Porta-se muito discretamente. Eu seria incapaz de adivinhar! As crianças têm progredido muito... Maria Luisa já fala bem o alemão... Pois até elas já perceberam! Você sabe o que são essas crianças de hoje. Toda hora mandam Carlos ir bolir com Fraulein!

Sousa Costa gostou da intelligencia das filhas.

— E'!... Pestinhas!

Depois se assustou. Crianças não devem saber dessas coisas. Principalmente meninas. Lembrou remedio decisivo:

— Você proiba elas de falarem isso! Tambem agora Fraulein parte!... Acaba-se com isto!

Suspirou. A idea de que Fraulein partia lhes deu o desassossêgo.

— A historia é Carlos...

— Eu tambem tenho medo!...

— Laura, as coisas hoje têm de ser assim. A gente não pode mais proceder como no nosso tempo. O mundo está perdido... Olhe: contam tantas dêsses rapazes... Não se sabe de nenhum que não

tenha amante! E vivem nos lupanares! Jogadores! isso então? não tem um que não seja jogador!... Eu também não digo que não se jogue... afinal... Um pouco de noite depois do jantar... Não faz mal. E quando se tem dinheiro, note-se! E juízo. Essa gente de hoje?!... Depois dão na morfina, é o que acontece. Veja a cor do filho do Oliveira! aquilo é morfina!

— Meu Carlos...

Sousa Costa se extasiando com o discurso:

— Fraulein preparava êle. Depois isso não tem consequencia... Quem me indicou Fraulein foi o Mesquita. O Zézé Mesquita, você conhece, ora! aquele um que está morando no Rio agora...

— Ah.

— Se utilizaram dela creio que pro filho mais velho. E o pior perigo é a amante! São crianças, levam a serio essas tolices, principiam dando dinheiro por demais... e com isso vêm os vícios! O perigo são os vícios! E as doenças! Porquê que êsses moços andam todos desmerecidos moles?... Por causa das amantes! e depois você pensa que Carlos si não tivesse Fraulein não aprendia essas coisas da mesma forma? Aprendia sim senhora! Si já não aprendeu!... E com quem! Bom! o melhor é não se falar mais nisso, até me dá dor-de-cabeça. Está acabado e pronto.

Porêm agora os dois convencidissimos de que aquilo não podia acabar assim. Aliás desde que

Sousa Costa empregara por reminiscencias romanticas a palavra lupanar. Eu já falei que toda a gente tem ideas geniais! Careciam de Fraulein. Pra sossêgo deles Fraulein devia ficar.

— Quem sabe... você falando com ela... ela ficaria...

— Eu acho melhor, Laura. Francamente: acho. Fraulein falava tudo pra êle, abria os olhos dele e ficavamos descansados. Ela é tão instruida! Depois pregavamos um bom susto nele. (Se ria). Ficava curado e avisado. Ao menos eu salvava a minha responsabilidade. Depois não é barato não! Tratei Fraulein por oito contos! Sim senhora: oito contos fora a mensalidade. Naturalmente não barateei. Mais caro que o Caxambú que me custou seis e já deu um lote de novinhos estupendos. Mas isso não tem importancia, o importante era o nosso descanso.

Pausa.

— Você proíba as crianças de falarem mais nisso.

— Pois é. Talvez ela fique... Você fala com ela amanhã...

Se ergueram. Entraram no hol. Mas aquilo continuar... Era bem melhor que Fraulein partisse. E depois ora! êle que se arrume! Boa educação, tivera. Bons exemplos em casa... E o mundo não era tão feio como parecia. E Carlos nenhum

arara... E as crianças já tinham percebido... que espertas!

Avançavam no pêso do ambiente. Dona Laura estava pensando também assim mais ou menos. Apesar disso largou mais uma vez, arrependida já do que falava:

— Amanhã você fala com ela... Talvez resolva ficar...

— Ah! mas eu falar!?!... Preferível você! Vocês são mulheres lá se entendam!

— Mas eu estou envergonhadíssima com ela, Felizberto! Com que cara agora vou pedir pra ela ficar!

— Por isso mesmo! Você arranjou o embrulho...

— Como você está aspero hoje!

— Mas você compreende que uma coisa destas não é nada agradável pra mim!

— Nem pra mim, então!... Sabe duma coisa? si quiser falar com ela, fale, eu não falo. O que eu posso é depois pedir desculpas pra ela... E também não quero saber mais disso, lavo minhas mãos. Você é que acha melhor Fraulein ficar...

Sousa Costa não achava mais melhor Fraulein ficar. Porém tinha achado. Enfiou as mãos nos bolsos e convicto:

— Eu... eu acho. Falo com ela amanhã.

Exaustos, mortalmente tristes, os conjuges vão dormir.

Duas horas da manhã. Vejo esta scena.

No leito grande entre linhos bordados dormem marido e mulher. As brisas nobres de Higienopolis entram pelas venezianas. Servilmente aplacam os calores do verão. Dona Laura com o colo livre das colchas ressona boca aberta apoiando a cabeça no braço erguido. Braço largo achatado nú. A trança negra flui pelas barrancas moles do travesseiro, cascadeia no álveo dos lençóis. Concavamente recurvada a espôsa toda se apoia no espôso dos pés ao braço erguido. Sousa Costa completamente oculto pelas cobertas enrodilhado se aninha na concavidade feita pelo corpo da mulher. Ronca. O ronco inda acentua a paz compacta.

Estes dois seres tão unidos tão apoiados um no outro tão Baucis e Filamão creio que são felizes. Perfeitamente. Não tem raciocinio que invalide a minha firme crença na felicidade dêstes dois cidadãos da Republica. Aristoteles... me parece que na Politica afirma serem felizes os homens pela quantidade de razão e virtude possuidas e na medida em que por estas regram a norma do viver... Estes conjuges são virtuosos e justos. Perfeitamente. Sousa Costa se mexe. Tira um pouco pra fora das cobertas algumas ramagens do bigode.

Apoia melhor a cara no sovaco gorduxo da mulher. Dona Laura suspira. Se agita um pouco. E se apoia ainda mais no honrado espôso e senhor. Pouco a pouco Sousa Costa recomeça a roncar. O ronco ainda acentua a paz compacta. Perfeitamente.

Quando veio pro café na hora de sempre supponho que Sousa Costa e mulher ainda dormiam. Justissimo. Reparavam o esforço gasto. Não encontrou ninguém e Tanaka se aproveitou disso pra servi-la mal. Nem pôs reparo na escaramuça do japonês. Pensava. Isto é... Pensaria?

Estava muito pouco Fraulein no momento. Se derramava de si mesma, como um excesso, pela região terrestre dos homens alemães. Se espalhava por vales e florestas vilas e cidades. Atingia a beira da Alemanha. Parava ante o Mar do Norte e quebrando o impeto ascencional já esguia junto da Dinamarca criava novo impulso numa disparada pelas praias do Baltico. Podia assim saltar a mão com que a nostalgia da Polónia pelo mar fraccionara as terras alemãs. Pois saltava pra ir se alastrar na ilhada Prussia Oriental. Não basta. Conteí que extravasando da sua restrita personalidade ela abarcava os limites da patria... Falo de todos os limites da Alemanha actual. Fraulein se via pois obrigada a pular de novo terras polacas. Ia des-

zendo em curva porêr cedia depois, se machucando de encontro ao pulso agudo da Tcheco-Eslovaquia. Descendente ainda se esgueirava outra vez destrançando os cabelos brunos nas agulhas vegetais da Böhmer Wald. Entestava com a Austria fraterna. Minha irmã... Subia então os Alpes bavaros mal pondo os olhos no idílio sentimental do Tirol. Não tinha tempo agora pra gosar idílios mesmo sentimentais, ia depressa. Meu Deus! tropeçou de sopetão, escorregou! Veio se batendo tombando pelos itaimbés até mergulhar no lago Constança. Bordejava aguas de Suissa. Detestavel Spitteler! e finalmente galopava subindo pra terrenos muito sabidos. Sabidos!? Que é isso!... Nova tricolor de listras verticais!... R. F. Monogramas só em roupas brancas ficam bem... E foi nosso... Até um dia, Alzacia! Até quando, Lorena?... Galgava Luxemburgo e Belgica maldita. E enfim se encontrava a si mesma junto das areias baixas da Holanda. Cobria agora toda a Alemanha. Si complexa em si a personalidade isolada, agora abrangendo uma patria que será? Pois não basta ainda. Não basta rezar no Platt-Deutsch das planuras setentrionais as orações catolicas dos araxás e vales abertos do sul. Fraulein inda mais se avoluma e cresce gorgulha freme e desborda dos limites da Alemanha se espalhando pela Europa Asia Africa... Velho Continente. Não basta. E vai nos mares e penetra chãos americanos e de repente

assim se irradiando assim tudo cobrindo se encontra consigo outra vez e se confunde em si mesma. Agora ela é a terra inteirinha. Agora basta.

Esta imagem é pra contar uma coisa afinal muito simples e de poucas palavras: Fraulein sofre. E porquê sofre está alem de Fraulein alem de alemã alem de europeia: é um pequenino ser humano.

Por isso turtuveei no falar que ela pensava. Sofre. Não pensa bem porquê sente por demais. Acumula apenas farrapos de pensamentos. Farrapos não! Palavra que insulta... Lembra Bethmann Holweg. Que culpa tem Fraulein dos "farrapos de papel" de Bethmann Holweg? Nenhuma. Retiremos os farrapos. Ela apenas acumula ponhamos migalhas de pensamentos. Não. Antes preludios de pensamentos que fica mais musical. Simultaneos brotam na consciencia dela desenhos inacabados, isto é, preludios de ideas. Umas dolorosas outras dolentes outras macabras. Até? Até macabras. Zum Henker! Um chacoalhar de ossos mal presos anuncia que por detrás a morte passa calçada e masculina pros que pensam em alemão, der Tod...

Esse esgotar lento e invisível de forças e gastar de tentativas dia a dia... Subito que cansaço! Ah!... Não melhora mesmo! E achará casamento?... A brigar se aviltar por oito contos... Tanaka... Correio Paulistano... Se aviltar não. Abandonava Carlos... Isto lhe doia, doia. Não nega

não. E aonde ir agora?... Quartinho de pensão... E nova espera... Mal-e-mal ia dobrando os vestidos retirados da guarda-roupa. Abria malas. Recordava em corisco os dinheiros ajuntados... H. Blumenfeld & Comp. Do Rio de Janeiro... E' certo que podia em breve descansar... Ai... Casa-va... De tarde êle voltava do trabalho... Jantavam... Muito magro, olhos sem aro... A Pastoral?-A Pastoral... Universidade... Assim mesmo o Brasil não fôra muito propício pra ela não... Frau Benn pedira de emprestado 60 milreis... Imaginava bem mais faceis progressos ao abordar imigrante a terra americana... Passara uma vez quasi dois anos sem encontrar o trabalho dela, de casa em casa professora de alemão e piano... E devia se calar. Si acaso se propunha a algum chefe-de-familia a recusa vinha logo... Rispida. Falta de entendimento e de prática... Dêste povo inteiro. E era sempre aquilo: no outro dia a senhora vinha muito saxeia e... Mas é mesmo possível que uma pessoa olhe pros outros de cima altivamente?... Só porquê tinha dinheiro?... Lhe entregava o envelope com a mensalidade. E quando não descontavam as lições que inda faltava dar... Agora os meninos iam descansar um pouco, mais tarde quando fosse pra recommear avisariam... Praquê mentir?... Preciso comprar meias brancas. Como eram complicados os latinos. Cansativos...

Fraulein achava desnecessaria tanta mentira-

da. E bobo tanto preconceito. De primeiro isso irritava bastante o deus encarcerado. Era um berreiro de atordoar dentro do corpo dela. Achava que o ideal da honra era repetir aquela frase que Schiller botara na boca de Joana D'Arc: "Não posso aparecer sem minha bandeira". Ser sincera. Mas qual, as mãis brasileiras quando se tratava dos filhos eram pouco patriotas. Fraulein foi obrigada a guardar a bandeira. E não sei si o deus encarcerado acabou se adaptando também, sei que não fez mais chinfrim. Só ficou aquele pensamento de que podia ser bem mais sincera na Europa. E na Alemanha então?... Porém sofria-se muito agora. lá. Fraulein não gostava de sofrer. As notícias chegavam cada vez mais tristes. A última carta do irmão eram dois braços implorantes prá America... America desilusoria. Afinal nem tanto assim. Não se morria de fome. Trajava boas fazendas. Sobretudo comia bem.

Fraulein começou arranjando com mais atenção os vestidos. Porém sabia que chegando a hora de descansar só lhe seria possível o sossêgo na velha patria alemã.

— Patrão está chamando.

Esperança! Onde estava Sousa Costa? Correu prá porta.

— Tanaka...

Ninguém mais no corredor.

— Pöbel.

Se apressou diante do espelho. Deu um toque nos cabelos. Concertou a blusa. Sousa Costa esperava no hol. Fez ela entrar na biblioteca.

— Fraulein... antes eu tenho de lhe apresentar as nossas desculpas. Laura não sabia de nada e foi precipitada. Ela é mãe, Fraulein... Mas está muito arrependida do que fez.

— Não tem dúvida, senhor Sousa Costa. O mal foi o senhor... E' verdade que o senhor se esqueceu.

— Esqueci, Fraulein... esqueci. Tantos negocios! E' impossivel a gente se lembrar de tudo mas Laura fez mal. Fraulein... ha-de concordar comigo... o que passou passou não é assim? Laura está convencida de que a senhora... Deve abandonar a idea de ontem, Fraulein. Eu... nós lhe pedimos que fique.

— Mas senhor Sousa Costa...

Esperou. Sousa Costa também esperou. D'aí nascer um silêncio. Aproveitemo-lo pra observar o seguinte: Fraulein não hesitava como fez parecer. Queria ficar. Estava certa de ficar. Então porquê hesitou? Porquê é de praxe se fazer de rogada a pessoa vulgar. E' preceito desta não voltar atrás sem muita insistencia dos outros. Se compreende pois o abandono em que vive a bandeira de Joana D'Arc.

E porquê Sousa Costa esperou? Porquê a hesitação da moça lhe dava esperança nova. Si ela recusasse... Que bom! Acabava-se com aquilo! Que eram oito contos pra êle! Nada. Por isso não insistiu. Esperou. Porém ela foi mais forte. Ascendencia de raça superior. Sousa Costa principiou a ter vergonha do silêncio. Ascendencia de boa educação. Insistiu:

— Desista de partir, Fraulein.

— E' que...

Agora Sousa Costa se calou duma vez. Cumprira com o dever. Assim ela não se dobrasse ás razões que dera!... Fraulein não percebeu isso mas ficou com medo de hesitar mais. Ele podia aceitar aquilo como recusa. E devemos ser francos nesta vida. Sempre fôra simples e franca. Si aceitava devia falar que aceitava e deixar-se de candongas. Sempre fôra como a Joanna de Schiller que não podia aparecer sem a bandeira dela. Emendou logo:

— Bom, senhor Sousa Costa. Como o senhor e sua espôsa insistem eu fico.

Ora, Fraulein, vá saindo! Ninguém insistiu tanto assim. Não. E' certo que Sousa Costa e dona Laura insistiram, esta com o marido e êle com Fraulein. Mas porquê insistiram si não queriam? Ninguém o saberá jamais. Insistiram simplesmente. Fraulein é que ficará por causa da insistencia. Por causa disso. Será melhor dizer que por adapta-

ção. Isso: por adaptação. Também se pode pensar no desejo vigiando... sensualidades... Vamos pra diante!

Como tombam as expectativas! A alma espera. A postura da espera é estar suspensa. A alma parece então um pinheiro do Paraná. Todos os ramos em corimbo erguidos pra cima. Os ramos se sustentam muito bem ascendendo pro alto expectantes. Enrija-os a seiba da esperança, que é forte. Depois falha a expectativa. O pinheiro do Paraná vira pinheiro da Suecia. E os ramos descendentes uns nos outros se apoiando até que os mais de baixo se arrimam no chão.

O pinheiro da Suecia volta macambusio pro quarto conjugal. Dona Laura, pinheiro do Paraná:

— Recusou?

— Aceitou.

Dona Laura pinheiro da Suecia. Sousa Costa suspira e:

— Assim é melhor, Laura.

— Muito melhor, Felizberto.

Os dois agora estão convencidos de que o caso resolveu-se bem. Si Carlos de perdesse... Satisfeitos. Vão se vestir. Vão viver. Que sossêgo esta vida boa!...

E que gostosura liquidar um caso! Quasi todos conservam a impressão de ter vencido.

Susto. Os temores entram saem pelas portas fechadas. Chiuiiii... Ventinho apreensivo. Grandes olhos espantados de Aldinha e Laurita. Porta bate. Mau agouro?... Não... Pláaa... Brancos mantos... E' ilusão. Não deixe essa porta bater! Que sombras grandes no hol... Porquês? tocaiando nos espelhos nas janelas. Janelas com vidros fechados... Que vazias! Chiuiiii... Olhe o silêncio. Grave. Ninguém o escuta. Existe. Maria Luisa procura. Toda ouvidos ao zunzum dos criados. Porquê falam tão baixo os criados? Não sabem. Espreitam. Quê que espreitam? Esperam. Quê que esperam?... Carlos soturno. Esta dorzinha no estomago... O inverno vai chegar...

Ninguém sabe de nada. Si ninguém escutou nada! Mas a vida está suspensa nesse dia.

Andando por êstes mundos apenas descobri uma profissão á qual o alemão não se adapta. A do garçon. O alemão não sabe, não pode ser garçon. Mostre-se embora rapido e solícito, simpatico, feliz não é eficaz. Essas mesmas qualidades indispensaveis no garçon se transformam no alemão em motivos de afastamento.

Sempre observei o comovente compromisso trocado entre o freguês que bebe e o garçon que serve. O verdadeiro freguês não pede sómente uísque e sanduíches, traz pro restaurante um diluvio

de pedidos inexpressos inconscientes que urge satisfazer tanto como a sêde. Quem serve deve saber disso. O verdadeiro garçon sabe disso. Com olhar e sorriso ventando brisas de despreocupação envolve o freguês numa atmosfera íntima de paz e suavidade. E deve estar sempre atento. Porê m que a atenção dele, êsse cuidado em servir bem e a tempo não se entremostre siquer, o freguês adquiriria a noção compressiva do minuto que passa — prejudicial ao descanso dele e á prosperidade do bar.

Outro dever principal do bom criado é saber desejar pelo freguês. Não se esqueça que êste é por excelencia o homem que pede. Pede até o proprio desejo. Em verdade si um homem senta-se ante a mesinha do Café e pede um chôpe e unicamente um chôpe é freguês perdido. Antes tranzeunte alterado cheio de trabalhos em seguida. Pois então o garçon se transfigura. Deve mostrar pressa pra que o negociante não esqueça a dele. Mas intencionalmente roçará o alvissimo frio do paletô pela mão ombro do sedento. Oh a maternal piedade dos linhos tão sadia! que nos incita a de novo trabalhar e vencer... O frescor ensalmante do brim claro como previsão de pazes futuras prá mão que tremerá daqui a pouco assinando o contrato ou recebendo os cem contos que não lhe pertencem... Porê m o homem do chôpe rapido não é freguês. Este é o sem-rumo tanto no

tempo como na vontade. Vem. Se abanca. Entre os pedidos que não articula um dos mais preciosos é o de querer querer. O garçon tem de lhe propiciar o desejo. Deve penetrar-lhe no corpo conhecer-lhe num olhar os achaques. Descobrir tendencias adivinhar gôstos inventar consolos recriar a alegria. Deve ir mais alem mesmo: Ir até nos segredos da sensação e sentimentos vagos enterrados no inconsciente pelos quasi tanto se sofre sem saber porquê. Me lembro do dia em que freguês penetrei num bar do Rio de Janeiro. Não tinha nada que fazer. Banzava, meus desejos satisfeitos, sem esperanças nem saudades. Estava perfeitamente em dia comigo mesmo. No emtanto não era feliz. Porquê? Foi quando me veio servir um brasileiro talvez mulato lembrando na pele essa cor quasi palida das práias. Porém o Sol crepuscular reflete os rubores na areia das práias. Assim êle. Que desejaria eu, Deus dos cristãos! Queria querer. Era uma das razões do mal-estar, meu tédio. Carecia dessa dinamica do desejo, causa assú pela qual a vida interessa. Veja agora como o criado me serviu. Quando me deu o boa-tarde com a deiscencia dos labios rindo e os dentes decorativos comecei a me interessar desde logo. Me interessar, intransitivamente, sem complemento direto, reação. Misturadamente êle me falou da beleza da tarde e precisão em que eu estava, de outra terra descobrira em mim o paulista aliás coisa facil

pelo paulista que está sempre do lado de fora dos paulistas) precisão de ir ver a queda da noite do Pão-de-Assucar e do extraordinario cocteil propriedade da casa. Senti a delícia da hora me orgulhei de São Paulo e pedi o cocteil. Entretanto si me pusera de novo a viver já interessado, permanecia em mim a sensação de falta, pobreza, de omissão. Não estava ainda feliz. E bebia mal o cocteil tão detestavel como todos os cocteis. De vez em quando o meu garçon passava rapido mas bamboleante pelo meu olhar. Era que nem dansa habiliissima que mal tocava o chão. O bailarino parecia feliz. Me regava de prazer como vaporizador benéfico. Seus olhos de tanta luz! me agasalhavam, se interessavam por mim, eu sabia...

— Já venho.

E foi levar o cocteil propriedade da casa a outro freguês. "Já venho" porquê? Não o chamara. Mas já se aproximava sem me dar tempo pra sofrer com a inquietação. Lhe percebi no olhar um momento de intensa procura. Disfarçou dispondo melhor uma cadeira. Limpou o marmore limpo da mesa mostrando o punho suficiente. Muito calmo, arrastando o gesto.

— O senhor desejaria... cigarros?... fosforos!

Isso. Queimara fazia pouco meu ultimo fosforo. Em breve lá fora talvez no bonde talvez na Atlantica sem charutarias metendo na boca o ci-

garro me faltaria fogo. Nem era propriamente a ante-sensação da contrariedade que me anulava o bem-estar atual e me deixava assim quasi infeliz. Era a falta imediata de fosforos mesmo sem vontade de fumar. O fumador carece de fosforos á mão mesmo que não esteja pra fumar. Carece de fosforos. Só isso. Lá vinha êle com os fosforos. Rasgara o sêlo que tanto impertina quando a gente abre caixa nova. Fazia a caixeta correr no resguardo me livrando assim de inuteis pequenininhos esforços futuros. Fiquei completamente feliz. Jantei bem. Fui no cinema. Beije com os olhos todas as mulheres que encontrei e.

Genial garçon! Fosse eu rico êle seria meu, meu pra sempre! meu até a morte!...

Incompetencia pra adivinhar os fosforos eis o principal defeito do Kelner alemão. Nunca desejará pela gente. Jamais em tempo algum ha-de ajudar a gente a querer. Fica sentado em cima dum rochedo qual junto dum penedo outro penedo, mudo loiro frio, muito loiro e frio... Não nego tenha qualidades servis. E' mesmo quasi sempre solícito e discreto. Mas duma solícitude que irrita e discreção que fere.

Quanto mais admiraveis os garçons franceses! Não falo agora do criado inglês, Phipps, entidade romanesca, severo e absolutamente idiota. Impassível. Detesto o criado portugua, burrissimo e colocador de pronomes. Abomino o espanhol, pegajoso

esguio, frequentemente de olhos verdes. O italiano seria bem mais apreciavel mas tem unhas sujas — qualidade mais que inutil pra dispor sobre a mesa talher prato e a sensualidade traiçoeira das pastelarias.

A França é a terra dos poetas classicos e dos garçons geniais. Olhe como êle se multiplica liquefaz e transcende a desordem escura da vida subjugando-a metodizando-a. Nada tem de mais classico na França que a bem composta servilidade do garçon. A França criou o garçon. A propria França é o garçon da humanidade. Veja a literatura dela e artes todas. Onde o Shakespeare que revela? o Dante que domina? o Cervantes que descobre? o Dostoiewsky que acabrunha? Onde o Rubens que incendeia? o Miguelanjo que alucina? o Mozart que diviniza? Não. Porêm sob a capa amarela encontraremos o adivinho dos fosforos. “Un peu de chaque chose e rien du tout, a la françoise” não? Montaigne... Tem de tudo em dose humana e comedida. Divinatória solicitude, abundancia amornante, discreção camarada. Racine e Colette, Ingres e Delacroix Couperin e Massenet. Claridade risonha, felicidade e scepticismo, morte dos deuses, morte dos misterios e da bruma, meio-termo. Meio-termo! Afastamento dos angustioso e do incomensuravel. Medida. Ordem. Clareza. Claridade!

França, filha unica da Grecia! Garçon, filho de lavadeira! Esta alimpou da truculencia e misti-

cismo barbaro da Asia a roupa branca que pelos seculos dos seculos resguardará de chuva e frio a epiderme da humanidade pensativa. Lavou genialmente. Linho mais alvo que Socrates, Platão, Aristoteles não tem. Mas não basta a roupa não. O garçon veio preparar a janta succulenta e vária com pratos pra todos os estomagos e vinho pra todas as guelas. Riqueza carinho e comedimento. Curiosidades pra todos os curiosos, mediana calma pra todos os agitados, duchas quentes e duchas frias. Duchas escocesas. E sobretudo maravilhosamente o descobrimento dos fosforos... Eu te venero, França! ôh servidora ideal, garçon da gente!...

— Fraulein... que foi que houve, heim!

E ficou rubro rubro da coragem.

— Quando, Carlos?

Ele envergonhadissimo. E ela não ajudava esperando... Por último inda repetiu escangalhando o menino:

— Quando?

Ele mentiu:

— Pensei que você estava doente. Não me deu lição ontem...

— Estive doente, Carlos.

— Já sarou...

— Já. Continue a lição. Não houve nada. Futuro:

— Ich werde gefallen... Fraulein! Eu não quero que você saia daqui de casa!

Ela sorrindo pra refrescar o arroubo ôh! descansou a mão na dele.

— Não vou sair, Carlos, sossegue.

— Ich werde gefallen, du würdest gefallen... continuou retirando a mão.

Fraulein nem reparou que êle passava do futuro pro condicional: Eu cairei, tu cairias si... etc. Ela estava pensando que carecia apressar e acabar com aquilo sinão. Chegou mais a cadeira por acaso. E o menino continuava aos trambulhões errando muito.

Ultimo quarto da hora. O detestado. Carlos detestava o ditado. Fraulein tambem. O ditado? Não. O último quarto da hora. Por causa do ditado. Ou detestava o ditado por ser no último quarto da hora?... Ninguém o saberá jamais. Sobre a grande escrivaninha, legítimo liceu-de-artes-e-ofícios tão imitado pelos velhos entalhes coloniais, o menino escrevia com lentidão. Hesitava mais que o necessario. Sucedia que então Fraulein se inclinava sobre êle pra ver as letras e corrigir. Fraulein era miope. Inclinação. Se encostava toda nele. Carlos não gostava daquilo. Escritorio humido frio fechado no silêncio. Os ultimos calores do outono derretiam a luz lá fora e esta escorrendo pela janela entresserada se coagulava no tapete. Dansarinamente na linfa luminosa a poeira. Carlos não

suportaria mais o malentendido. Isso via-se. A angústia interior imperiosa aterrorizante avisava-o também disso. Confessaria hoje agora já na lição. Será que Fraulein também percebera o desespero do menino? Auxiliava. A hora acabava. Carlos planejava com horror não falar nada. Respiração multiplicada sonora. E era verdade que esquecia-se das letras agora. Sehnsucht tinha agá ou não? Desejaria escrever rapido acabar! Correr ao Sol noutra calor!... Fraulein com o braço esquerdo no espaldar da cadeira de Carlos ponhamos nas costas do rapaz se despejou sobre êle amoldada:

— Deixe ver.

Deitou o braço direito sobre o dele. Lhe segurava a mão soerguendo-a do papel. Assim, não é pra intrigar, porém êle ficava abraçado. Abaixou a cabeça querendo e não querendo, que desespero! Era demais! Se ergueu violento. Empurrou a cadeira. Machucou Fraulein.

— Não escrevo mais!

Ela ficou branca. Teve um golpe. Custou o:

— Que é isso? Venha escrever, Carlos!

— Dêsse geito não escrevo mais!

Abriu a luz da janela. Olhava pra fora raivosamente enterrando virilmente as mãos nos bolsos do pijama. Incapaz de sair daquela sala. Fraulein não compreendia. Estava bela. Corada. Os cabelos eriçados metálicos. Doia nela o desejo daquele in-

genuo. Amou-o no momento com delirio. Revelação! Todos os instintos baixos dela, porquê baixos! todos os instintos altíssimos dela guardados por horas... altos ou baixos? ninguém o saberá jamais! guardados por horas por dias meses surgiam somados numa carreira de estouro que só a exaustão pararia. E êle era mais forte, duma fôrça de pureza! Vencia-a. Si partisse: tudo acabado. Oh não queria não! Vai falar pro pai, não sei... Mesmo que sofresse tambem, era capaz de trazer Maria Luisa prás lições... E nunca mais ficará só com ela com aquela que desejava que pedia de amor... Depois começaria a pensar nela... Aos poucos ei-la idealizada, lá longe... Não! Assim Fraulein não queria. E não reparava que Carlos era muito quotidiano pra tais idealizações. Isso prova só que Fraulein era ruim observadora nada mais. Ou por causa da ardencia do instante. Aliás já tinham ambos ultrapassado o pensamento de amor. Carlos não sairá daquela sala assim mãos nos bolsos labios pobres alma interrogativa.

— Mas que modos são êsses, Carlos... Responda! dolorida.

Ele deu um som muchochado com a lingua sacudindo a cabeça recurva balançando o corpo numa irritação motivada sem nexo. Batia o calcanhar. Fraulein se aproximou. Que pedido sublime murmurando aquele:

— Venha escrever...

— Não escrevo mais já disse...

— Venha...

Tinha de ser a primeira a se confessar. Ela era a mais forte, da fôrça de sabença. Teve tristura por isso. Carlos por seu lado mais calmo. A revolta lhe desagrupara os tais instintos altíssimos. Quando Fraulein toda entregue amolecida emoliente lhe segurou no braço:

— Venha... Você me entristece, Carlos...

Ele não sentiu nada. Imaginou que estava tudo acabado e vencera o. Opôs apenas por opor:

— Mas a hora já acabou...

— Não ainda...

Voltaram prás cadeiras. Muito unidos agora. De proposito. Sabiam que estavam unidos de proposito. Amantes e confessados. Sehnsucht tinha agá.

— Ora Carlos. Como é o ésse maiusculo?

E como se afastara um pouco dele no recuo parlamentar dos espantos Carlos não poudé suportar o gôso perdido. Olhou pra ela. E canalha se rindo quasi, de vergonha, vencedor:

— Venha! Fique daquele geito!

Enlaçava-lhe a cintura enfim. Puxou-a. Botou a cara gostosa no colo dela. Aonde nascem os aromas que atarantam. Lhe beijou as roupas. Depois um medo grande dela vergonha desmedida, se refugiou dela nela. Sensualmente afundou olhos na-

riz no corpo da querida. Pra se esconder. Fraulein sufocou-o contra o peito nos braços enrolados.

Quando êle sentiu sobre os cabelos uma respiração de noroeste, principiou a imaginar e criticar. Criticar é comparar. Que gôsto teriam êsses beijos do cinema? Ergueu a cara. E pois que era de novo o mais forte beijou Fraulein na boca.

Das lombadas de couro os grandes amorosos espiavam. Dante. Camões. Dirceu. Não digo que pro momento filmico do caso êstes sejam livros exemplares porêm asseguro que eram exemplares virgens. Nem cortados alguns. Não eram fecundos pois.

O caso é que Sousa Costa escutando um amigo bibliofilo gabar exemplares caros, falara pra êle:

— Olha, Magalhães, veja si me arranja uns dêsses prá minha biblioteca.

Por isso que possuia aquele Camões tão grande, aquela Vita Nuova em pergaminho, um Barlaeus e um Rugendas bom pra distrair as crianças dia de chuva.

Ahn... ia me esquecendo de avisar que êste idilio é imitado do francês de Bernardin de Saint-Pierre.

Carlos êsses tres dias viveu? Eu não sei si alcançar a maxima felicidade, extasiar-se aí, e sentir que ela apesar de superlativa inda cresce, e reparar que inda pode crescer mais... isso é viver? A felicidade é tão oposta á vida que estando nela a gente esquece que vive. Depois quando acaba, dure pouco dure muito, fica apenas a impressão do segundo. Nem isso. Impressão de hiato, de defeito de syntaxe logo corrigido, vertigem em que ninguém dá tento de si. E mais essa idea que retoma-se de novo a vida que das portas do Paraíso Terrestre em diante é sofrer e impedimento só. Estou convencido: Carlos não viveu êsses tres dias. Tres, porquê no quarto os arroubos se espevitaram tão alarmanamente que não podiam mais sujeitar-se ao ambito social da biblioteca e na mesquinha hora de lição. Pra êle talvez tempo e ambiente pouco importassem porêm nós já sabemos que Fraulein tinha o gôsto pelas metodizações. Alí não. Carlos aceitando a mania assim gemeu:

— Fraulein... eu queria te falar uma coisa...

Sem vergonha sorria. E fechou os olhos enca-
bulado. Se aninhara nos braços dela pra com mais
eficacia ordenar.

— Pois fale, Carlos.

— Aqui não!...

Estes paulistas falam muito devagar. Escute
como êle arrasta a voz:

— Aqui não!... De repente a hora acaba e a gente carece de sair... Podem desconfiar!...

Fraulein muda.

Certas coisas são muito difíceis de falar quando a gente tem quinze anos não pensa nas consequências e a querida espera muda. Carlos era inocente por demais pra supor que Fraulein. Sinão desembuxava. Qual desembuxava! agia. Porém como nada supunha não teve coragem pra. Alçou o braço. Puxou a cabeça dela. Deu o beijo.

— Uhmm... suspirou. E emudeceu. Silêncio. Principiou a brincar com os dedos dela e muito baixo:

— Sim?...

— Sim o que, Carlos?

— Ora!

De repente se apertando nos braços dela:

— Ah, vamos! diga si eu posso ir falar com você!...

— Mas falar o que, Carlos?

— Ahn...

Riu. Depois cantando numa gaita desafinada:

— Você já sabe, agora!...

Fraulein teve uma dor toda machucada. Teve raiva. Empurrou Carlos.

— Vamos embora.

— Não!...

— Me largue. A hora já acabou.

— Mais um pouquinho!

— Não me aperte assim!

— Dá um beijo!

— Que men...

— Só um... último!

Vencida.

— Hoje?...

— Não me amole!

— Hoje, ouviu.

Estava combinado. A dificuldade sempre parece maior do que é.

Imagino que esta maxima deve ser da maior imoralidade. Paciencia. Tem crapulas ordinarios que namoram a mulher do proximo. Tem tambem estudantes dignos de elogio que pretendem aprender a lingua japonesa. Ora eu falo pra esse estudante: Irmãozinho, principie e siga corajoso. A dificuldade sempre parece maior do que é. A gente chega no fim, ora si chega!

Fraulein é que saiu furiosa da biblioteca. Uma raiva de Carlos dos homens de ser mulher... Principalmente de Carlos, objeto, ser que ocupa lugar no espaço. Lhe machucara o deus encarcerado. Alias eu já preveni que Carlos era machucador.

Carlos era machucador. Porém não fazia por mal. Espandongava tudo. Nunca tinha intenção de espandongar coisa alguma.

Repare nesse menino que passa. E' grandalhão, é. Mesmo pesado. A gente diz que êle é magro... A culpa não é tanto das carnes que são rijas e abundantes. Se chama Carlos Alberto Sousa Costa. Come bem. Dorme bem. Passa vida regalada. E sadio. Nem sequer a faringite crônica dos oitocentos mil paulistanos. Mas então porquê é magro? Já falei que não é magro. Desraçado. Apenas isso. Que sucede com as raças muitos apuradas? A carne é bem cotada no Mercado. Muito mais macia. Em muito maior quantidade sobretudo. Pra conservar tais excelencias a Inglaterra proibe a intromissão do boi zebú nas marombas dela. Toda gente sabe também que o gado abatido lá na grande Argentina que do polled-angus albion sempre abunda alcança tipo elevado na cotação dos importadores europeus. No Brasil entrou o boi zebú. Entra o durhan também. E já pasta o curraleiro e principalmente o caracú. Porém inda não se apurou coisa que valha. Será falta de carne nestes membros possantes? Nem tanto. Os ossos é que ainda não diminuíram. Fazem um consumo danado de alimento. O produto é forte resistente... Mas porém a apparencia é de magreza. Tudo por causa dos ossos e por não estarem ainda apuradas as raças. Delirios da seleção! Fundam o Herd-Book Caracú. O muchirão vai progredindo e já orgulha o Estado de São Paulo. Porém essas coisas não se fazem num dia! Tenha paciência! Carece tempo,

muita experiencia... A's vezes mesmo a gente precisa voltar pra trás. E ao poucos devido á clarividencia dos criadores os chifres diminuem, o focinho se torna uniformemente roseo, cascos roseos, as malhas apanteradas alindam o pêlo arroz-doce do animal. Bem claro inda não está... Mas lindo assim mesmo, não acha? Moreno rosado... terá mais deliciosa e masculina cor! Cobre carnes rijas musculosas afirmo. Apenas estas se disseminam porquê a obrigação delas é cobrir. Então cobrem êsses ossos de pouca ou nenhuma seleção grandalhudos e grandes. Veja os braços por exemplo. Simiescos. O menino até anda meio recurvado. E as mãos são grosseiras. Porém isso já tem causa muito diferente. A culpa é toda dos esportes. Futebol, principalmente natação e remo. Agora o boxe está na moda. Carlos boxa. E' pugilista. A melhor fita que até agora a arte cinematografica realizou foi o Scrap Iron com Charles Ray. Tem The Kid é verdade, por Carlito... Porém sob o ponto-de-vista tecnico, arte cinematografica, apesar dos achados de Carlito, o Pugilista — que assim traduziram o Scrap Iron, é infinitamente superior. Reconheço os valores espirituais do Garoto. E Carlito é genial. Charles Ray apenas grandecissimo artista. O Pugilista porém é mais cinematico, puramente cinematico e de proporções maravilhosamente equilibradas. Carlos ri muito vendo o Garoto. Apenas ri. Se comoveu um

pouco tambem. Porém não pensou, isto é, não viu o filme. Com o Pugilista vibrou intensamente. Aplaudiu. Ah... querem saber duma coisa engraçadissima? Deu-se no cinema Royal. Eu já vira a fita não sei quantas vezes no Pathé, no Avenida, quando fui ve-la de novo no Royal. Pois aí, frequencia de piás arranjados, se deu a coisa engraçadissima. Nos outros dois cinemas a miuçalha inope das galerias aplaudiu estrepitosa a vitória do ferreiro Charles Ray sobre o boxista profissional que lhe roubara a pequena. Pois no Royal a meninada — que não tem galerias no Royal, bairro suntuoso — das primeiras filas se dividiu. Uns poucos inda gosaram com a recompensa moral do ferreiro. A maioria sofreu. Se pôs a vaiar. Desejava a vitória provavel e logica do profissional. Carlos tambem.

Eu chamo isto de caso interessantissimo. O boxista profissional se esforçara por parecer individuo sentimentalmente antipatico. Porém fortissimo e manhoso. Imoral. A vitória tinha de ser dele. Era dele. Nada pois mais irritante e vitorioso que êle. O ferreiro, rapazinho quasi coió queria muito bem a mãe, se devotava por ela, descuidava de si, obedecia, quasi fraco e deixou que o outro lhe roubasse a namorada. (Guardem esta última circumstancia). Quasi ridiculo. Personagem inteiramente simpatico. Sendo mais fraco venceu a força. Vaiou-o a piasada rica. Não comento.

Venha agora a circunstancia do roubo da namorada. Adulterio virtual existiu. Ora isso dos meninos do Royal aplaudirem o amante virtual e se desinteressarem pelo corneado virtual é sintoma. Sintoma grave. Não sei si grave ou risivel... Sempre é melhor sorrir e cantar o "Ai, seu Mé!" a soluçar a "Casa branca da serra". Ponhamos somente: SINTOMA. Não veem nele muita coisa muito futuro? Muito presente tambem? Eu vejo. Porém aqui não direi o que vejo. Porquê? Ora essa!... Simplesmente porquê êste livro é um idilio imitado de Bernardin de Saint-Pierre não obra pra agitar questões sociais. Apenas o sorriso que o sacerdote amargamente suspendeu no canto, esquerdo da boca (mas um abaré não devia ler meu livro, a culpa é sua!) me obriga a dizer que de duas uma: Ou Sousa Costa pai se igualou a Sousa Costa filho e á criançada do Royal ou então esta criançada e Sousa Costa filho estacionaram na concepção erotico-social de Sousa Costa pai. E' só o que me cabe afirmar aqui. E vem a solução do problema. Dupla solução. Si Sousa Costa pai se igualou aos meninos, futuros Sousa Costas pais o espôso de dona Laura é um precursor que nem Whitman. Ou são os meninos que em vez de irem pra diante estagnaram. Temos neste caso decadencia. Decadencia ou progresso eis outra coisa que não deve discutir o romancista imparcial. Você dirá que decadencia. Outro que progresso. Aonde ficamos? Eu

por mim não poderia resolver. As verdades humanas são falazes e volateis. Porém fico sossegado pois quer o motorista avance pela rodovia de Campinas quer siga pela Estrada-do-Mar tenho quasi certeza de nunca chegar em Roma.

Esta última frase me obriga também a pensar na inutilidade dêste livro e de Fraulein... Carlos, Fraulein existisse ou não, êste livro se escrevesse ou não, nunca entrará pelas portas da Cidade Eterna. Quando ajuntar vinte-e-um anos terá fazenda. Se estabelece. Então praquê escrever tantos alfabetos em desordem? Então praquê Sousa Costa gastar oito contos com a professora de amor? Isso nem ao menos diminui os ossos do caracú! e a carne de Minas continua de terceira premida entre muxibas e trançada de nervos... Mas qual o quê! Fraulein traz o seu beneficiozinho e nada mais honesto que um autor acreditar no valorinho dos alfabetos em desordem. Lhe garanto que tenho algum valor. E já não é pequeno o de por de novo em trázito o problema zebú. E' controversia que diretamente nos afeta. Mesmo botando as rivalidades de lado isso da Argentina conseguir boa cotação prá carne dos seus pampas feios e a gente apenas preço baixo pros ossos das nossas invernadas tão mais risonhas e verdes atucana o brio nacional. Que diabo! e êsse triangulo mineiro sem maiusculas (estou danado) inda insiste na importação do boi carcunda!... Não pode ser! Este livro préga o

abandono das raças indianas! Morte ao zebú! Seleccionemos o caracú!... Eis a moral do idílio.

Livro de tese pois? E'. Não é. Ninguém o saberá jamais.

E boto um ponto-final sorumbatico. Que pena! Por mais vontade minha de escrever livro de arte-pura sem me amolar com vida nacionalismos nem morais não consigo! Paciencia. Porém o ponto-final sorumbatico fica. Faço questã dele.

Carlos não ficou tão melancolico assim com a derrota do boxista profissional. Porém indiscutivel: não gostou não. Fez êsse gesto de cabeça tão comum nele de quem joga o cabelo pra trás. Prova que encabulou. Desapontou porquê esperava a derrota do mais fraco e pouco se lhe dava a corneação de Charles Ray. Isso não quer dizer falta de coração. Significa somente esquecimento do coração, coisa muito comum nas pessoas normais. Carlos é frio? Não. Porém não se alembra de querer bem. Se basta a si mesmo e se defende das festinhas. Si alguém lhe bota a mão no ombro retira corpo instintivamente. Si uma das irmãs, irmãs nem tanto, camaradas, que Carlos não bate em mulheres, lhe dá a mão, aperta até machucar. Aliás não corresponde ao shequendes de ninguém. Aos de alguma superioridade que estendem a mão pra êle entrega dedos sem contacto inertes retos que não se curvam pra apertar. Paralisia infantil. Nunca! Paralisia de Carlos. E' doença particular. Que-

ro mostrar com o caso do ombro e o da mão que
êle não gosa (nem mesmo as percebe) com as pe-
quenas e mais ou menos mascaradas sensualidades
que entretêm as fomes amorosas de todos da au-
rora ao sedeitar. Porêm nestes ultimos dias Carlos
beija muito as irmãs. Principalmente Aldinha.

— Que caídos são êsses com sua irmã!

Carlos baixa os olhos, se ri. Pronto: já enva-
retou outra vez. Sem querer aperta Aldinha e mã-
chuca.

— Ai, Carlos!... Feio!

— Quem que é feio!

— Você, sabe!

— Quem é que é feio! Repita mais uma vez
pra você ver!

— E' você! é você!

— Quem!

— Tú, turututú! parente do tatú e do urubú,
pronto!

— Então si eu sou parente do tatú e do urubú
você é tatua misturada com urubua.

Aldinha chora. E' natural.

— Mamãi! ahn... mamãi!

— Que foi, Aldinha?

— Ahn... Carlos me chamou de tatua mistu-
rada com urubua...

Ele não fez por mal. Só crianças fracas doen-
tias e nervosas são malvadas. Vejam Maria Lui-
sa... Faz uns pares de dias foi no chá da amigui-

nha. Pois achou geito escondido de esquartejar o bebê de porcelana. Quando saia esperando a mãe no jardim depenou a palmeirinha. De caso pensado. Mas ninguém não viu. Ela não contou nada. Si fosse Carlos juro que pegando na boneca desarticulava num instante os braços da coitadinha. Porém ia logo mostrar o malfeito. Tomava pito. Encabulava. Depois foi saltar a palmeirinha. Facilitou. Deu com o pé no vaso caro.

— Dona Mercedes quebrei o vaso da senhora! me desculpe!

Ela diria o “não faz mal” tiririca por dentro. Depois desabafava:

— A Laura tem um filho insuportável! Malvado! você nem imagina. Quebra tudo. E de propósito! Diferente da irmã... Maria Luisa é tão boazinha!...

Porém isso não faria nenhum mal pra Carlos a essa hora, quem sabe? talvez envarejado por novas reações pensando noutras coisas. Maria Luisa lembra. A outra palmeirinha... Lhe cresce a pena de não a ter desfolhado também.

Não sei si pus alguma coisa de Carlos nestas últimas páginas. Tive intenção de. Relendo o capítulo sinto que aí estão a pureza a inocência os

ossos e a graça subtil do rapaz. E determinei bem que êle era um machucador de marca maior. O que não pus inda supro com as imaginações amorosas que fazem com que aos pais todos os filhos pareçam belos e bons. (Me parece que estou caindo em contradição...) Porêm brotam em mim desejos de riscar essas linhas tão pouco descritivas e tão entusiasticas. Não têm relêvo... Que fiquem! Provam ao menos a minha admiração por Carlos. Maria Luisa... não me perguntem mais por ela. Detesto-a. Lhe perdoo sem dúvida os defeitos nem tanto porquê lhe vêm do fisico e das doenças como querem os fisiologistas de agora, lhe perdoo por amor de parecer muito comigo. Ora a pessoa dêste mundo a que mais tenho perdoado erros e defeitos sou eu mesmo. Porêm por essa mesma razão da parecença moral dela comigo é que detesto Maria Luisa. Me permitam a franqueza: A pessoa que menos aprecio neste mundo sou eu. Não sei si é porquê amando por demais toda a gente inda não tive tempo pra me amar a mim mesmo... Ou porquê sou sujeito fraco... Rúim como eu só. Encaro a minha não-existencia como benefício guassú pra nós todos.

Até pra Carlos que assim não se mostrava tão vulgar peralta e machucador. Nesse dia então viveu atentando as meninas.

— Mamãi! venha ver Carlos!

Dona Laura ficou zozza.

Fraulein enciumada. Se remordendo. Traidor! Ali pela tardinha não poudé mais, passou por êle e murmurou:

— Meia-noite.

Carlos se acalmou de sopetão. Não bolíu mais com as irmãs, serio. Estava homem.

Carlos estava homem. Sem que se amedrontasse assuntou a noite envelhecer. Só reparou no vagar dela. Muito sereno porém apressado.

Aos poucos se apagaram as bulhas da casa. Vinte-e-tres horas. Se irritou com a impaciencia chegando que o fazia banzar pelo quarto assim e lhe dava sensação de prisioneiro que espera o minuto pra fugir. Puxa! coração aos priscos. A calma era exterior. Não. O coração também se fatigou e sentou. Carlos também sentou. Cruzou os braços pra não mexer tanto assim. Disposto a esperar com paciencia. Tomou o cuidado de por o braço esquerdo sobre o outro. Assim o relógio ficava á mostra na munheca. E os minutos se acabando tardonhos. Aliás nem tinha pressa mais. O aproximar da aventura lhe apaziguava as ardencias. Resfriado? Qualquer coisa lhe tirava o calor dos dedos... Se lembrou de vestir pijama limpo, fez. Depois pensou. Não tinha proposito trocar de pi-

jama só porquê. Carlos como se vê já tinha progredido sobre o pai. Nunca usará brilhantina nos bigodes. Si nem bigodes! Vestiu outra vez o pijama usado e se reconciliou consigo já confiante. E outra vez se sentou. Olhava a imobilidade dos ponteiros que lhe abriam a porta de Fraulein. Que o entregariam pra Fraulein. Uma doce comoção quasi filial esquentou Carlos novamente. E porquê amava sem temor nem pensamento, sem gôso, apenas por instinto e por amor, por gôso, iria se entregar. Está certo. Carlos amava com paixão.

A imobilidade é a sala-de-espera do sono. Procurou ler e cochilou. Vinte-e-tres e trinta. Se ergueu. Caceteação esperar! Também o momento estava estourando por aí, graças a Deus! Sentou na cama. Mais vinte-e-sete minutos. Vinte-e-seis... Vinte-e-cinco... Vinte-e... Nos braços cruzados sobre a guarda-da-cama a cabeça dele pousou.

A posição incomoda acordou Carlos. Espreguiçou empurrando com as mãos a dor do corpo. Sentado porquê? ah! Lembrança viva enxota qualquer sono. Hora e meia! Desejo furioso subiu. Sem reflexão sem vergonha da fraqueza. Corre prá porta de Fraulein. Fechada! Bate. Bate forte com risco de acordar os outros. Bate até a porta se abrir, entra.

Aqui devem se trocar naturalmente umas primeiras frases de explicação... si êle der espaço pra tanto entre os dois! porêm escuto tres razões que obrigam-me a não contar a scena do quarto.

Primeiro: Não gosto de palavras veladas que não falam tudo e falam muito mais que a verdade. Adoro a palavra direta. Embora não seja amoralista em arte creio que quando o escritor é obrigado a contar um caso pansudo tem de contar o que existe sem se preocupar com o possivel escandalo de que a ficção liberta as artes. Pão é pão, foi sempre pão, comida muito gostosa que entra mesmo nos banquetes desde muitissimo antes do prefacio de Cromwell. Alem disso a palavra velada é uma ofensa pro leitor. Pressupõe neste a dose suficiente de malícia que na realidade existe porêm é impertinencia a gente mostrar que conta com ela.

Por outro lado pintar a verdade me afundava no geito realista. E repisava um ato que sendo muito comum, como ato apenas não mostra boniteza nem virtude: é. Ora eu me interessei muito mais pelo que não é. A prova é este idilio aonde personagens vulgares se metem em fatos incomuns.

Terceira e capital razão: Já várias vezes na minha obra claudiquei diante da primeira e da segunda. Da segunda não. Claudiquei diante da primeira. Da terceira nunca. Temos pois segun-

da e terceira em pé igual. Isso si por acaso se tratasse de praticar a Justiça e eu fosse juiz. Sou-e quero ser apenas um fone que vibra e reproduz comunicações possivelmente interessantes. Vibro. Que bem me importam aqui justiça códigos e dever? Vibro. Desonesto injusto e alegremente sentimental. Segunda e terceira razões são igualmente importantes não negarei porêr a terceira pra mim é capital. Até suponhamos que a segunda fosse mais importante... que tem isso! Pois Washington não é menor que Nova York? Eu desarrazado! Nunca! Fone que vibra isso sim. Nem me darão por primeiro a pautar seus vereditos pelo código de equivalencias e prioridades inventado ao rolar das ocasiões por êsse receptaculo... musculo chamado, centralizador dos varios sentimentos desta vida, ai! coração... A terceira razão é capital.

— Diga qual é!

— Me deixe! Você inda não reparou que estou obstruindo? Dá-se isto: Principio a contar e me perseguem as memorias. Si descrevesse a scena fatalmente botaria nela muito de mim mesmo e dum minuto importantissimo entre os da minha primeira mocidade. Coursava o quarto ano ginasial. Nesse dia... Bom!... O poeta não discutirá o que de memorias e passado fica, palhetas de ouro ou lixo de ganga na torrente dos versos. A poesia flui impulsiva não se recata não pensa. O poeta obe-

dece. Porém o prosador senhoreia. A prosa é intellectual descreve e desenvolve pela intelligencia o tema, êste só nascido expontaneo, comunicação do eu profundo. O poeta aceita e quasi ignora o que vai cantar porquê obedece. O prosador escolhe prefere e sabe o que dirá porquê manda. Em último caso desliga o aparelho, pronto: o fone não vibra mais. Ora nesta prosa eu escólho me calar. Negarei ter ensaiado o reconto? Ninguém acreditaria. Larguei de tudo fatigado. Conhecia a scena. A lembrança me perseguia. Sai daqui peste! E ela pertinho a me pisar nos calcanhares. Chiii! errei tudo! Pus o carro diante dos bois. Os bois é a lembrança eu o carro. A's vezes me dá um espirito saci de citar os autores rúins... Faz pouco tive vontade de citar Richopin. Ninguém reparou porquê disfarcei. Porém ao falar de realismo eu poderia muito bem ter posto que por descrever a scena do quarto arriscava a tomar os trinta dias de cadeia de Richopin, se lembram?:

Ici deux gueux s'aimaient jusqu'à la pamôison.

Et cela me vallut trente jours de prison...

Porém não citei. Agora não resisto mais. Que venha Bataille! Nesta ascenção provavelmente citarei ainda no capítulo Rostand, quem sabe si Villaespesa... Não! Villaespesa é rúim por demais e espanhol. O chique é citar só franceses. Paro em Rostand. Antes de Chantecler porém apareceu o Songe d'un Soir d'Amour e ainda não citei Batail-

le. Faço isso já de mistura com o carro os bois e a minha acidentada meninice. Não posso me esquecer dela, tão variada! A lembrança do passado me inebria talqualmente a abrideira cheirosa. Me anima! Porém é verdade que neste capítulo atrapalhou meu passo. Pisei nos calcanhares dela e não ela em mim como falei mais pra trás. Porquê você pisou nos calcanhares da senhora dona Lembrança do Passado? Afinal chegou a ocasião de citar Bataille. Porquê? Porquê Bataille afirma com poeticas razões que o passado não vem atrás da gente. Diz que vem adiante. Reconheço que a razão é de alexandrino mas sempre é uma razão. Ora não vejo razão pra se afirmar que o passado vem atrás da gente. Pelo contrário: sempre reparei que o que já passou é porquê seguiu na frente. Bom dia, Manuel, como vai? Como vai a família, bem? Me diga uma coisa: você não viu meu irmão? — Passou agorinha mesmo por aqui. — Então estou atrasado. Até qualquer dia. Lembranças em casa. E vou atrás de meu irmão. Porquê fui atrás de meu irmão? Porquê ele já passou. Tem pois uma boa razão pra se dizer escoteiro o passado de Bataille. Raciocínio: Si quem não tem nem uma razão evidentemente não tem razão, Bataille tem razão pois que tem uma. Em filosofia a gente chama tais raciocínios de silogismos. Com os tempos modernos de Einstein, Bergson e Farias Brito, me deixem citar Farias Brito, ao menos dá ilusão de que tem fi-

filosofia no Brasil, além de positivismo... Com os tempos modernos de Farias Brito, Brito Farias, viva Farias Britooo! o silogismo perdeu muito do efeito estagirita dele. Não pra mim que sou peripatetico tomista e neo-tomista. Pra mim o silogismo decidiu a barafunda. Fico satisfeito comigo mesmo, reverenceio a filosofia e continuo. Ah! não é que ia me esquecendo de citar Bataille!... Lá vai. O passado, êle escreveu:

“... il est là, lucide et clairvoyant!

Non pas derrière nous comme on croit mais devant!”

Agora posso continuar. Eu falava que a lembrança me perseguia quando esta digressão sobre o quanto é desagradavel a gente pisar nos calcanhares duma senhora principiou. Voltemos até lá. Queria contar e pingavam lembranças a cada instante. Estava no emtanto a construir diversamente o caso. Qual! embora tudo diferente eu não criava o gesto de Carlos antes remodelava gestos conhecidos de que não juro me recordasse porêem sentia: eram gestos meus. Me avisou disso a transformação motora operada em mim. Qualquer coisa lá de longe, dos jardins suspensos na distancia da juventude a bolir ecoar se reproduzir agora no meu fisico. Tu por aquí! Não fantasiava, não inventava a scena. Reconhecia-a. Adiantarei mesmo que não era apenas a percepção vaga de mutações da cenestesia cerebral como querem alguns psi-

cologos: se dava em mim uma transformação cenestésica geral. Escandalo na rua. Que barbaridade de povo espiando! Que é que não é? O mascarado passa. E' Carlos. E as fibras febris vibram, nervos musculos entranhas a população irrefreavel das visceras ás gargalhadas apontando o bocó. "Mascarado de meia cara"! "Eu te conheço"! "Tira a máscara, seu arara"! "E' o Mario de Andrade"!

— Pois não sou t'ai! E' Carlos Sousa Costa!

"Arara"! "Tira a máscara, futurista de meia tigela"! "Olha o Mario"! Não podia mais escrever. Aqueles destabocados faziam um bofafa dos diabos. E gargalhadas de chorar de raiva. Uma esculhambação em regra. Pisei nos calos. Rasguei a página. Imediatamente tudo se acalmou. O ajuntamento resolveu-se. Cada viscera continuou no trabalho particular e a rua seguiu de novo a caminhada costumeira. Então já calmo tambem, meu pensamento matutou. Não tinha dúvida: as comadres foram justas. Eu não criara coisissima nenhuma, revivera. A cenestesia me vaiou. Fez muito bem. Ora eu sou prosador. Rasgo a página. Não quero e não descrevo. Si me pedissem uma descrição de mato-virgem na India aceitaria com muito gosto a empreitada. E' assunto que me deixa á vontade porquê nunca vi mato-virgem nem me preocupou jamais flora e fauna indiana. Esse inglês que foi na Africa pra escrever sobre a girafa... Que trapalhão!

A aurora entreacordada lança um primeiro suspiro nos céus notivagos. Dois ou tres galos madrugadas, galos em Higienopolis não tem, uns galos madrugadas... é uma pena êstes verdes amaveis do Brasil não ocultarem rouxinol nem cotovia, aliás estamos na cidade e creio nem na humidade de White-Chapel a cotovia librará o vôo pesado dela, será pesado o vôo da cotovia? nem sobre a cuspide de Cleopatra's Needle o rouxinol cantará porém estou me enganando pois Romeu e Julieta passa-se na Italia creio, nem Shakespeare é londrino... coisa curiosa essa dum homem que provavelmente nunca existiu ter nascido em Stratford sobre o Avon, resumindo: varios galos madrugadas amiudam no Pacaembú. Pois agora que bateram as tres e trinta o leitor pode retomar o caso e espiar o corredor. O idilio continua.

Carlos sai cuidadoso do quarto de Fraulein. Caminha na maciota. Todo cuidado é pouco, não? Com pés de onça êle pisa. Nem um ruído fará. Não vá acordar alguém... Carlos reflete. E sabe que essas coisas ninguem deve descobrir.

Fraulein se fechou por dentro. Desenleou pensativa a moçoroca das cobertas. Foi alisar os cabelos cheia de molas boneco pra não se embara-

çarem mais durante o sono. Estava toda numa idea longe parafusando parafusando. Deitando inda parou um pouco esquecida. Aonde está Fraulein? Qual! que idea! Interrompeu a luz. Mas porêem havia de tirar a limpo aquilo. Pegou no sono.

Carlos se levantou tarde. Desapontado? E' certo que descendo pro café deu graças-a-deus de não encontrar Fraulein. Bebeu. Subiu escorraçado pelos sustos. Tomou o banho frio quotidiano. E cantava distendendo os musculos morenos diante do espêlho, nú. Coroava os olhos dele essa quebra de palpebras, vocês sabem... Como brilham as pupilas! E' sono. Mas em volta delas sombria negrejante a aliança matrimonial. De Saturno. Não se discute: os estigmas do pecado alindam qualquer cara. Carlos hoje quasi bonito. Dêsse bonito que pega fogo nas mulheres. Até nas virgens apesar do fisico perfeito de Perí e do moçoloiro. Carlos estava assim com um arzinho sapeca agil um arzinho faz-mesmo. Não se moçoloiirara nem um pouco. Porêem si cantava de satisfa parou a desafinação de repente. Malestar... Berimbaus guisos membís. As meninas voltavam do passeio. Fraulein devia estar com elas. Ficaram no jardim. Cinco prás ouze, hora da lição! Apavorado. Que vergo-

nha, meu Deus! Com que cara agora ia se apresentar diante de! Nunca mais olharia pra ela! Não teria coragem... Espiou. Fraulein grande, linda e esbelta pros olhos dele (estava com sono) parara entre as rosas. Metida numa capa austera. As pregas em ordem despencavam dos ombros dela por menorizadas e goticas. Espalhavam serenidade sem segredos, religiosa. Ajoelhar diante daquela boniteza matinal!... Ficar assim extatico, silenciosa adoração... Divina! E lhe beijar submisso a fimbria pura dos vestidos manto mãos... Descansar a fronte naqueles seios protetores... Afundar o rosto nesse corpo... Apertar Fraulein! Molhar ela de beijos! Morder, não sei!... Enlaçar cheirar unir... dormir... morrer... era no outono quando a imagem... Que é!

— Dona Fraulein manda dizer pra senhor que é hora de lição.

Nunca! Não posso! como será!... Andou. Seriu de aflito abrindo a porta. Fatalizado. Caminhar pro suplicio. Mais hesitações que degraus. Ela no centro do hol. A casa desabou.

Pra Fraulein tambem. — Ora essa! — Não me amolem com histórias de concordancia psicologica. Vocês se esquecem do deus encarcerado? A casa desabou pra ela tambem. Só que pode disfarçar:

— Você se esqueceu da lição... Carlos?

Ele encabuladissimo rubro palido ergueu um pouco os olhos pra ela. Fraulein tambem estava

erguendo os dela. Só um pouquinho. Dois olhares que se relam, fogem. A casa redesabou. Muito desagradavel. Si pudessem levar mais alguém prá biblioteca... Podiam desconfiar!... Não havia pretexto. Gostaram de não haver pretexto. Não queriam levar ninguém prá biblioteca. Porém passar uma hora juntinhos depois de!... Que horror! Carlos respondeu com a voz mais natural dêste mundo:

— Estava me vestindo.

Entraram mecanicos sem vontade. Porta fecha. Ele caiu sobre ela choveu-lhe beijos pelo corpo mastigou-a em abraços ardentes.

— Como vão os estudos de japonês, irmãozinho!

— Muito bem! Ora! já não morria de fome em Nagasáqui! A dificuldade sempre parece maior do que é.

— Mamãi! venha ver Carlos!

— Mas que seria que sucedeu pra êsse menino hoje!... Não tem parada! Você carece passar um pito nele, Felizberto! impossivel da gente aturar!

Vieram correndo em busca dos amantes os tempos de intimidade. A gente nem respira e a vida já fica tão de ontem! E exquisito: o amor realizado se torna logo parecido com amizade... Carlos já senta-se e cruza as pernas. Si fumasse fumaria. E' sempre o mesmo ardente o mesmo entusiasmado... Mas porê m cruza as pernas. Sintoma de amizade. Talvez mesmo pra evitarem o excesso de camaradagem que traz os dizques e conta os casos desimportantes do dia êles falam unicamente de amor. Não é por isso não. Fraulein tem de ensinar e ensina. Carlos até pouco fala. Geralmente apenas termina os raciocínios da sábia e se deita na sombra mansa das ilações. Carece aprender e aprende. Que diabo! não acha muito cedo pra ensinar o ciume da mulher, Fraulein? Porê m a professora não se vence mais. Curiosidade? Antes aflição. Por isso ela se fala: Chegou o momento de ensinar o ciume da mulher. E porquê chegou lhe sobra ocasião pra se certificar de. Arranca desabrida:

— E'. Como as outras que você já teve. E as que ha-de ter.

Que metodo, Virgem Maria! Veja como espantou o menino! Está roxo de vergonha. Porê m a resposta é pura e firme:

— Nunca tive ninguem!

Fraulein não deve insistir. Pois ela, esta cultura do sofrimento!... ela imediatamente:

— Ninguém? Você não me engana, Carlos. Então hei-de acreditar que fui a primeira?

— Você foi a primeira! a Única!

— Não minta, Carlos. Então você nunca esteve com ninguém? Está vendo? Responda.

Ele ergue a cara ardendo em verdades magníficas. Quanta franqueza linda! E responde. Responde certo:

— Estar não é gostar, Fraulein!

— Não tem dúvida: o metodo socratico de perguntas e respostas dá no vinte quasi sempre. Ao menos quando escrito assim em cima do papel seja por Platão ou mesmo por mim. A resposta de Carlos falava lindissima verdade. Porém quando as verdades saltam do coração, nós homens intellectuais lhes damos o nome-feio de confissões. Carlos confessara apenas. Não aprendera nada com a verdade que dissera. Só quando do peito passa pro cerebro a confissão se transforma em verdade. Dessa excursão o professor é o tapejara. Tínhamos chegado no momento da necessarissima distinção entre amor e posse que quando pra mais não sirva serve pro sossêgo dos Sousa Costas pais. Carlos chegaria na certeza boa si Fraulein dirigisse bem o dialogo. Bem que ela desconfiara na primeira noite. Carlos já conhecia o. Agora sabia disso, pois continuasse a lição. Qual o quê! A curiosidade corre num motociclo. O dever anda de bicicleta, veículo atrasado. Quem vencerá? A gente já sabe

que só nas fabulas o jaboti ganha da candimba nem sou capcioso Platão que prepara os dialogos por amor de cobrir de glorias o mestre dele. Por estas duas razões acontece que o motociclo ganha a corrida e Fraulein em vez de ensinar insiste. Faz perguntas fingindo ciume aliás muito verdadeiro. Carlos refugando sempre enojado desembuxa tudo afinal. Fôra com uma qualquer, rua Ipiranga, porém que tinha isso! tão natural... e uma vez só! uma vez só! Fraulein juro!... nem tive prazer... e levado por companheiros... si soubesse que você vinha!... E era só unicamente dela! Nunca seria de mais ninguém!... e, juro! foram os companheiros que me levaram, sinão não ia!

Fraulein embora nada grega acreditava que os esportes eram alambiques de pureza. Porém não tinha vagar bastante agora pra defender a ilusão escangalhada. O fato de Carlos não lhe ter dado a inocencia preocupava-a. Sejam os sinceros: aquilo machucou-lhe o orgulho profissional. Mais do que êsse sentimento inutil logo sequestrado discutia si os oito contos lhe escapavam ou não. Certo que não. Porém lhe faltava descanso agora pra provar o não. Carlos estava ali. Só não cruzava as pernas mais. Queixo nas mãos cotovelos nos joelhos. O caso parecia grave. Bolas! preferia as boquinhas. Fraulein repeliu-o. E porquê chorou! Ninguém o saberá jamais. Chorou sinceramente. Aproveitou as lagrimas pra continuar a lição. E

aos poucos entre perguntas e desalentos tirava do aterrorizado as multiplas verdades da sua teoria lá dela: qual o procedimento dum homem que não enciuma as cunhãs, quais os gestos que dão firme e duradouro consôlo prá amante, desculpe: mulher enfraquecida pela dúvida etc. Carlos, que menino inteligente! foi apressado, foi dominador, sincero. Tanto mesmo que ao partir compartilhava os ciumes de Fraulein, satisfeito. A tal farra com os camaradas... um crime. Só não se amaldiçoou não amaldiçoou os companheiros e a perda, só não chorou nem monologou porquê não tinha inclinação pro genero dramatico. E aquilo teria mesmo tanta importancia assim? Não sabe. Sente que não.

Fraulein pelos dias adiante pensou duas vezes longamente no caso. Seriamente. Foi honesta. Resolveu ficar bem quieta e aceitar os oito contos. A missão dela não consistia em dirigir um ato. Ensinava o amor integral. Tão desnaturado nos tempos de agora!... Amor calmo, etc. Com a frequencia do ideal escrito pelo deus encarcerado, com certeza discipulo de Hans Sachs, Fraulein pouco a pouco mecanizara a sua concepção pobre do amor. Ali o homem-da-vida e o homem-do-sonho vinham se confundir na prègação duma verdade só e, bem mais engraçado ainda, na visão do mesmo quadro. Professora de amor... porém não nascera pra isso, pensava. As circunstancias tinham

feito dela professora de amor. Se adaptara. Nem discutia si era feliz. Não percebia a propria infelicidade. Era. Verbo ser. Insensivelmente porêm a teoria que ensinava pros alunos vinha se embrenhar no que ela desejava ser. E o alemão de dentro de Fraulein repisa insaciavel incansavel a suave scena sinfonia Pastoral cinco vezes por ano e perpétua visão: Boca-da-noite. Uma cidade escura milenar... Ele entraria do trabalho... Ela se deixava beijar... Durante a janta saberia dos bilhetes prá Filarmonica no dia seguinte... E quando a noite viesse ambos dormiriam sono grande sem gestos nem sonhar.

Pra isso tambem inconscientemente dirigia os alunos. Sem inveja acreditava que os já ensinados reproduziam, breve reproduziriam a visagem gostosa. Agora dirigia Carlos pro mesmo fim. Porêm que uma outra tivesse movido o menino a primeira vez... Desagradava-lhe. Conservaria sempre pelos anos a sensação logo vencida mas porêm imortal de que lhe tinham passado a perna.

- Sua mãe tem governanta em casa?
- Não. Porquê?
- Nada.

.

- Sua mãe tem governanta em casa?
- Não. Porquê?
- Nada!

*

- Sua mãe tem governanta em casa?
- Tem. Porquê?
- Ela ensina alemão pra você!
- Não. E' russa.
- Você aprende o russo com ela!
- Eu! Deus me livre!
- Ah.

Vivia assim no quasi. Contava ou não contava... Se assusta. Não devia contar. Aquilo era escandaloso, era. E que satisfa, que vitória ser escandaloso!... Tinha também essa longinqua noção de que a aventura devia ser um pouco ridicula. Mas sem saber se punha vaidoso dêses ridiculos. Isso acontece pra todos os seres racionais. D'aí: uma vontadinha de contar... Contar por contar, pouco se interessava com a inveja dos camaradas e não gostava de pabulagens. Carlos é um forte de verdade. Um dêses que só se comparam consigo mesmos. E com a doce agitação que lhe dava chegar assim no limiar da confidencia percebia que estava crescendo sobre o Carlos de dois meses

atrás. Gostava do brinquedo, confesso. Brinquedo consciente? Ninguém o saberá jamais. O limiar da consciencia é bem mais difícil de achar que as cabeceiras do rio da Dúvida... Que o digam os psicólogos! Que o digam as penas rôtas e mortas em buscar êsse limiar fugitivo e ironico!...

Aldinha se chegando pra Maria Luisa traz uma panelinha na mão. Encostada:

— Maria! vamos brincar, heim?

— Mas brincar do que?

— Brincar... Vamos brincar de familia!

Fala como quem descobre uma luz. E de que mais poderia ser o brinquedo das meninas? Sob o arco da escada que leva prá cozinha atrás elas aprendem horas brincando de familia. Visitas. Depois adormecem as filhas. Lindo o bêbê de Maria Luisa! E dorme em cama propria. Porém Aldinha não inveja o bêbê da outra, escolhe sempre entre as bonecas essa filha de celuloide que sonha sobre o pedaço de lã no cimento. Mamã é que deu o pedaço de lã. Isso basta? Aldinha se sente feliz. Laurita cozinheira faz o almoço. Eu mesmo já tantas vezes almocei ás quatorze horas! Só que por muito outras razões. A razão das meninas é mais imperiosa: vida de familias de brinquedo princi-

pia de manhã. Eis que torno-me ironico sem motivo... Basta. Bateram quatorze horas faz pouco. Mas o brinquedo apenas principia. São ponhamos onze e trinta. Laurita bota o almoço na mesa. Madame est servie. Aldinha é visita de cerimonia que só de tarde aparece. Não faz mal.

— Como vai sua filha, dona Maria Luisa?

— Agora está melhor, muito obrigada. Ela é muito fraquinha, tem sempre dores-de-cabeça, como sofre! O médico falou que é anemia... Mas nós temos medo que seja coração... E a da senhora, dona Aldinha?

A visita gosa um orgulho assú. Quer se recatar porêem não pode:

— A minha! Vai muito bem! Nasceu ontem! E' muito forte! Está corada não acha? Nunca fica doente!

Dona Maria Luisa melancolica olha a filha. Porquê tem bonecas sãs e bonecas doentes neste mundo, meu Deus! Dona Maria Luisa suspira. Então esconde:

— Vamos passear no jardim, dona Aldinha? A tarde está tão fresca!

— E' de manhã, Maria Luisa!

— Tambem praquê que você já veio me visitar!

Vão e levam as filhas. Vem a cozinheira:

— O almoço está na mesa!

Dona Aldinha instada fica pra almoçar. A filha

de celuloide nasceu ontem... Ambas comem galhardamente um pouco de grama e petalas roubadas das rosas. Comestiveis ideais. O chá agua purissima nas lindas chavenas orladas de ouro. Carlos chega. Veio da aula de inglès e procura.

— Que é isso, agora!

— Nada!

— Tambem quero brincar!

— Não pode!

— Que tem, Aldinha! Deixe êle! Carlos é o pai da sua filha!

Porêm Aldinha só tem cinco anos, como é que a gente pode reconhecer nessa idade o uso de pais pra bonecas de celuloide!

— Não careço de pai prá minha filha! Só si for da de você!

Maria Luisa se cala porquê tambem não quer pai pra bêbê tão bonito. O imperialismo das mãis... Carlos inda mais encafifa a menina:

— Tambem você pensa que vou ser pai duma boneca de celuloide! Não vê! Sou pai só de bonecas de louça!

— Então você é visita! lembra a cozinheira salvando as bonecas.

Carlos não está com nenhuma vontade de brincar, isso percebe-se. Mas ninguem pode ficar inativo neste mundo. Ri:

— Pois é! Vim jantar tambem!

— Não é janta, Carlos! é almoço!

- Chi! que almoço mais porcaria!
- Eu chamo mamã!
- Pode chamar! Também não careço de comer isso!... Capim... Só burro que come capim!
- Não é capim 't'ái, é grama!
- E' capim.
- Saia daqui!
- Não saio!
- Largue disso, Carlos!
- Carlos!
- Largue!
- Mamã!
- Pronto!
- Ah!... minha comidinha!...

Tudo em pandarecos no chão desilusoriamente. As meninas têm uma tristura enorme. Entram em lágrimas na casa. Carlos conhece o argumento: finge uma raiva.

— Bem feito, mamã! elas não queriam que eu brincasse também!

— Mas você não é mais criança, Carlos!

— E Maria Luisa então? Eu também posso brincar, ora essa! E'! fizeram uma porcariada no jardim! Arrancaram todas as rosas diz que pra fazer comidinha, a senhora vá ver!

— Ôôôô... mentiroso!

— Bom. O melhor é virem todos pra dentro. A tarde está fria e Maria Luisa pode ficar doente.

Eu imagino que Carlos está desapontado por

dentro. Imagino mais que desta vez êle fez mal. As crianças guardam a louça a mobília e as bonecas. Os soluços de Laurita cortam a friagem da tarde e o meu coração.

A gente nunca deve desmanchar a comidinha das crianças.

No dia seguinte o pessoalzinho não fez questão de sair da cama. Até acordou mais cedo. Tanto assim não carecia. Só as aulas matinais têm de ser mais curtas. Afobação.

— O almôço está na mesa!

Fraulein, sempre a primeira a ficar pronta, parara no meio do hol. Batia com a mão nos lábios impaciente. Carlos de mansinho se aproxima dela. Pensa que Aldinha não deve escutar a pergunta e mal sussurra:

— Achou?

— Inda não. E'... ná! não ha nada que me irrite mais do que isso.

Dona Laura vem descendo com a pressa aflitiva das pesadas:

— Vamos! Maria Luisa! você não está pronta ainda!... Precisamos andar depressa!

— Que-dê Maria Luisa, Laura?

— Já vem. Está com um pouco de dor-de-cabeça.

— Quem sabe si é melhor ela não ir... Fraulein ficava com ela...

— Ah, papai! deixe Maria Luisa ir com a gente, coitadinha!

— Eu falei, Felizberto. Principiou a chorar... Diz que quer ir, não se pode contrariar ela, é pior!... Isso passa. Maria Luisa! o almôço está pronto!

Maria Luisa desce. Desmerecida, um pouco lenta. Mas sorri. Assim palida está ver uma rainha brancarana, de olhos negros muito rasgados e cabelos crespos por demais. E' que teve rainhas nas cinco partes do mundo.

Almoçaram num atimo. Visitar a nova chacara comprada por Sousa Costa adiante de Jundiaí... E de automovel... Que gostosura! Entusiasmo das meninas. Carlos quasi feliz. Os pais se sentem bons.

— Tem alguma coisa, Fraulein?

Ela meio que ri:

— Não é... (hesita. Afinal conta:) Mas acontece cada uma. Nós hoje encontrâmos uma palavra na lição... Sabemos como é em português porém não ha meios de lembrar. Parece incrível. Palavra tão comum. E nem eu nem Carlos.

— Mas porquê não viu no dicionario?

— Aí é que está. Hei-de me lembrar. Pois si nós sabemos. (E como que disfarçando o cons-

trangimento sem motivo:) Não se lembra mesmo, Carlos?

— Naam...

Olhou-o. Estava branco branco! Ficara aterro-
rizado escutando ela contar o caso. Não sabia por-
quê se amedrontava assim porêr tinha medo...
Medo terrível. Lhe parecia que a mãe o pai as ir-
mãs os criados todo o universo conhecia o sen-
tido daquela palavra... Isso implicava desvenda-
rem imediatamente as relações dele com Frau-
lein... O pobre! falou um "não" empalamado em-
quanto se gelava todo.

— Qual é a palavra?

— Você não sabe, Maria Luisa!

— Porquê não hei-de saber! Si até já falo
milhor que você, agora!...

— Você! uma crila....

— Carlos diga a palavra pra sua irmã!

— Mas... papai... ela não sabe!

— Diga a palavra, vamos!

— Nn... não sei mais...

— E' Geheimnis, Maria Luisa.

— Geheimnis... já escutei essa palavra...

— Está vendo! não sabe!

— Mas podia saber muito bem!

— Está bom. Deixem de briga e comam!

Apesar de salvo permanecera em Carlos um
eco perto de terror. Se sente mal. Si o pai fosse
procurar a palavra no dicionario... Tudo perdido!

E a vontade por Fraulein, mais do que isso, o desespêro por ela cresceu.

Se aboletaram no torpedo. Desta vez Carlos não brigou com Maria Luisa por causa do lugar da frente. Deixou ela sentar-se ao lado do pai que dirigia.

— Não. Ela está com dor-de-cabeça pode ficar aí mais no largo. Mamãi! assim você vai muito apertada... Deixe eu sento no meio.

— Fique nesse lugar. Está bem assim.

Não insiste. Porém carinhosamente passa o braço pelas costas da mãe. Resguarda-a. Do que? Do vento. Ventinho impertinente gelado.

— Minha filha, agasalhe-se bem. Você devia não ter vindo...

— Ah, mamãi! já estou boa!

Ia me esquecendo... A mão de Carlos roça pelas fazendas de Fraulein alem.

Pois o passeio foi lindo apesar da friagem. O chacreiro gostava de rosas. Tanta flor já! O buquê oferecido prá patroa é sensacional.

— Olhe esta, Felizberto!

— Em Janeiro havemos de vir comer uvas!

— E' chupar que se fala, papai!

— Mamãi! posso comer mais uma laranja, posso, heim!

— Poode!

O ó sai tão aberto que dá idea do mais farto e eterno indicativo presente de todos os tempos.

Que pai-de-familia bom é Sousa Costa! A gente é forçado a reconhecer que Sousa Costa é um excelente pai-de-familia. Pater familias. Dona Laura porêem prevê melhor como a progenitoras convem:

— Mas Felizberto ela já comeu duas!

— Ora que tem, Laura! Deixe a menina!

— Mamã! só mais uma!... só mais esta uminha!...

— Você facilita depois fica doente, minha filha!

— Papai! olhe Carlos!

Aldinha vem de carreira e se agarra em Sousa Costa.

— Ele pegou um bicho tamanho e quer botar na gente!

— Que-dê êle, heim! me mostre!

— Esse menino...

— Mas papai!... a gente não pode nem brincar essa linguaruda já vem fazer queixa já! Que enjoamento, puxa!

— Fique sossegado aí!

— Também não vim aqui pra ficar sossegado!

O chacreiro interrompe:

— Senhor Costa, o pedreiro falou que carece dizer adonde que o senhor quer as cocheiras.

— Papai vai ter bois aqui!

— Vou.

— Que bom!

— A gente pode vir tomar leite, não? mamã!...

— E' tão longe, Laurita.
— Que pena!...
— E você está comendo a laranja, heim! Assim mamãe não gosta!

Atrás das árvores:

— Fraulein! Kommen Sie her!
— Warum, Karl? Ich bin etwas müde.
— Kommen Sie! Es ist so sonderbar!
— Aonde que você vai, Fraulein!
— Carlos está chamando pra ver uma coisa...
— Eu também vou!
— Eu também! Me espere, Fraulein!

Encontraram Carlos debaixo do carramanchão.

— Também quero ver!
— Que é, heim!
— O que vocês vieram fazer aqui! Ninguém chamou vocês!

Orfãos de pais Laurita e Aldinha desapontam quasi chorando já.

— Não aspereje assim com suas irmãs, Carlos. Você me entristece... Mas o que você queria me mostrar?

Olhou pra ela. Um diluvio de ansias desesperanças machucaram-lhe o rosto de sopetão. E cada vez mais bonita!... Como a deseja! E não pode ser: abraçados ambos entregues esquecidos... Aquilo vai acabar, tem certeza disso. Pra esconder

as duas lagrimas curvou o rosto pro peito dando as costas. Duas lagrimas de raiva. Mente mal:

— Já voou.

Vai. Longinquo lento reto mãos nos bolsos cabeça pendente da gola do sueter. Dá pontapés nas pedras. Vai. Fraulein... sensação ruim de abandonada. Quasi estende os braços. Quasi chama o senhor. Odeia Laurita Aldinha. Dá a mão pra elas maquinalmente e volta. Mas... Geheimnis?... Realmente espantada. Sabe a tradução, isso sabe. Porém não pode dizer! Por que razão? E nasce a certeza exquisita que si não diz, si o som se recusa a vir é por causa de Carlos. A palavra está presa por Carlos. Depende dêle. Estranho. Nota que a boca a lingua se amoldam pra rasgar as consoantes da palavra e uma coisa qualquer proibe. Carlos? Não, não pode ser Carlos, ela imagina. Porém que será? Se irrita.

Passam das dezassete horas. Creio que é tempo de voltar. Só que agora mandam Carlos pro assento da frente. Maria Luisa terá o centro do automovel bem agasalhada dos ventos. Diz que piorou. Lhe ardem os labios as mãos. Carlos não se incomoda mais. Vai pra onde quiserem. Nem uma vez sequer olha pra trás. Prá irmã que piorou. Não quer lutar. Tem cansaços na alma. Praquê tanto esforço vão? Tudo perdido mesmo! Carlos se entrega á... isso: á fatalidade inexoravel do destino.

Chegaram em casa com noite.

— O jantar estará pronto, Laura?

— Quer jantar já?

— Estou com fome. Você?

— Tanaka, pode botar o jantar na mesa.

— Sissenhôra.

— Olhem: se aprontem logo que o jantar vai já prá mesa. Felizberto, você telefona pro doutor Horton.

— Telefone.

— Peça pra êle vir logo.

Si Fraulein for a última a descer nada mais razoavel. Vai antes ajudar Maria Luisa se despir. A menina quasi chora apertando a cabeça. Febre que aumenta, uhm... Coitada de Maria Luisa! Mas Carlos, porquê não aparece? Todos já estão assentados! Quando Fraulein vem descer a escada êle está ali machucando as unhas na parede. Emaranha-a nos braços impacientes.

— Carlos...

— Dá um beijo!

— Não faça ass...

São muitos beijos dolorosos quasi sem prazer.

— Me largue.

— Mais!

— Podem ver...

Estaca. Expressão de quem triunfa. A mesma nele.

— Carlos, venha jantar! Chame Fraulein!

Os dois exclamam duma vez sem a surdina que abafara o diálogo anterior:

— Já sei!

Silêncio curto. Um espera que o outro fale. E juntos:

— E': segrêdo!

Rindo muito descem pra jantar. Fraulein anuncia que afinal descobriram a palavra. Geheimnis quer dizer segrêdo.

— Foi ela que achou!

— Eu só não, Carlos. Fomos os dois.

E ambos têm uma desilusão. Palavra tão sem significancia. Fraulein se admira de não ter dado com ela mais cedo. Come calmamente. Carlos acha agora que não tinha razão pros terrores do almoço e do dia. Come satisfeito. Nunca ninguém descobrirá! Sousa Costa não sei porê me parece que teve uma intuição genial: Olha malicioso pros dois.

— Uma gripezinha... bastante forte... Muito cuidado sobretudo. Não tem importancia. Mas. Praquê o senhor não leva ela pra um clima mais quente... Rio de Janeiro, Santos...

Gripe danada. Apanhara-a naquela tarde fria brincando de família com as irmãs.

Raciocinemos: O brinquedo durava fazia uma hora quando Carlos veio desmanchou a comidinha e machucou o sentimento das meninas. Fez mal. Isso não posso discutir: Carlos fez mal. Si chegasse porêem no princípio da família teria escangalhado tudo do mesmo jeito. Porêem Maria Luisa não apanharia a rebordosa. O raciocínio me deixou consternado. Não devia te-lo feito. Imoralíssimo. Mas também agora a minha consternação é inútil, não adianta nada. A dos Sousa Costas é bem razoável. Permite acentuar o lado bom daquela gente e uma linda união familiar. Brasileira. Portanto registremos com largueza: Estão consternados com a doença de Maria Luisa: Sousa Costa pai, dona Laura Carlos Laurita Aldinha. Não: Fraulein também. E Tanaka e a criada-de-quarto. A cozinheira e o motorista. Nem assim o rol se completa. O propiar paredes janelas, vocês repararam como as luzes vivem menos impetuosas agora? as plantas a comida... Consternação geral. Sousa Costa caminha leguas do vestibulo até a porta do quarto da filha. E como anda silencioso! êle que pesa nos passos fortes bem gosados... Lê que todo o lote novo de novilhas foi inscrito no Herd-Book sem rejeição duma só. Bota a carta no bolso ou deixa na escrivaninha. Diabo! aonde botei essa carta!

dirá quando puder gosar com ela. A carta existe. Porém não sabe o que conta e aonde a pôs. Si lhe telefonassem, do clube? do clube, avisando que. Ora deixemos de imoralidades! Sousa Costa nunca teve aventuras, nunca mais terá aventuras, todos os sacrifícios porém que minha filha sare!... Sousa Costa pensa em Deus.

— Ela dorme.

— Sossegadinha?

— Está. De certo agora vai melhorar.

A resposta veio de Fraulein sentada na porta do quarto de Maria Luisa. Quem ajuda a moça nos serviços de fora do quarto? E' Carlos sempre solícito incansavel esperando as ordens cumpridas num atimo. Dona Laura, a pobre! sentou-se na cadeira de balanço do hol agarrada nas filhas menores. Assim pensa que Maria Luisa sarará depressa com as lagrimas maternas e suspiros arrancados quasi sangrando. Deus nos ajude! E os pensamentos de dona Laura sobem ao atá pra céus muito vagos e rezam de mistura pra Nosso Senhor, santa Maria Luisa e o Coração de Maria que é a igreja mais perto. E fica assim panema calmando as pecurruchas. Estas de tanto abrirem os olhos na expectativa medrosa esqueceram o geito de fechar as palpebras. Tem quatro pupilas dum branco azul rolando nhampans no hol.

— Mamãi, será que está doendo muito pra ela?

— Não, minha filha!

— Eu não queria que Maria Luisa sofresse, mamãi...

— Mamãi! posso dar a minha boneca de celuloide pra Maria Luisa, posso!

— Pode, minha filha.

— Mamãi, quando que eu posso ver Maria Luisa, heim?

— Mamãi, mas depois você me dá uma boneca de louça pra mim?...

Clave de fá:

— Minhas filhas, vocês estão amolando sua mãe!

— Como vai ela!

— Sossegadinha. Está muito melhor.

Carlos, zuúm! que nem bala montado no corremão.

— Não lhe falei que não montasse mais no corremão!

— Pra não fazer bulha, papai! Ela acordou! Está com muita sede! Fraulein falou pra você fazer um chá!

E dona Laura se transfigura. Junto da doente morrem todas as coragens dela, se põe chorando amalucada quer se mover e não atina com o que vai fazer. Porém sabe fazer chás! Ah! nenhuma das mãis dêste mundo bem doloroso fará mais perfeito o chá de canela ou de erva-cidreira! Dona Laura parte alvoroçada triunfante.

— Como vai nhã Maria Luisa?

— Está melhor, Matilde, obrigada.

— A senhora pode deixar eu preparo o...

— Eu faço o chá!

Não se ofenda, Matilde. Mãe com filha doente não pensa em ares de educação. Está certo. Dona Laura volta com a mais carinhosamente preparada das pussangas. Sobe as escadas exaustivas. Faz questão de levar ela mesma a bebida pra Fraulein. Só pra Fraulein que na porta do quarto lhe amolecem as pernas fica boba os olhos se cegam de lágrimas.

— Ela vai bem, dona Laura. Mais alegrinha até. E quasi sem febre.

— Deus a ouça, Fraulein! Eu espero a chicara aqui. Não tenho coragem pra ver minha filha sofrer!

E espera recurvada. Qual! assim não pode ser! Enrija o corpo, lhe riscam fuzis de temeridade no olhar novo, entra no quarto.

— Minha filha está melhor!

Maria Luisa tira da porcelana as fitinhas brancas dos beijos e sorri no martirio. Dona Laura petrificada. O vidro fosco da brancarana espaventa-a. Pensa que a filha vai morrer. Recebe a chicara quasi sem gesto. Enquanto Fraulein ageita de novo a doente nas cobertas parte sem dizer nada. Mas outra vez não sabe o que a domina e move. Bota a chicara numa cadeira qualquer, vem ajoe-

lhar junto da filha. Rosto a rosto. Filhinha!... Em soluços convulsos parte arrebatada. Maria Luisa se espanta primeiro. Depois pretende se rir que já conhece as manias da mãe. Porém sempre fica essa dúvida...

— Fraulein...

— Que é, Maria Luisa?

— Fraulein, diga mesmo... eu vou morrer, é!

— Que idea, Maria Luisa. Não vai morrer não. Você já está muito melhor.

Tem uma raiva dessas mãis exageradas. Brasileiras. Fala com tão ferrea certeza aquele “você já está muito melhor” que Maria Luisa quasi sente-se boa. A enfermeira enxuga o rosto da menina lavado pela manha materna. Lhe dá novo arranjo nas cobertas.

— Carlos.

— Pronto, Fraulein!

— Leve essa chicara que sua mãe deixou aí.

Carlos atira um sorriso de conivencia pra Maria Luisa e vai. Escrevi conivencia... De caso pensado. Conivencia é duma exatidão psicologica absoluta. Carlos se mostra alegre despreocupado. Não vê a doença e vai-se embora. O que não é visível existe?

— Fraulein, fique no quarto comigo.

Não responde. Puxa uma cadeira junto da cama. Vê mais uma vez si tudo assenta na ordem. Não, Maria Luisa não carece de mais nada. Senta

e abre o livro na marca. Relê Die Weise von Liebe und Tod. Se embrenha na melódia deliciosa pronta a abandoná-la a qualquer momento sem a mínima impaciência.

São duas semanas de maternidade pra ela. De maternidade integral. Teve momentos em que parecia mãe de todos talqual o dedo maior da mão da gente. Até de Sousa Costa. Todos pareciam nascer dela, dela se alimentar. Menos Carlos, recalcitrante, com intuitiva repugnância por incestos. Servo cachorro-de-guarda isso sim. Nada pedia. Sossegara. Porém como servo estava sempre ali. Como filho nunca! Maria Luisa então nem podia ver Fraulein se afastar. Não tanto por causa do bem-estar. Mas me deixem que afirme: Fraulein era uma certeza de salvação. E sabia se dedicar. Quando preciso o sono se adia pra noites mais desimpedidas. Muito bem. Não direi que ela gostasse da menina não. Pelo contrário, lhe tinha certa antipatia. Muito natural pois si raramente adoecia. Porém apresentou-se a enfermeira sonhada: severa sadia solícita pra usar só ésses. Maria Luisa fixa os olhos nela. Fraulein lê. Fraulein vela. A doentinha redorme encorajada. Quando acordar traz forças novas. Que coisa misteriosa o sono! Só aproxima a gente da morte pra nos estabelecer melhor dentro da vida... Reque... reque... atrás. Fraulein nem se volta. Sabe que Carlos vela também. Porém porquê não se voltou! Deitada sobre o as-

soalho no desvão da porta a cabeça dele. Isso Fraulein havia-de ver. E que dois olhos grandes a adoravam.

Os frios de Julho se temperavam mais agradavelmente no Leme e as brisas salinas mornas confortáveis convidavam pra caminhadas de branco na praia. Plena felicidade pros amantes. Plena? Fraulein dorme no quarto de Maria Luisa. Porém pelas manhãs depois do banho esta se deixava ficar no terraço do hotel quasi cansada no convalescer feliz desapressado. Então Fraulein saía com as pequenas. Carlos acompanhava as irmãs. Perfeitamente. Andava-se rapido no comêço pra diante. As crianças corriam falando alto discutindo. Que discutiam? Discutiam incansavelmente a fôrça das ondas. A fôrça das ondas. Você está escutando bem? As crianças discutiam incansavelmente todo santo dia o ponto da praia que as vagas irão atingir. Porquê discutem assim? Por divertimento. Por jôgo, brincadeira. Pra adivinhar. Só pra isso. E depois ficavam maravilhadas porquê erravam. Que bonito! luta infantil inutil sem meta... Coisa de muita boniteza. Brincalhonas!

Não e não. Infelizmente. Nem estavam maravilhadas nem era inutil o brinquedo. Repare nos olhos de Aldinha, Laurita de labios trementes.

— Chiíi! Laurita! aquela!!... Aposto que chega até aqui!

— Não chega!

— Você quer ver como chega!

E vinha o triunfo de Laurita:

— Está vendo!... Eu disse que não chegava!

Por jôgo discutem as crianças. Mas também por avidez e briga. Aldinha sentia-se batida e sofria. Muito? Muito. Porém depois gosava com a reflexão: Antes assim! si a onda chegasse até junto dela, meu Deus! teria medo... Antes assim!

Substituamos êstes seis anos por trinta-e-cinco anos. Permissível e fácil substituição pois que são crianças sinão homens pequeninos? Que são homens sinão crianças multiplicadas? Pois o homem teria não já temor porém receio que é a manifestação ativa do temor. O medo se reconhece inerme. O receio se defende e reage. O homem tem receios e reage. Reage porquê sendo criança multiplicada por crianças tem a fôrça que provêm dessa penca de piás ajuntados. A união faz a fôrça. Consciente dessa verdade o homem reúne as crianças dele em assemblea e discute o alcance das ondas. Estas sim: vão e vêm por brincadeira felizes e inconscientes. Porém como o homem se arreceia da brincadeira delas a assemblea decreta a construção dos diques. Muito bem! Salve-se a humanidade! E' imprescindível que nenhum vagalhão atinja mais que tantos metros de praia. Por isso a França inscre-

veu nas armas dela tão manchadas como as das outras nações: E'GALITE'. Ah, Laurita, Aldinha, vosso brinquedo me melancoliza... Não sois, meninas, sinão multiplicandos e multiplicadores de cabelos á americana! Brincais... O producto brinca tambem... Mas não brincais por brincadeira... Brincaes por treino exercendo em diminutivo a angustiosa adivinhação da existencia.

E a gente... os que no seculo vinte brincâmos... Fomos procurar na brincadeira das Aldinhas a fórmula encantada do brinquedo sem razão, livre da vida, unicamente dando sensações de prazer... Está escutando? Nem siquer "arte pela arte" outra máscara egoistica da ambição, porém o gôso puro maravilhado sem alegrias nem soffres terrestres, terraqueos! sensação livre unicamente artistica extase divinização desinteressada alem das ansias práticas. Lauritas, vosso brinquedo me melancoliza... Aldinhas, nós errâmos todos juntos! A culpa não é nossa. A culpa é das assembleas. E tambem porquê nós outros, os piás multiplicados, nos baseâmos com excesso nos laboratorios de experiencia esquecidos dos labios trementes e do olhar cúpido. Se deu então o grande receio dos homens. E principiou a pavorosa separação. Dique. Dum lado a humanidade que dá ou nega seus amores e aplausos. Do outro lado os brincalhões os artistas sem tema brincando fora da vida. A humanidade estava muito acostumada a soffrer

e só via na arte um bom (mau) conselho pra cultivar a dor. Alem disso, sejamos sincerissimos: a vida é uma horizontal (linha horizontal) muito interessante muito bela riquissima dá presentinhos a todo instante pros gigolôs dela. Muito facil é a vida pra que a possamos abandonar. Mas então êsses brincalhões do seculo vinte que abandonaram tantas delícias e convites por demasiado desinteresse, se fizeram uns santos! Qual santos! se tornaram infecundos isso sim. Essa a verdade verdadeira. Virgens. Porêm que valor pode ter essa virgindade ascencional diante da vida que é uma horizontal (linha) que tudo iguala aplaina e quer se reproduzir e perpetuar protegida das ondas?!... Ah! não posso mais ficar desta parte do dique! Não sou onda! Sou um afogado! Me acudam! Tenho saudades da vida! Ela é mais sábia nos amores!... Nela quero gosar sofrer ser negado, aplaudido vencer perder insultar odiar amar sofrer chorar desprezar aporrinhar fingir amar detestar sofrer ferir me ferir me envenenar envenenar morder beijar amar sofrer amar abraçar mentir suportar aguentar tolerar por dispor querer sofrer amar amar pecar cantar gritar berrar... E quero tambem por minha vez em terra firme adivinhar são no sêco e a salvo pra usar unicamente êsses a fôrça vária das ondas. Eis-me dentro da humanidade. Outra vez reintegrado na vida. Outra vez em chãos terraqueos. Saltei o dique. São sequinho a salvo

da Silva escrevo nas minhas armas as letras francesas E'GALITE' e me ponho avidamente a adivinhar o alcance dos vagalhões. Porém... Porca la miseria! Pois não é que principia a me amargar uma saudade dèsses palhaços do outro lado e que ponho-me desejando de novo brincar as palhaçadas infecundas dèsses pandegos! Ah! tudo isso me inquieta e me melancoliza... Tenho noites de muito verão em que os penambís pererecas das palpebras tlá-tláa... insones não param... Pra que lado vou? Praquê e pra quem caminho dentro das picadas da Terra? Estou inquieto... A alegria já me abandona às vezes... Sofro.

Sofro. Me fiz por isso filosofo que é um geito rapido da gente se iludir. Me fiz cinico e a modos que assim espanto os males. Porém a inquietação de alma é uma dor-de-dente. Só passa com a alavanca odontologica. Por isso continuo a sofrer. Quero chorar. Não sei mais. E tenho vergonha de mim. E tenho medo do dentista!... Que fazer!...

Ora não faz mal!... Sou homem-feito, sou curumins em assemblea: é natural que tenha os meus receios pois que Laurita Aldinha êsses homens pecurruchos têm os seus medos tambem!

O mar mapiava que nem boca malcriada lançando o guspe da espuma pro céu. O andar germanico rapido de todos aos poucos se latinizava. O passeio de função virava invenção. Fraulein abaixava a cara. Disfarçava um pudor inexistente com

êsses geitos do pé atingindo conchas entressepultas pisando o rastro das meninas adiante. E falava de amor. Hoje repisa o assunto da vespera. Carlos carecia de reconhecer que no amor, sem sacrificio mutuo não tem felicidade nem paz, não é? Este capítulo dava sempre desgostos pra ela. No entanto estava certa de que tinha razão. E se esmerava eloquente. Até contava o caso de Hermann e Dorotea. Porém não impressionava nunca os discipulos. Aceitavam com facilidade, isso aceitavam. Concordavam. Olhavam pra ela francos, olhos rasgados com o luar da abnegação. Ôh! sim! me sacrificar por ti!... E chegava o malentendido. Um menino alemão é possível que entendesse bem mas êstes brasileiros humidos... Não se lembravam mais da felicidade comum nem da tranquilidade do lar. Se sacrificar!... Era o sacrificio por ela, pela amada, isto é, pela alma da amada! Era o que entendiam êstes brasileiros humidos. Chegava o instante do exemplo. Fraulein mostrava um sacrificio, um qualquerzinho, primeiro a chegar, abstinencia de prazer por muito tempo, um dia. Cairam na esparrela, tinham que ceder. Numa obediencia escolar. Imoveis, invernos, tiriricas por dentro. Depois se aproximavam dela com alguma timidez, não tem dúvida, desapontados sorrindo. E pediam. Relavam nela femininos que nem gatos e pediam. Pediam com tanta graça punham tanta humildade (humidade) no pedir, tanta pobreza....

Que tristura sorridente caia dos olhos deles! Porêm frageis implorantes assim enlaçavam a moça os despotas. Fraulein se abatia. Recusava. Os despotas apertavam. Fraulein tinha uma fraqueza. Tão gentil o pedido, tão envergonhado!... Aqueles braços vencedores, ôta! como apertavam... Olhos tão cheios dela entregues... Cedia. Seria monstruoso não ceder. Amoleciam-se os braços dela já pegajosos pro enlace e. Outras vezes emperrava na recusa. Seria monstruoso não recusar. Pois os rapazes se zangavam, meu caro! Sim senhor! Falavam alto. Soltavam uma porção de bocagens. Saíam batendo a porta. Que escutassem! Antes assim, se acabava tudo duma vez! Era a desgraça. O escândalo. Antes assim! Que importava pra êles escândalo desgraça! Fraulein? Uma... Xingavam.

Cedendo ou não cedendo todas as vezes com a mesma inalterável paciência ela sofria a mesma inalterável desilusão profissional.

Passeava-se muito no Rio. Esse dia devido às instancias do calor Sousa Costa concordou em tomar parte na alegria da natureza. Tomar parte não. Assistir a. Chamou um automovel. Vamos fazer a volta da Tijuca!

— Laurita, venha cá. Você também, Aldinha.

Olhem: mamãe vai fazer uma visita com papai. Demora um pouco. Por isso vocês vão com Marina passar o dia na casa de Baby e do René, ouviram? Si ficarem bem quietinhas mamãe traz um presente da cidade pra vocês.

— Mas... mamãe! Maria Luisa também vai na visita!?

— Também, Aldinha. Vamos todos.

— Eu queria ir também!...

— Ora! Já está fazendo feio! Assim mamãe não gosta!

— Ela traz um presente pra você, Aldinha!

— E'! Porquê você vai, sabe!... E' passeio, agora!...

— Ôh, Laurita, então eu te enganava assim! E' visita juro!

— Deixe eu falar, Maria Luisa! Olhem minhas filhas, fica muita gente no automovel. Baby é tão boazinha...

— Mamãe traz uma caixinha-de-música pra mim!

— Trago.

Dona Laura e Sousa Costa se olham gosando. Caixinha-de-música... E' isso: êles sempre acharam que Aldinha tem muito jeito pra música. Algum genio musical de certo... — Laura, é o que te digo: vamos ter uma Guiomar Novais... falava às vezes Sousa Costa. Que gosto pros pais!

— Eu quero um aparelhinho de louça!

— Trago também.

Quais seriam as tendencias de Laurita? Porém os pais não se preocupavam muito com as predisposições ponhamos artisticas da outra filha. São sempre assim os pais: quando as esperanças se projetam sobre um filho o resto são sombras mal reparadas. Que vivam e Deus os abençoe! Amem.

O automovel foi levar as crianças e Marina. Tres quartos de hora depois a bandeira partia. Porém até que os verdes vençam as derradeiras audacias do urbanismo temos tempo farto para umas considerações. Todos subiram contentes pro automovel. Satisfeitissimos. Mas vejo um estirão comprido entre a alegria de Fraulein e a dêsse brasileiros. Fraulein estava alegre porquê ia se retemperar ao contacto da terra inculta, gosar um pouco de ar virgem, viver a natureza. Esses brasileiros estavam alegres porquê davam um passeio de automovel e principalmente porquê assim ocupavam o dia todo, graças a Deus! Sem automovel e boas estradas jamais conheceriam a Tijuca. Fraulein iria mesmo marchando e de pé-no-chão. Esses brasileiros iam levar o corpo se gastar. Fraulein ia levar o corpo ganhar. O corpo dêsse brasileiros é fechado. O corpo de Fraulein é aberto. Ela se igualava ás coisas da Terra. Eles se resguardavam indiferentes. Resultado: Fraulein se confundia com a natureza. Esses brasileiros sofreriam o gôsto orgulhoso e infecundo da excepção. Ponha-

mos Carlos de lado. O caso dele é mais particular. Está contente porquê Fraulein está contente. Alegra-o estar junto da amante. Só isso. E amor satisfeito. Sinão dava em poeta brasileiro. Carlos desconhece a Tijuca. Depois do passeio continuará desconhecendo a Tijuca. Em última análise pra Carlos como pra êsses moços brasileiros em geral: A Tijuca só é passeiavel com mulheres. Sinão: pernada bêsta. Ora pinhões! ver arvores e terras... Si ao menos fossem minhas... cafezal...

Fraulein parecia uma criança. Criança brasileira? Não, criança alemã. Diante da natureza eu já falei o alemão também tem as suas admirações. Dava risadas. Se virava pra olhar mais uma vez as vistas que ficavam atrás. Voltava temendo perder as novas que passavam. Mil olhos tivesse gosaria por mil olhos mil vezes mais. Aliás mesmo que fosse feia a paisagem. Gosaria quasi da mesma forma. Era o contacto da natureza que sensualizava Fraulein mais que o gôso dos belos naturais. Nem criança! Animalzinho. Potranca na invernada, ema seriema passarinho. Os outros olhavam pra ela espantados. Quasi escandalo. Ridicula não? Menos Carlos. Carlos se sentia orgulhoso e sorria amparando com os olhos a feliz. Como era bonita e dele só! Ela fremia. Ela vibrava e se entregava inteira aos faunescos enlances do cheiro e da cor. No sorriso dela tinha as contrações dum beijo sonoro. Que se mostrasse assim amante corajosa desa-

vergonhada e confessada da terra Carlos não tinha ciúmes. Era inteiramente normal nós sabemos. Desprezava os sentimentos subtis. Porém eu escrevi que Fraulein era o gurí do grupo... Depois corriji pra animalzinho. Estou com vontade de corrigir outra vez. Ultima: Fraulein é o poeta da exploração. Exclama assombrada ante as aguas que escachoam desabridas em arrepios de dor com as entranhas varadas pelas itás guampudas. Porém logo deixa de olhar a Cascatinha pra se extasiar diante dum arbusto. Aplauda a velocidade dos cipós. Credula escruta o canto misterioso adonde no meio dos troncos a sombra botou o olhar. Mas que lindas folhinhas verdes! Olhe, Carlos! Carlos! que distração essa! Olhe! parecem envernizadas! Depois teve um susto sincero nas Furnas. E verdadeiramente viu anões duendes vadios. Alberico avançou pro colo dela a mão dum cacto erriçada de unhas verdes. Murmurou:

—Carlos...

— Estou aquí, Fraulein!

— Não faça assim! podem vir...

— Ficaram no automovel, Fraulein...

— Assim não! é capaz de ter alguém por aí...

E tinha. O murmulho das aguas gargalhou um Brekekekex nasal e o monstro repelente surgindo da grota espiou a moça, como em Hauptmann.

— Que é isso, Fraulein! Estou aqui.

Se ria envergonhada.

— Olhe aquela pedra! Que frio não? Carlos...

Ele nada via de admiravel na pedra. Admirou Fraulein. O proprio frescor êle o gosava sem saber. Carlos apenas protegia a amada dele. Era dever. Que-dê os encantos da natureza? o ziguezague dos ramos, o segrêdo das socavas? Carlos protegia apenas a amada dele. Muito bem. Voltaram silenciosos pro automovel. O motorista fôra chama-los. Maria Luisa curiosa daqueles sempre-juntos, que estariam fazendo? pretextara aborrecimento. Sousa Costa de combinação com a filha mandara chamar os dois. Isso tambem era demais, nas barbas dele!...

— Tambem, Laura você devia ter trazido qualquer coisa, sanduiches... bolachas...

— Ora essa, Felizberto! Nós passâmos na cidade, você podia ter comprado!

— Tudo eu, arre!... Que vocês ficaram fazendo lá dentro!

— Nada, papai, vendo! Você não sabe o que perdeu!

Si Sousa Costa explodisse explodia ali mesmo. Mas porêrn era filosofo brasileiro. Sabia que a explosão prejudica inda mais a brasilite que os trastes do arredor. Olhou pro filho com uma raiva. O automovel debralhou. Mas nem os cabelos de Fraulein estavam mais despenteados que na vespera ou no dia seguinte. E sempre a mesma escandalosa, faladora, deslumbrada. Olhe a volta que nós fizemos! Eu morava aqui toda a minha vida! Será que

Carlos não? Sousa Costa concluiu que não. Sorriu. Chamou o filho de bobo e se acalmou já reconciliado consigo.

Até dava dó tirar Fraulein do Excelsior. Felizmente os assentos do automovel são tão confortáveis. Dona Laura bocejava refarta.

Mandou chamar os sempre-juntos. Carlos veio correndo.

— Você chamou?

— Meu filho, vamos embora! Suas irmãzinhas estão esperando...

E Carlos enfim confessou a piedade dêsses brasileiros:

— Ah, mamãe... deixe Fraulein olhar mais um pouquinho!

— Parece que ela nunca viu uma vista bonita, coitada!

— Também na Alemanha é só neve.

— Não é, papai! E o Reno é tão cutuba! As florestas! Em Hamburgo tem um jardim zoologico que é o mais bonito do mundo! Tem de tudo! E Berlim então?... Aposto que você não sabe o que é Friedrichstrasse!

— Ora, é uma rua!

— Ninguém perguntou prá senhora, Maria Luisa! Deixa sim, mamãe?... Vou subir outra vez!

Encontrou Fraulein acabrunhada, com vontade de chorar. A luz delirava apressada a um vago aviso de tarde. Era tal e tanta que embaçava de

oiro a amplidão. Se via tudo longe num halo que divinizava e afastava mais as coisas. Lassitude. No quiri-ri tecido de ruídos abafados a cidade se movia pesada lerda. O mar parara azul. Em baixo, dos verdes fundos das montanhas uma evaporação rajava o escuro das grotas e o Corcovado ver um morubichaba sorumbático e pachorrento pitava as nuvens que o calor lhe acendia no derrame. Fraulein botara os braços cruzados no parapeito de pedra. Fincara o mento aí nas carnes rijas. E se perdia. Os olhos dela pouco a pouco se fecharam. Cega dumavez. A razão pouco a pouco escampou, desapareceu por fim escoraçada pela vida excessiva dos sentidos. Das partes profundas do ser lhe vinham apelos vagos e decretos fracionados. Se misturavam animalidades e invenções geniais. E o orgasmo. A indiferença. Adquirira enfim uma alma vegetal. E assim perdida assim vibrando as narinas se alastraram os lábios se partiram contrações rugas esgar numa expressão dolorosa de prazer. Ficou feia.

— Fraulein!

Abriu lentamente uns olhos alheios. O estranho estava perto dela. E' Carlos. Ahn. Sorriu. Num cidade escura da Alemanha... Ele entrava de...

— Vamos.

Suspirou. Mas precisava de se retomar. Venceu a melancolia. Vieram descendo muito alegres falando alto.

— Senhor Sousa Costa eu nunca vi coisa mais linda em minha vida! ôh, muito obrigada!

Sousa Costa sorriu pra ela paternal.

— De fato, Fraulein... E uma beleza.

O automovel em disparada rolou pelas ladeiras se lançou nos abismos a pique sobre o mar.

— Si caissemos...

Carlos protegeu logo:

— Não tem perigo, Fraulein!

— Que bonita ilha! Dona Laura repare no mar! Ficou negro de repente! Nós estivemos lá em cima!

Numa das voltas olhando pra trás viu a montanha curvada. Suspenso na carcunda dela entre mostrando a meio o rubido cariz o Sol mordida as ilhargas da serra. Era Loge, deus do incendio!... As montanhas desembestavam assustadas grimando os itatins com gestos de socorro contorcidas. Loge perseguia as medrosas lambido de chamuscas trinando. Fraulein escutou um xilofone. O tema conhecido. E o encantamento do fogo principiou para Brunilda.

O último ponto de parada foi a gruta da Imprensa. Fraulein desceu na frente saltando os degraus rapida. Carlos seguia:

— Você cai!

Dona Laura nem se erguera do auto mais. Pensava nas filhinhas. Sabia que os Camargos eram amigos porém filhas não se emprestam pra nin-

guem. Devem ficar junto das mãis, não é verdade? Sousa Costa passeava na estrada. Aproveitava o descanso pra fumar. Maria Luisa inda na monotonia da fraqueza descera tambem. Observava o fundo da gruta pensando interrogativa nos tombos por ali. Fraulein estacara devorando pela moldura das arcadas o mar. A tarde caia rapida. A exalação acre da maresia, o cheiro dos vegetais... Oprimem a gente. E os misterios frios da gruta... Tanta sensação forte ignorada... A imponencia dos céus imensos... O apêlo dos horizontes invisiveis... Abriu os braços. Enervada quis inda sorrir. O corpo arrebentou. Fraulein deu um grito.

Juruviá duma vez. Semicerrara as palpebras, uma ruguinha espetada na testa. Nem enxergava mais a vista sempre nova das aguas, das montanhas. Praias largas enfim.

Tinham se assustado muito. Dona Laura quasi desmaiara. Sousa Costa correra. Viu a filha rolar pelos rochedos ferida debatendo-se. Minha filha! O mar a enguliu. Maria Luisa inda estava palida. Tremia. Só Carlos rira muito. Sem compreender. Porém achara sadiamente muita graça naquilo: onde se viu dar um grito assim sem mais nem menos! que impagavel!... Agora olhava pra Fraulein

de esquelha inquieto com o burro da amada. Ela nem agradece tanta irmãdade. Passaria muito bem sem ela. Mas porêem já se preocupa em comercialmente jugular uma raiva por êsses brasileiros.

Na volta do Rio recommçaram os encontros noturnos. Que bom! Carlos evoluia rapido. Fraulein tinha já despeitos. Pequenas desilusões. Por exemplo: Êle demonstrava já de quando em quando preferencias brasileiras e outras individuais que contrastavam com a honestidade classica do amor tese. Tese de Fraulein. Si eu contasse tudo, a verdade mesmo dosada viria catalogar êste idilio entre os descaramentos naturalistas. Isso é impossivel. Não quero. Ninguém negará no emtanto que Carlos prefere a orelhinha direita da amada pros beijos de após ventura. Tal preferencia existe. Nada tinha em Carlos de perverso isso não porêem se tornara conhecido de si mesmo. Tinha exigencias risonhas por instinto demonstradas com despotismo calmo satisfeito muito seguro de si. Criança ainda e desageitado, embonecava nele o homem latino, vocês sabem: o homem das adivinhações. Olhem como êle cruza as pernas, ara!... Fraulein não apreciava essa concepção da felicidade. Os homens alemães quando não são praticos e animais

no amor guardam sempre um certo jeito de obediência às leis naturais mesmo dentro do requinte e da excepção. Parece tão natural aquilo neles!... Isto é segredo de alemães. Os latinos nunca alcançam tais extremos. Em verdade eles divagam no amor, não acha? O alemão fica. Ponto-final. O latino ondula. Reticencia. E a gente então, os brasileiros misturados!... Não acredito nas avatares indianas. Não acredito nessas vidas anteriores em que a gente foi um xeque das Arabias. Entretanto tantanam no fundo do mato... Negros pesados dansando o cururú. Silêncio grosso de cheiros de cernes folhas flores terra carnes queimaqueimados pelo Sol. Olhos relampeando na escuridão da noite sem sono. Então a imaginativa trabalha. De primeiro surgiram teogonias fantasiosas produto das multiplicações pelo Deus inicial. Depois fantasmas lendas. Destas lendas provieram primeiro os animais as plantas as linhas todos munidos dum poder de além, sacro quasi impossível. A imaginativa tinha aonde manobrar á larga. O deserto era imenso. O deserto das areias das florestas e das aguas. Quando tudo se povoou de milagres as lendas pararam a casta dos homens ruins e a casta dos homens bons. Coisas impossíveis ainda. Dessas divisões vieram as guerras. Guerra ou paz. Tudo pretexto pra cantigas esculturas dansas. Tinham colares chocalham cores vivas. Deuses lendas artes... Porém quando não se dorme num mato ou quando a ima-

ginativa não pode mais ultrapassar o recesso das tabas, a terra pisada das ocas pra assuntar além das picadas através das embiras porquê agora já se está dormindinho numa cama bem gostosa da avenida Higienopolis (que bem pode ser uma rua de Recife uma praça de Porto Alegre) quando... meu Deus! a frase está muito longa, comecemos outra: O brasileiro misturado não carece mais de criar teogonias tranzandinas nem imagina descender dum notavel jaboti nem crê nas castas dos homens rúins e dos homens bons nem nas oferendas votivas nem na estilização duma efígie divina nem por enquanto se preocupa com cafezais por plantar nem mesmo sonha com a roupa nova que o pai lhe dará do alfaiate da rua Quinze. Tem-se dezasseis anos. Um amor facil. A gente se levanta. Pé por pé. Chega na porta de Fraulein. Tantam... Dormia, Fraulein? Estou sem sono, vim pra cá. Porém a imaginativa não abandonou as abundancias dela, não pense! Quer se gastar e faz muito bem. Praquê mais anhangas jananaíras e batatões? Rudá protege bem os namorados. E estamos na rua do Recife. Não tem perigo nenhum. Medo praquê! O velho deve de estar dormindo. Risinho. Até parece que o outro é bobo. Dormir? Tão gostoso amar! Suspiro. E uma boquinha na orelha esquerda de Fraulein. Não. Se prefere a direita. Não é a mesma coisa. Porquê meu Deus! Por amor da invenção. Preferencia. Livre-arbitrio. Aqui a latini-

dade se confunde com os índios songamongas e a negralhada relumeante.

Está claro que Carlos não imaginou nada disso. Porém o beijo existe. E pra provar que existe de fato com existencia real e não como fantasia literaria de escritor me vi obrigado a ir incomodar os coitados dos negros dansando no fundo do mato ao tantam. Agora todos escutaram o beijo. Fraulein é que não compreende êsse divagar sublimado. Corrosivo, ela pensa. No dia seguinte principia a maturar com o desfêcho. Vem vindo a hora de acabar. Cumpriu a missão dela. O que sabia ensinou. O homem-da-vida e o homem-do-sonho passeiam braços-dados. Quatro contos pra cada um. Vamos tomar um chôpe. Fraulein sente uma fraqueza. Se ri de amorosa. Pobre Carlos vai sofrer... Vem uma revolta: Que sofra! e ela então? Grande Alemanha sem recursos. Desmantelada. Tudo rapidamente. Porém permanece um desejo mole pelo rapaz. Talvez arrependimento. O homem-da-vida afirma: Não. E vira o chôpe. Mas agora se fala tanto nos sentimentos sequestrados... O subconsciente se presta pra essas novas teogonias. Fantasia? Ninguém o saberá jamais. Minha vingança é que Freud não pode ter sensações de tantans no fundo do mato. Nem pode sentir índios pesados com dinamismos de ritual dentro das gambias. Aliás nem Fraulein. Por isso que falando de Carlos fui poeta, inventei. Falando agora de Fraulein de Freud de

Friedrich pra usar unicamente éfes endurece-me a pena um decreto de sciencia alemã. De sciencia alemã.

Entre Sousa Costa e Fraulein se convencio-
nara desde o princípio que aquilo não podia aca-
bar sem violencia. A maior lição estava mesmo no
susto que Sousa Costa pregaria no coitado. E então
lhe mostraria os perigos que nessas aventuras de
amor pecaminoso, pecaminoso? correm os inexpe-
rientes. Vocês todos já sabem quais são. Isso diver-
tira muito Sousa Costa. Representar a scena lhe
deu um gostinho. Sousa Costa queria muito bem o
filho. Naturalissimo. Porém isso de amores escan-
dalosos dentro da propria casa dele lhe repugnava
bastante. Não é que repugnasse propriamente...
Fazia irritação. Está certo: irritava Sousa Costa. O
filho era dele. Lhe pertencia. Que se entregasse a
uma outra e éle sabendo, teve ciumes, confesso. Se
sente como que corneado. Tal era a sensação inex-
plicavel de Sousa Costa pai. Com o susto se vin-
gava. O ante-sabor da comedia lhe multiplicou os
momentos de sorriso. Não se esquecera mais. "De-
pois pregamos um bom susto nele" falara prá mu-
lher naquela inquieta scena de explicações com
Fraulein. Porém agora diante desta na biblioteca

pensava melhor. Aquilo traria incomodos. Cace-
teação! O menino ia fazer barulho naturalmente...
E êsse malestar que as estreias sempre dão...

— Mas Fraulein, não seria possível acabarmos
de outra forma?... Mansamente. Meu filho vai
sofrer muito. E' tão amoroso! Depois... depois eu
falo tudo pra êle.

Porêm Fraulein já sabe que Sousa Costa pro-
mete e não cumpre. Insistiu. Demais assim violen-
tamente a lição ficava mais viva no espirito, isto é,
no corpo de Carlos. O corpo tem muito mais me-
moria que o espirito, não é? E'. Alem disso por
mais burguês e vulgar que seja um alemão sempre
de quando em quando lhe rebrota no deus encar-
cerado um desejo de tragedia inutil, êsse mesmo
que fez a renúncia de Werther e o mais inutil ain-
da sacrificio de Franz von Moor. Sem confessar
isso Fraulein desejava a tragedia mesmo com o
sacrificio da memoria dela na recordação de Car-
los. O que Carlos ficava pensando dela... Porêm
como que isso lhe nobilitava o trabalho anterior.
Lhe redimia a profissão. De quê?! Ah, consciencia,
consciencia... O trabalho e a profissão de Frau-
lein eram bem nobres. A moça tinha certeza disso.
Tinha certeza. Porêm. Então ela se falava: Si o
senhor Sousa Costa não ensinar agora não ensina
mais. E' preciso que ensine. O meu dever é não
sair daqui sem que êle primeiro indique pra Carlos
os perigos. Mesmo com o meu sacrificio.

Por tudo isso insistiu. Assim a consciencia adormece. Geht zur Ruhe! Sousa Costa já amolado prometeu.

Dona Laura avisada aceitou. Suspirando. Matutou assim: Afinal Fraulein partir... Que massa-da! Tomara ao menos que eu arrange depressa governanta nova! Até de novo se acostumarem todos juntos... E estavam tão bem assim!... Ninguém desconfiava de nada. As meninas progrediam tanto... Maria Luisa já tocava a Marcha Turca bem direitinho até. Quasi que não parava.

Mas dona Laura teria pensado mesmo tanta coisa! Não pensou. Eu também por mim não pensei. Então quem foi? Volta aqui o limiar da consciencia andando que nem badalo pra cá pra lá. Inconsciencia... Subconsciencia... Consciencia... Pra cá, pra lá... E' aqui! Então é consciencia. Juro que não! Então o limiar é mais pra longe. Será?... Pra cá, pra lá... Dona Laura não falou nada daquilo nem pensou. Porêem aquelas ideas existem. A psicologia também existe. Pra cá, pra lá... E Fraulein partia mesmo. Inutil se lastimar.

— Paciencia!

Carlos entrara no quarto de Fraulein. Mal tivera tempo de. Porém já machucara a amante cruzando as pernas sentado. Tátão, tão, tão!

— Abra!

Meu Deus! entra Sousa Costa.

— Que está fazendo aqui, diga!

— Nada, papai...

Flebil flebil nem se ouvia. Sousa Costa acreditou que era um grande artista dramático. Voltou-se pra Fraulein. Por lembranças românticas franziu a testa.

— Ela não tem a culpa!

De pé agora relampeando em nitida franqueza heroico.

— O senhor tenha a bondade mas é de ir já pro seu quarto! Já vou lá também!

Carlos baixou a cabeça. Partiu. Francamente: não soube que partia. Não soube que chegou no quarto. Não soube que se encostou na guarda-da-cama sinão caia mesmo, plorúm! desmanchado no chão. Não soube o tempo que passou. Nada. Enxergou a porta se abrindo. Ergueu a cara pro pai:

— Ela não teve a culpa, papai!

Não relumeava mais. Sem implorações também. Emperrado apenas na própria verdade: quando uma mulher erra só o homem é que tem a culpa. E sem nenhuma temeridade corajoso.

— Você está louco! Você sabe quem é essa

mulher! E si ela agora te obriga a casar! Está muito bonito!

Carlos aterrado. Casar! Que explosão de luz essa no cerebro! Luz ruim. Mas o apêgo a Fraulein subjuga todos os preconceitos. Sociedade e futuro desaparecem. Só Fraulein, o conchêgo de Fraulein fica. E ainda um pouco de coragem, cabeçudo. Flebil flebil:

— Eu caso, papai...

— Bobo! Você não está vendo que é uma aventureira!

— Não é uma...

— Cale-se!

— Papai! mas ela não é uma aventureira!

Agora implorava. Que dó fazia na gente!

— Carlos, você é uma criança, Carlos! E não sabe nada, ouviu! E agora! E si tiverem um filho, como é! diga!! maluco...

Ah isso acabou Carlos. Caiu numa cadeira. Chorou. Sousa Costa já estava cansado também. Sentou-se. Falou manso. Pouco tempo. Nem reparou que não ensinava nada. Viu o filho chorando e teve amor. Consolou. Felizmente êle estava ali pra acabar com aquilo. Porém que tivesse cuidado pra outra: não tem tantas mulheres sem perigo por aí, não o obrigasse mais a gastar dinheiro com essas coisas. Carlos tira a cara das mãos. Quer ver si o dinheiro é verdade. Não é atoa que a Verdade traz na frente o verbo ver...

— Ela não recebeu dinheiro!

— Ah?! então você pensa que ela partia assim, sem nada, não é!...

— Quando!

Que dinheiro nem baixezas! Fraulein partia! só isso Carlos escutou.

— Quando!

— Quando?! esta é muito boa! o mais depressa possível, amanhã cedo.

— Não papai! não! Eu não faço mais nada!

— Como é! então você...!!! Mas Carlos você está maluco duma vez! Parte! E é pena que não possa partir já, agorinha mesmo!

Perdia terreno. Voltou á idea do filho com que vencera de já-hoje. Carlos recomeçou a chorar. Era horrivel! casar ainda, mas ter um filho... UM FILHO! Não! Era impossivel! Que medo! E como! Depois! Meu Deus! um filho... Um filho...

— E agora o senhor vai-me deitar e nada de barulhos, ouviu? Eu já falei que arranjo isso. Mas fique aí bem quieto e durma!

Saiu.

Um filho...

Um filho.

Um filho...

Um... filho?

Meu Deus! UM FILHO.

Se atira na cama.

... um filho...

Horroroso! Não raciocinava, não pensava.
... um FILHO...

Nem assombrações amedrontam assim! E Carlos não acredita em assombrações. Carlos espantado, exausto. Antes morrer!... Um filho?! Mas viria mesmo um filho?... Fraulein teria um fi... Fraulein partia... Vem a figura de Fraulein. Mata o filho. Que filho nem nada! Fraulein! O desejo de Fraulein. O desespero por ela! Não tem nada, tem Fraulein! o corpo dela o calor dela... Carlos vai. Praquê precauções? Vira o trinco. Porta fechada naturalmente. Empurra-a. Sacode-a com fôrça. Se lembra de bater e bate.

— Fraulein!

Evidentemente ela não dormia.

— Quem é.

— Abra esta porta!

— Carlos, não posso. Vá dormir.

— Abra esta porta, já disse!

— Meu Deus! seu pai escuta, Carlos. Vá embora!

— Eu arrebento esta porta! Fraulein! abra a porta!

— Meu filho, que é isso! Não faça assim!

— Mamãe me larque! me largue! eu quero abrir esta porta, já disse!

— Mas meu filho tenha pacienc...

— Abra a porta, Fraulein!!

Clave de fá:

— Océ está louco, Carlos! Não lhe disse...

— Não sei si estou louco! Abra esta...

— Meu filho você acorda suas...

— ... porta!

— ... irmãzinhas!

— Vamos embora!

Sousa Costa foi parar na parede.

— Fraulein!

— Carlos! você faz assim pra seu pai!...

Plam! pampam! plam!...

— Este menino... dou nele ainda!...

Sousa Costa apanharia. Isto é: não apanharia mais. Carlos está se cansando. Desilude-se. Tudo está perdido mesmo... Não vale a pena lutar, brasileiro... Mãe e pai seguram êle. Não carecia. Guiam aquelas pernas sem vontade. Isso carecia.

— Fraulein, mamãe...

Nos seios de Dona Laura é levado.

— Agora eu vou mas é fechar você a chave aqui!

— Felizberto, tenha um pouco de paciência! Meu filho! não chore assim!

— Vamos embora Laura, deixe êle aí!

— Felizberto!

Sousa Costa foi prá cama. Ele bem tinha falado que o menino havia de fazer um barulhão. Estas alemãs que vão pro diabo que as carregue!

Dona Laura acalma o filho. Chora o filho chora a mãe. Os dedos dela alisam os cabelos de

Carlos. Ele nos braços maternos molhando a mãe de lagrimas exasperadas. De quando em quando o soluço:

— Fraulein...

Flebil flebil.

Aldinha com seis anos dormia. Certos barulhos não acordam as crianças de seis anos. Porém Laurita com oito e Maria Luisa com treze. Esta assuntando da porta olhos grudados na escuridão engole com volúpia os barulhos. Aprende. Laurita também escutava. Não entendia nada. Deitadinha muito reta com medo, sem falar um isto. Pensava? Laurita pensava que havia uma história triste. Fraulein com Carlos. Talqual na fita da Gloria Swanson. Mais atrás papai com mamãe. Depois vinham elas. Todos chorando. Carlos pagava o automovel e apareciam todas as pessoas que costumavam visitar mamãe. Carlos não ia mais no futebol. Elas ficavam com muita vergonha das visitas. Tudo muito embrulhado vago com sono. De repente Laurita pensou nitido que si papai pegasse ela acordada e Maria Luisa na porta tomavam um pito grande. Teve medo e principiou a chorar porquê desta vez papai teria razão. Adormeceu chorando.

O trem partia às seis e trinta. Escolhera Santos. Bem que podia ficar em São Paulo, a cidade era bastante grande pros dois porêm o acaso dum encontro possível só pensar nisso lhe prolongaria aquela ternura por Carlos. O irremediável consola mais depressa. E Fraulein se aborrecera de São Paulo. Por causa de Carlos. Não sei mas tinha um sentimento de humildade diante dele. Lhe parecia muito serio isso. Careciam do irremediável. Pois então Santos. Ao menos pra partir: Santos. Campinas um segundo lhe passou na geografia. Possível a profissão dela em Campinas? Talvez voltasse pro Rio. Seis horas no hol. Devia partir. Como vencer a ternura! Pediu pra Sousa Costa que lhe deixasse ver Carlos. Como negar? Dona Laura subiu chorando já.

— Meu filho... acorde, meu filho!

— Que é mamãe...

Se ergueu sobressaltado. Ainda sem pensamento.

— Meu filho, Fraulein vai-se embora... Você não quer se despedir dela? Mas seja homem, Carlos!

Carlos de pé. Mal calçou os chinelos. Se arranjar praquê! Sujo de sono se atirou na porta desceu as escadas. Ficaram perdidos no abraço. Chorando

êle mergulhava a cara nas roupas desejadas. Nem lhes gosava o cheiro lavado. Fraulein entre lagrimas sorriu assim:

— Meu filho...

Sousa Costa repuxava os bigodes. Bolas! Porém lhe doia a dor do filho. Dona Laura descia os ultimos degraus. Um dos chinelos de Carlos estava ali.

Era preciso partir.

— Adeus, Carlos. Seja... muito feliz, ouviu? adeus...

Beijou-o na testa. Na testa tal-e-qual fazem as mãis. O beijo foi comprido por demais.

Se desvencilhava. Dona Laura ajudou.

— Filhinho... não faça assim!...

Os braços dele foram ficando vazios. Os braços dele ficaram compridos no ar. Ficaram compridíssimos. Foram descendo cansadíssimos. Teve uma vaga lembrança de que nem a beijara. Não, só um verbo naturalista: não aproveitara. E agora nunca mais. Porta que fecha. Sonolencia. Não chorava. Foi andando. Parou calçando o chinelo. Subia os degraus.

Fraulein sacudida pelos soluços nervosos entrou no automovel. Partiam mesmo. Debruçou-se ainda na portinhola:

— Meu Carlos...

Nada. Só Tanaka fechando o portão, se rindo. E uma casa fechada, toda num amarelo educado senhorial. VILLA LAURIA. Quis lutar. Tolice sofrer sem causa. Derrubou-se pra trás largada desinfeliz. Sousa Costa olhava pra ela sem compreender.

No primeiro andar a janela se abriu. Que rom-pante! Carlos enguliu a avenida buscando ver que-rendo ver vendo o automovel que sabia sem saber estava longe nunca mais. Deserto só. Não estendeu os braços. Não gritou. Porém o olhar turvo escor-reu pela avenida até onde! meu Deus...

Os raros tranzeúntes da aurora viam na janela um mocinho chorachorando coitado! de certo per-deu a mãe...

Na estação Sousa Costa foi comprar o bilhete. Fez Fraulein entrar no vagão.

— Muito obrigada, senhor Sousa Costa. E... acredite, oh! acredite... desejo a felicidade de Carlos!

— Acredito, Fraulein. Muito obrigado.

Exausta meia triste ela olhava sem reparar a carreira das campinas. Estação de São Bernardo? Pensava. Quasi sofria. Carlos. Era muito sincero. Corajoso. Ora! E a raiva contra todos os homens quasi que fez ela se rir prevendo o desastre. Afastou com energia o odio inutil. Se protegeu contra a imaginação pensando no dinheiro. Assegurou-se de que a maleta estava ali. Estava. Oito contos. Mais dois ou tres serviços e descansava. Apesar de tudo, Carlos.. que alma bonita. Um homem. Tomou-a novo relaxamento de vontades. Doia. Talvez o amasse? Fraulein murmurou severamente o "não". Quasi que os outros escutaram. Sorriu. Uma ternurinha só. Muito natural: era um bom menino. E não pensemos mais nisso. Estava muito calma.

E o idilio de Fraulein realmente acaba aqui. O idilio dos dois. O livro está acabado.

FIM

Fraulein não age mais e não sentirá mais. Apenas si uma recordação cada vez mais espaçada pensamento cada vez mais sintetico lhe dirá que viveu ano e pico na casa da familia Sousa Costa.

Não, isso não lhe dirá. Dirá que teve um Carlos Alberto Sousa Costa na vida dela. Rapazola forte simpático que se aproxima dela sob a pergola do jardim. Depois se afasta com a cabeça bem plantada na gola do suéter, vitorioso sereno como um jovem Sigfried. E só isso. Já tomou posse de si mesma. As citações lhe voltam á memória. Mais oito contos por colocar. E havia de vencer. Pra isso trabalhava sem férias. E basta de reflexões. Wer zuviel bedenkt, wird wenig leisten, não dissera Schiller no Guilherme Tell? Dissera. Pois então? De que vale agora pensar em Carlos?... Ah... Bocejava. A paisagem se esfriava resvalando entre morros infantis. A chapada começava se arripian-do já, com medo de cair no mar. Os primeiros aterros escureciam o ambiente do trem. Davam impressão de crepusculos intermitentes numa cidade escura na Alemanha. Moço magro palido acurvado pelo trato quotidiano dos manuscritos... Mês de Outubro já frio. Ainda frio aqui. Fraulein vestiu o jérsei verde. Ele voltava da... do estudo. Jantariam... Alto da Serra. Foi tomar café. Sentou-se de novo. Estava tudo arrumado... Guardara a louça... Pusera a toalha... A maleta? Estava ali. Frases espaçadas no vagão. Alguem tossiu. Tossia sempre... Resgarde-se que esta neblina daqui é perigosa. Iremos passar uns dias de férias numa praia... Volta da Tijuca. O guarda veio pedir a passagem. Ela guardava os bilhetes pro con-

cêrto do dia seguinte... Iria enxugar a louça...
Punha a toalha na mesa... Cantarolou.

Am Holderstrauch, am Holderstrauch
Wir sassen Hand in Hand;
Wir waren in der Maienzeit...

Bocejava. Atêrro N.º 12. Talvez vá pro Rio.
Que montanhas admiraveis.
... Maienzeit,
Die glücklichsten im Land.

O idílio acabou porém si quiserem seguir Carlos mais um poucadinho voltemos prá avenida Higienopolis. Eu volto.

A casa esteve imovel nesse dia. Todos sofriam. Porquê Carlos sofria. O proprio Sousa Costa. Porém era homem e achava certa graça no caso. Aquilo passava. Os outros imaginavam que não passava. Isto é: não se preocupavam com êsses futuros muito condicionais. O importante era o presente. E no presente pirassunungava a dor macota de um. Todos sofriam. Até as meninas que sem saberem porquê estavam calmas. A propria curiosidade má de Maria Luisa deixara de exercer seus direitos de vida. Uma redoma descera sobre a casa

separando aquela gente da maquinaria da Terra. Carlos não saíra do quarto. Dona Laura deixara o filho com os soluços ali pelas oito quando o retirou da janela. Mais de hora no mesmo lugar! E' o que lhes digo. O almoço foi um pretexto pra ela subir de novo. Carlos não tinha fome. Então choraram juntos muito tempo. Depois o choro acabou. Ele ponde beber o chá que dona Laura preparou. A' noitinha apareceu na mesa da janta. Que decepção prás meninas! Não se via nada! Comeu pouco é verdade muito digno sem fraqueza sem feminilidade. Não se via nada porê se percebia que estava outro. Estava homem. O bom homem que tinha de ser honesto forte vulgar. Que seria mesmo sem Fraulein só que um pouco mais tarde. Secundava com calma ao que lhe perguntavam os outros meio com medo. Lhe espaçava a fala aquele ondular dos vacuos interiores. Num momento Maria Luisa distraída botou o cotovelo sobre a toalha. Carlos corrigiu o gesto dela sem irritação mas com justiça. Maria Luisa voltou-se pra êle assanhada. Porê aqueles olhos tão de quem sabe as coisas, serenos. Maria Luisa obedeceu. Que lindo!

Acabada a janta êle foi buscar o chapeu.

— Vai sair, meu filho!

— Andar um pouco.

Caminhou reto prá frente por ruas desconhecidas, não, por ruas inexistentes. Se sentindo marchar na alma. Veio a fadiga. Sono. Então voltou.

Entrando no quarto se fechou por dentro. Que a
mãe não viesse amolar... Sentou-se pesado sobre
a cama. Queria andar mais. Não tem sono. Uma
desocupação grande. Olhando a luz.

A gente vê uma casa. A casa dorme no silêncio.
Noturno.

Paz.

Silêncio.

Porém o desespero dum corpo na casa.

Paz.

Silêncio.

E um punho raivoso que arranca o tecto que-
bra tudo e busca expulsar Deus dos céus malditos.

Céus pacíficos.

Depois um choro soluçado.

A gente vê uma casa...

Paz.

A casa dorme no silêncio.

Porêm antes de contar como Carlos se ajudou a sofrer não quero que Fraulein principie outro serviço sem discutir uma questão pansuda. Quais foram de deveras as relações entre Fraulein e o criado japonês? Inimigos? Qual de vocês me falou que êles se compreendem? Pois é. Castro Alves cantava que na última contingencia da calamidade quando a queimada galopa destruindo matos sacudindo as trombas curtas de fogo no ar, a corça e o tigre vão 'se unir na mesma rocha. Não sei em que país do mundo Castro Alves viu a Queimada dele... Talvez nalgum Edem biblico ou nas biblicas proximidades da moradia de Tamandaré depois do diluvio. O certo é que tinha lá em promiscuo farrancho um tigre uma corça alem de iraras e cascaveis. Não esqueçamos tambem o perdigueiro. Porêm essa fauna panterrestre não tem importancia nenhuma pra êste idilio. Já Veronese aliás vestia venezianamente as Madonas dele e os mestres flamengos em geral madonizavam as mãis-de-familia desgraciosas de então. Tambem os substantivos pouco geograficamente zoologicos do condoreiro não tem importancia aqui pois não trata-se de corça nem de tigre. Estou falando de Fraulein e do criado japonês. Mas da relação íntima que

entre os quatro possa existir inda me resta que falar. Não sei porêr porquê igualar Fraulein a uma corça... A comparação tomava assim uns ares alusivos de pureza que não ficam bem. Nós todos já sabemos que. O japonês então, gente guerreira aquela! é que de todo não podia ser a tímida viadinha... Demais confesso que não vejo entre os brutos escolhidos por Castro Alves pro mesmo habitat conciliatorio mais que antitese inocua. Nem são tão opostos assim! Mais inimigos ainda, mas muito mais! são o tigre e o tigre. Porêr seria evidente injustiça tambem chamar Fraulein de tigre... E o mesmo penso do criado japonês... Escudrinhando bem só ví dois tigres em vida minha: Friedenreich e eu. Friedenreich o elastico supimpa futeboler emulo da socó na esbelteza, irmão do caboclo cearense na resistencia, Friedenreich, fraco pra se ver, franzino e docil mas porêr tão heroi e tantas vezes salvador, viva Friedenreich! nos campos de jôgo, a frase está comprida por demais, principiemos outra. Friedenreich foi apelidado El Tigre. Bem merece o apelido. Merece digo não pelo que de qualidades fisicas e morais êle tenha do tigre indiano porêr pelo que de qualidades de Friedenreich a gente queira dotar o tigre ideal rei dos matos da nossa fantasia. Quanto ao outro tigre, pois não é que o senhor Ivan Goll se lembrou de botar esta dedicatoria no livro dele que agorinha mesmo me ofereceu! pois é:

A' Mario de Andrade,
poète-tigre de la nouvelle
tristesse americaine, dont
le coeur neuf (liane cueillie)
s'altère au contact des pierres,
bien amical salut.

Yvan Goll
Paris, juin, 1923

Não sei si Friedenreich se orgulhará do parceiro que assim lhe dão. Deve descontar o entusiasmo inflamavel dos poetas. Eu por mim me envaideço da trela. Mas pra voltar ao assunto confesso que não me cansou ainda a curiosidade que tenho pelos tigres o ser eu proprio o segundo dêsses bichos que em minha vida bem difficil conheci. E por tanta ignorancia me vejo apertado pra equiparar Fraulein e Tanaka aos dois felinos que já vi. Porém está entendido que trato de tigres no sentido simbolico e ideal. Então a equivalencia me parece mais possivel e a metafora pode convir. São tigres pois, no sentido que mais convier a cada um a ex-governanta e o criado japonês dos Sousa Costas. Esta analogia vai surgir muito evidente agora que disponho-me a explicar porquê lembrei o verso de Castro Alves. Mas devo antes insistir nesta verdade: Não se esqueçam de que a corça foi substituida por outro tigre. Assim ficaram dois tigres. Uma parelha de tigres. Em que horrorosa

companhia a gente Sousa Costa foi se meter! Porém no Brasil é assim mesmo! Nada se pode melhorar mais! Os empregados brasileiros rareiam. O brasileiro só serve pra empregado-público. Aqui o copeiro é sebastianista quando não é sectario de Mussolini. Porém os italianos preferem guiar automovel fazer a barba da gente ou vender jornais. Si é que não partiram pro interior em busca de fazendas por colonizar. Depois compram um lote nos latifundios tradicionais desmembrados em fazendas e estas em lotes de dez mil pés. Um belo dia surgem com marmon na porta do palacete luis-dezasseis na Avenida. Quem é, heim? E' o ricaço Salim Qualquer-Coisa que não é nome italiano mas como verdade é também duma exatidão serena. Porém si o copeiro não é fascista a arrumadeira-de-quartos é belga. Muitas vezes suissa. O encerador é polaco. Outros dias é russo. Principe russo. E assim aos poucos o Brasil fica pertencendo pros brasileiros, graças a Deus! Dona Maria Wright Blavatsky. Dona Carlotinha não-sei-que-lá Manolo. Quando tem doença em casa vem o dr. Serapião de Lucca. O engenheiro do bengaló neo-colonial (Asia e duas Americas! Pois não: Chander-nagor, Bay Shore e Tabatinguera) é o snr. Pery Sternheim. Nas mansões tradicionalistas só as cozinheiras continuam ainda mulatas ou cafusas, gordas e pachorrentas negras da minha mocidade!... Brasil, ai, Brasil! Falemos dos tigres. O ja-

ponês arripiou logo o pelame electrico. Grunhiu zangadissimo. Mais uma estrangeira na casa que êle pretendia conquistar, êle só... O tigre alemão se reconhecendo muito superior tanto na gerarquia solarenga como na instrução occidental lhe secundou ao grunhido com muchocho desdenhoso. O tigre japonês curvou a cabeça muito servilmente. Porém toda casta de picuinhas fazia pro outro. Quando era pra dar um recado batia na porta do outro e:

— A senhora está chamando.

E não dava o recado. O tigre alemão tinha que descer as escadas e ir saber o que dona Laura queria. Na mesa muitas vezes o niponico deixava de servir o tudesco ou esbarrava nele com pêso e malvadez. Mas o tigre alemão se vingava e o senhor ou a senhora Sousa Costa ali, ordenava ao inimigo tal serviço. O tigre japonês obedecia servilmente. Era na alma que rosnava tiririca. E assim os dois tigres se odiavam. Viviam se arranhando em continua rivalidade. Cada um se acreditava o dono daquela familia o conquistador da casa e do jardim o quem sabe? futuro possuidor do Estado e proximo rei da terra brasileira toda do Amazonas ao Prata. Odiavam? Que estou falando! Quando os Sousa Costas grandes iam no teatro ou no baile Fraulein deitava as pequenas. Depois entrava no quarto. Não sei si lhe pesava a solidão... Descia. Sentava-se no hol e abria um livro sem vontade.

Virava pouco a pouco as folhas secas que ringiam machucadas no chão frio. Devia de estar alguma fera no arredor... O luar coava solitario da alta rama das árvores. Quiriri. De repente os cipós se entreabriam. Dois olhos espantados relampeavam na escuriza e a carantonha chata do tigre japonês aparecia glabra polida pelo reflexo lunar. Com o passo enlulado cauteloso ele rondava á espera dum carinho. E o carinho chegava fatalmente. Fraulein fingindo indiferença fechava o livro.

— Muito serviço, Tanaka?

— Nem tanto senhora, êêê... na terra era pior.

— Você é de Tokio?

— Êê... senhora, não.

Se aproximava. Vinha felinamente estacar em frente do germanico. Então eles conversavam. Falavam longamente. Comovidamente. Se contavam as maguas passadas. Confiantes, solitarios. Doloridos. Se contavam as maguas exteriores. As infancias passavam lindas inocentes. Brinquedos primavera mamãi... Algumas vezes mesmo uma lagrima iluminava tanta recordação tanta alegria. Tanta infelicidade. Batia sobre eles o luar e os santos olhos da Lua como que lhes redimiam as maldades pequeninas. Se olhavam comovidos. O tigre alemão longo desgracioso espiritual ver um Schongauer. O tigre japonês chato contorcido ver um Shuntai. Depois das recordações vinham as esperanças. E

das esperanças tão lentas de se realizar! derivavam os exaspêros e as revoltas. Até calúnias, tão eficientes pra consolar. A roupa suja da família se quotidianizava ali. Os defeitos da patria emprestada eram repassados com exagêro. Principalmente o niponico falava, que o alemão tinha as pernas mais altas do estudo pra se rojar no lamedo. Porém se percebia que escutava com prazer. E os dois tigres se aproximavam olhos humidos. Eram irmãos. Si a distância lhes impedia pra sempre o beijo sem desejo insexual mas fisico de irmãos eles se davam, não tem dúvida, aquele beijo consolador espiritual, redentor e reunidor das almas desinfelizes e exiladas. Apalermados pela miseria, batidos pelo mesmo anseio de salvação, sofrenados pelo fogareu do egoismo e da inveja na mesma rocha vão tremulos se unir. A queimada esbraveja em torno. Os guarantãs se lascam em risadas chocarreiras de reco-recos. A cascavel chocalha. A susuarana prisca. As labaredas lambem a rocha. Pula uma irara. Que susto! Peroba tomba. O repuxo das fagulhas dansarinas vidrilha de ouro o fumo lancetado pelas cuquiadas dos guaribas. Os dois tigres ofegam. Falta de ar. Sufocam. Meu Deus! Deus? Porém que deus? Odin de drama lirico, saxeio Budá no contraforte das cavernas? Mas porém sobre a queimada Tupã retumba inda mais mucudo, de lá dos araxás de Tapuirama. Por emquanto. Creio mesmo que vencerá. Os dois tigres acabarão por

desaparecer assimilados. Mesmo o japonês? Homem, não sei. Enxergo Gobineau fraudulento a estudar o facies de Tupã. Odin e Budá inda Tupã podia vencer que em brigas entre iguais a vitória parece discutível. Mas Gobineau é homem, homo europeus, e sempre constatei que os homens são muito mais fortes que os deuses. Gobineau vencerá pra maior gôso de alemães. Mas que bem importa isso prá familia Sousa Costa já livre do tigre alemão? Não importa nada nem dona Laura tem que ver com os futuros da patria, francamente. Só o presente é realidade. Qual será o futuro? Paradigma de que conjugação seguirá? Ou irregular? Ou não tem futuro e familia e patria são defetivas?... Ninguém o saberá jamais. Voltemos pro idílio.

Agora que as relações entre os dois tigres ficaram esclarecidas só me resta aconselhar aos leitores o seguinie: A gente não deve culpar nem Fraulein nem o criado japonês. Não adianta nada nem são tão culpados assim. E têm isso de imensamente comico que no fundo se odeiam. Mas ali estão unidos por causa da Queimada de Castro Alves. Por amor das recordações, do exilio e da esperança. Todos os exilados afinal têm direito a recordações e a esperanças. E enviados pro Brasil aonde iraras pulam, cascadeis chocalham, onças, jaguarandis, tatús-pebas, peixes-bois e tigres, pois não! tigres tambem se assanham, inda por cima vieram

adquirir essa coisa tristonha e desagradavel que de portugêses herdâmos, a saudade.

Vocês se alembram daquele passo em que contei as caminhadas de Fraulein de Carlos e irmãzinhas pela praia do Leme? Discutindo o alcance dos vagalhões verifiquei que de medo de ficar infecundo insulado dos homens eu saltara o dique abandonara os palhaços do palco pra me tornar palhaço da platea. Tudo isso me parece agora um geito muito vago e suave de confessar que alcançara novo conceito mais humano e tradicional de arte. Menos teoria mais sentimentalismo. Disso nasceu uma inquietação. Duas. A segunda é um raciocinio sceptico. A primeira um cinico.

Pela segunda me perguntei: Quem estará com a razão? êsse um que faz arte-pura desinteressada integral, que antepõe teoria a sentimento buscando refletir assim a civilização tão epidermica da humanidade? eu, que me fiz selvagem retornei prá mata-virgem e principiei em pinchos rituais des-teorizado malcriado desinteligente pretendendo tocar a selvageria que se entocaia dentro dos homens?... Quem que tem razão? Os cubistas os sturmistas vivem. Têm ilusões. Eu vivo. Tenho ilusões. Me atiram: Covarde! Lhes sorrio: Perdula-

rios! E de todos nós a dor zomba fazendo que sonhemos todos, homens pensativos dêste mundo aonde reis e pariás se equiparam na credulidade dos Raimundos os mesmíssimos sonhos de prazer e de vitória. Sim, sonhos que nada mais são que saudade do Alem e substrato da nossa formação divina... Nesse caso toda a gente tem razão? Ou melhor: somos uns iludidos e nenhum não tem razão? Ninguém o saberá jamais. Só perdura essa fórmula interrogativa que é a vida e de que a morte não é sinão um dos pousos. Penultimo? Penultimo.

Agora a primeira inquietação, mais importante. Os que estão da outra parte do dique me chamaram de covarde. Lhes chamei perdulários. E a consciencia me certifica de que neste ponto toda a gente tem razão. Eles perdulários. Eu covarde. Vocês dirão que a metade pior é a minha... Com efeito: pela verdade dos homens em geral, desperdício é apenas fraqueza, covardia é defeito. Inda resta muita boniteza no perdulário. Na covardia tudo é avacalhamento e ruína. Lhes dei mais um motivo de exaltação. Me deram apenas o conhecimento duma vergonha. Enriqueci-os. Desnudaram-me. Assim decreta a verdade dêsses homens coletivos.

Porém doutra forma reage a verdade particular que me pertence. Coragem? Covardia? Nobrezas e demeritos... Aonde a nobreza? Demerito

porquê? A covardia, suposto que a Inteligencia já principiou a governar êstes seres racionais pode perfeitamente se mascarar com os mulambos da virtude. Pode se transfigurar numa coragem até. Afinal: não carece muita valentia não prá gente ser corajoso. Muito mais coragem carece êsse um que se propõe covarde. Desde que vocês saibam refletir, se compreende. Sinão vejamos:

O ato de coragem (falo coragem, manifestação intelectual que não se confundirá jamais com a temeridade que é manifestação do pavor) o ato de coragem se encarrega de nos dar em seguida ao minuto do gesto essas gloriolas todas entre as quais uma, possivelmente a menor, se chama Consideração Alheia.

Covardia. Forma-se depois um prestito de vaias guspes e espantalhos. O menorzinho é o desprezo dêsses homens coletivos. Está bem. Querem que exemplifique? Alguem nos calunia. A gente adquire no sufragante a consciencia do insulto e a volição da desforra. O insultado carece de se alimpar da mancha não é? Porêem como se alimpará? Pelo sôco, em tempos muito de dantes. Depois pelo machado. Depois pela acha polida. Pela espada certo seculo. Ontem pela garrucha. Hoje... pelo revolver? Que engraçado! Alguns falam que apenas pela bengala. A grande maioria crê que basta o sôco outra vez. Então voltâmos pra aqueles tempos de dantes? Não quero secundar. Não pretendo in-

sultar a civilização do Tratado de Versalhes. Porém o insultado que raciocine. Tire a vingança. Minuto apenas de cansaço terá. Ponhamos de dor física. Acresce que na briga ninguém apanha sómente. Dá também. Até pros menos filosofos isso é já uma consolação, me parece... Mas a dor física é igualzinha á moral: passa. Fica a honra lavada, pois não. Isto é: fica o verdadeiro estigma da honra lavada que em bom brasileiro se chama Consideração Alheia. Consideração Alheia e aquele museu de gloriolas de que falei atrás. Pros colecionadores. E fica ainda dentro da gente que gostosura! o sentimento do dever cumprido. Suponhamos agora que a gente ignore a vingança. Pavor da machucadura? Óh não! a gente sabe raciocinar! Conhece experimentalmente o tranzitorio da machucadura... E adivinha o que virá depois... (O tal de museu). Então porquê não desforrou-se? Por cinismo. Por desprezo. Orgulho. Tem muitas causas diferentes. E por covardia também. E suportaremos agora a procissão dos espantalhos. Pros religiosos. Por longo tempo. Talvez por uma vida. O desdem alheio não se cansa não. O coração intermitente não se restabelece. E sobretudo êsse desgosto da gente essa desilusão desesperança martelando que nem araponga da miseria interior... Puxa! carece muita coragem pra um individuo ser covarde!

Adonde a coragem pois? Adonde a covardia?

Principalmente: adonde a virtude nisso tudo? Hoje, meses de raciocínio, depois que a Razão se viu deusa nesse incrível país da deusa Carlota de Vaux, coragem, covardias... Apenas circunstâncias fórmulas e roupas. Um escolhe a coragem. Eu me preferi covarde. Desertei dos vagalhões teóricos da arte-pura. Me fiz interessado entre esses homens coletivos. Amo-os. Conto-os. Me importo com eles. Tenho a virtude da covardia. Sou virtuoso. Respeitem o Tartufo que passa!

Isto me diz minha verdade num momento de besteira anatolesca. E outra vez principio a achar engraçadíssima a vida. Todo esse cinismo não vale de nada. Filosostria de elite. Me exceptuo com ela. Ora si pulei o dique foi pra agir sentir pensar talqualmente os meus novos comparsas de suta. Pois não é que justamente estes bailarinos pra cujo lado me baldeei me desprezam e principiam também a me chamar de covarde! Covarde! Covarde! Que gritaria, porca lá miséria! Acalmem-se! Eu me passei pro meio de vocês. Aceito pois tacitamente as condições de vocês. E agarro de raciocinar que nem os humanos:

Ôh, que covarde sou! Que homem vil! Vilíssimo! E nem vocês imaginam todo o ridículo e vilania que multipliquei em mim! E não me queixo de ninguém não, a culpa foi só minha. Só me desprezo a mim. Os homens são o que são. São homens. Visceralmente araras. Mas é sublime ser arara! Dou

ração pros homens. Sublime é ser da Terra e evoluir que nem o cristal a fruteira e o mico. Cada homem é um Tobias. Sublime é vencer o anjo... iluminado? iluminado das forças psíquicas e subir pedestremente a rua Martim Francisco ou a avenida Angelica, é indiferente, contanto que se chegue na avenida Higienopolis, entrar de novo em casa se deitar e enfim dormir que nem Carlos fez anteontem. Porém sucede que o anjo das forças psíquicas, iluminado? iluminado, vence alguma vez... A psicanalise chama isso de sublimação... Vamos e venhamos: que sublimação essa tão pouco sublimizante que perverte anormaliza e exceptua a gente! Não tem que guerê nem pipoca: a sublimação é um contratempo. E o cidadão vira fenomeno e se chama Anacreonte Petrarca ou Dirceu. Monstros de feira! Como é ridiculo o poeta! Ridiculo imaginar coisas, gosar sofrer imaginações. Por tantos raciocinios não me rio da ararice humana porém do meu ridiculo particular. Considero-o absolutamente comico. ABISSOLUTAMENTE. Olhem êste ser humano que em vez de cobrar passagens do bonde servir coctails extraordinarios ou seleccionar utilmente o caracú, vive na fantasia banzando entre scismas petrecas e teorizações que não trazem pão nem mel!...

E assim vivi e viverei... Agora já não posso mais mudar. Porém não passo dum hominho como os outros meus atuais companheiros, incomensu-

ravelmente comico inalcançavelmente ridiculo, tragico no sofrimento, grandiosamente mesquinho sofredor torturado desinfeliz. Humanizemo-nos! E principiei rindo de mim. Pantalião! Raivas. Asco. E tais coleras me assanham agora que sou humano entre êsses homens coletivos, que não me aguento mais. Temos precisão de apagar tantos horrores! Precisão de esconder tantas covardias! Este idilio não é jornal de escandalo! Destrua-se o monstro! Puxa daqui, sujeito ruim! Vamos! sai do livro! Afaste-se destas páginas pra sempre! Que está esperando! covarde! ordinarissimo! ridiculissimo escritor!...

Me expulsei do livro... Está muito bem, sairei dele. Porém antes me despedirei de Carlos. Fica sozinho... Sem Fraulein... sem mim... Carlos, admiravel Carlos, adeus. Tenho por você uma admiração que nada muda. Queria abraçar você, apertar a sua mão grosseira porém você não compreende as manifestações do amigo e era capaz de falar que eu estava aporrinhando. Só murmurejo por isso secamente: adeus. Qualquer coisa borbulhante em mim subindo... Abro a valvula dos labios manchados: Risinho sceptico agudo saiu. Ninguém dirá que me comovo e peno. Porém si é pos-

sível que eu sofra, você não ha-de sofrer na solidão. Porquê se basta a si mesmo e embora nunca eu passasse pela sua vida nem nunca Fraulein vivesse você havia de seguir prá frente franco firme forte pra usar unicamente éfes, cumprindo o destino asfaltado e vulgar de você.

Com efeito mesmo Fraulein fôra inutil prá evolução do rapaz. Carlos será o que será suceda o que suceder. No reino da vida e especialmente no reino do amor. Porquê forte. Porquê tem gente assim que se basta a si mesmo. Carlos raciocina pelo que vê. Age pelo que sente. Não sonhará. Não scismará. Nada anormal ou que se pareça com o anormal. Um dêsses casos do ser absolutamente normal. Os desenvolvimentos do character afetivo dele quais são? São:

Nasceu num 25 de Outubro.

A primeira aventura de amor que teve deu-se ao vinte-e-quatro minutos depois do nascimento. Carlos ficou amante da mãe dele. Incesto horrendo! Porquê horrendo?! Incesto quotidiano. A sociedade o permite. E si não codificam sobre êle as republicas lá está inserido no art. 1.º, § 1.º do Regimento Interno das Famílias. Tocaram a campainha. Quem será? E' o inspetor-do-quarteirão. Entra e:

— Deus esteja nesta casa. Dona Laura, venho lhe comunicar que o RIF (Regimento Interno das Famílias) permite a V. Excia. amamentar seu filho.

E Carlinhos sugava sugava... Ahn... Mexe refarto as mãozinhas cerradas. Será que já aprendeu a espreguiçar depois do gôso! Sacana!... Não digam isso! Machucador apenas. Mexer os braci-nhos é um jeito recém-nascido de cruzar as pernas. Porêrn lá envia prá derreada amante-mãi o olhar. Extra-retiniano? Extra-retiniano. Sorri, quasi sorri com os labios finos sem desenho branquiçados pelas sobras de leite. Ahn... e renova o dormir.

Assim fixou as fomes amorosas vinte-e-quatro minutos depois de nascer. Felizardo! Tem tanto orfão por aí que mesmo depois dos vinte-e-um anos inda não fixou as dele... Carlos, não. O normal neste mundo é amar e ser amado. Carlos ama. Lhe corresponde a mãe. Até em excesso. Não é que dona Laura ia perdendo o pequeno! Tudo porquê a malvada não tem luzes de psicologia. E' mais cega que o filho. Essa nunca verá extra-retiniana-mente. A razão do perigo em que Carlos se viu é a seguinte: Os volumes da maternidade afastaram um pouco Sousa Costa da mulher. Depois êle meio que se acostumou. Dona Laura se conservou honestissima. Porêrn como o inspetor-do-quarteirão lhe concedera praticar a semvergonhice que está no art. 1.º, § 1.º do RIF vivia acocando o filho. Por demais. Isso proporcionou a Carlinhos uns meses

largamente excitantes. Está perdido, se conjeturava. Quem conjeturava? Aqueles anjos que trazem esponjas do céu. Tudo por causa de dona Laura. Eu quasi digo que por causa de Sousa Costa. Afinal resolvo não dizer coisa nenhuma porquê será inutil procurar a causa de efeitos inexistentes. Porquê Carlinhos reagiu, ôh si!... Sabia desde nascido que as mãis são nossas primeiras amantes e unicas legítimas professoras de amor. Aceitou por isso desde os vinte-e-quatro minutos de existencia a primeira e impaciente manifestação das fomes amorosas. E satisfação delas. Porêem crescia. Naturalmente. E os agrados cresciam tambem. E si não cresciam de verdade ao menos se intensificavam no gracioso consciente do pecurrucho. E êle percebeu que estava todo sufocado pelas excitações e que a mãi em vez de professora util se apresentava má conselheira de pornografias e anormalidades. Ora dessas coisas Carlinhos não queria saber não. Se irritou. E uma feita chegado aos noventa dias de vida resmungou assim:

— Isto já está se tornando cacete. Ora pinhões! tantos beijos... Abraços que não acabam mais!... Me aperta que é uma calamidade! Quando vejo ela já começo tremendo. Francamente eu ainda não pratico o box nem remo ou natação nem mesmo o foot-ball, que êstes sports enrijam o corpo e tornam indolorosas as constrições. Meus bracinhos são chics. Mamãi vem e me aperta tanto!... Doi.

E eu agarro ficando inquieto e não durmo direito mais! Isto não pode continuar assim, p....! (pallavrão.)

E reagiu. Quando dona Laura se aproximava dele e principiava apertos e beijos êle botava a chorar. Abria uma boca que acredito todas as inúbias assopravam por aquela caixinha delicada de ressonancia. O certo é que a casa estremecia até na espinha com o bué. Sousa Costa vinha saber o que era aquilo.

— Não é nada, Felizberto! Manha! respondia dona Laura desapontada. Acalentava o filho virtuosamente e Carlinhos recomeçava o dormir.

Foi crescendo. Dois anos. Tres. Etc. Os amores dele principiaram a divagar. E' que dona Laura se metera noutras cavalarias. Maria Luisa recém-nascida lhe tomava os momentos mais ardentes. Com Carlinhos apenas algum randevú espaçado ás dezanove horas quando êle ia prá cama. O abandonado se voltou prá criada e pro pai. Aquela inda dava alguns prazeres mas era imaginem! holandesa. E andava de amores com Rafaello o motorista italiano. Por sinal que se chamava Rafaello Durbino sem apóstrofe nem pintura. Porêm a tigre holandesa divergia das amabilidades corajosas da loba romana. Era ama-sêca. Deitava depressa o menino pra ir na janela por trás do vidro espiar Rafaello. Carlinhos ficava jururú jururú. Muito trístico. E viu avançarem-se longas ondulantes

sombrias as planícies da calma, do adormecimento de amor. Latencia. Inverno. De tardinha um vento agudo bateu a caatinga deixando atrás uma nuvem unica imensa transbordante. Geou a noite inteirinha. Quando o menino acordou nada mais se enxergava da vista florida anterior. Ribeiros chacoalhantes, arvoretas venenosas, joás e cajús, flores vivas rubores amarelos desesperados, aromas verdes, bichinhos borboletas inambús socós codornizes e tiês cobras lagartixas — cios dispersos pela superficie infantil da campina — tudo desaparecera sob o esquecimento da geada. Ninguém. Nada. Geada só. Indiferença. Até se pode falar: morte exterior. As manifestações das fomes amorosas foram se resguardar lá dentro num quartinho do corpo dele. Quartinho quente confortavel que a casa era de engenheiro bom. Tinha aquecimento central. Apressou tambem essa vinda das caatingas e do inverno o geito pouco amoroso de Sousa Costa, convenhamos.

— Felizberto, até parece que você não gosta do seu filho, credo!

— Que idea, Laura! Gosto.

— Mas coitadinho! nem pode chegar perto de você você já empurra êle!

— Vocês mãis são engraçadas! Pensam que amor é andar aos beijos e aos abraços...

— Não penso isso não senhor mas um pouco mais de carinho que custa!

Sousa Costa continuava na leitura do jornal. Depois se levantava. Turtuveia encabulado. Faz uma festinha no filho. Sai.

Foi o contraveneno prás expansões de dona Laura e das visitas. Acresce ainda que Carlos sendo a primeira família não tinha irmãs mais velhas tratando dele. Essas perniciosíssimas amantes que chupam inteiramente as normalidades infantis. Todos os caçulas são em geral tarados e o José bíblico só poudé se tornar um turuna na política e na adivinha porquê o odiaram os irmãos mais velhos. Ah! si todos os Josés fossem vendidos es-eravos o mundo não andava cheio de nevropatas e semiloucos... E' verdade.

Carlos aguentou o inverno galhardamente. Primeiro cruzou os braços. (Se vê bem quanto a predisposição pros cruzamentos era intuitiva nele). Se amolou olhando assim pela janela e não vendo nada. Apenas o toucinho interminável da geada. Reagiu. Ora pinhões, gastemos o tempo! falou. E se pôs ganhando o tempo lendo nos livros, estudando inglês, aprendendo o mundo, ensaiando comer na mesa, treinando futebol, como se dá lugar pra uma senhora no bonde, escutando contar por acaso que existe um Ser talvez extraordinario muito longinquo que não perturba quem não se importa com Ele, observando como o cafezal dá dinheiro, como o homem rico é feliz, como papai era bom dentro de casa e considerado fora de

casa... Como. Aprendeu. Que engraçado! Estava só mas porêem eram dois Carlos no quarto. Livres um do outro e camaradas. Assim em companhia a gente mata melhor o tempo e evita os conselhos maus da solidão. Carlos I dava um sôco em Carlos II. Carlos II agradecia e elogiava a fôrça crescente de Carlos I. Depois contava pra êste que nas mulheres e nos crilas não deverá bater, isso é covarde. Vil. A sociedade o ensina. Carlos I agradecia e elogiava a sabença crescente de Carlos II. E os dois passaram todo o tempo-das-aguas vestindo respetivamente as roupas necessarias das fôrças musculares e dos proverbios civilizados. Carlos duplo se aguentou bem. Nenhuma gripe nenhuma tosse nem amigdalas inchadas. Dez anos. Onze. A primavera vai chegar... Mas não tem lutas. Nenhuma turbulencia. Nada fará parar o desenvolvimento. A nova estação virá de mansinho. O inverno cederá sem resistencia. Sem perfidias. Vai-te embora, peste! Ele obedece que nem cachorro batido, rabo entre as pernas, murcho humildemente. Fatalmente. Carlos nem careceu de ir na fazenda ver trabalhos de touros naturalistas, qual! um dia aprendeu a ver com os olhos, isso sim. De repente a geada foi derretendo sumindo... Só porquê êle viu com os olhos. Fóra com a visão extraretiniana! Ver de olhos abertos eis o supremo segredo. A suprema ventura! Ver porquê de sopetão as palpebras se abriram e as retinas foram impres-

sionadas pela cor morena fantasticamente equatorial de Rosinha. Carlos com treze anos e tanto. Passaram a tarde inteira brincando todos juntos. Jardim. De repente num atimo as retinas de Carlos foram impressionadas. Porquê? Não sei não. Talvez porquê chegou o momentinho do Sol bater naquele corpo noruega. Tudo se clareou de sope-tão! Também aqueles cabelos esborrifados crespos da menina!... Passou correndo. Ele, quê que havia de fazer? guardou Rosinha nos braços.

— Me deixe!

— Mamã, Carlos está machucando Rosinha!

— Que modos são êsses, heim! Deixe Rosinha, vamos!

Carlos deixou Rosinha. Deixou-a porquê encafifou. Encafifou porquê não sabe o que sucedeu porê m o fato é que Carlos I e Carlos II vieram numa disparada formidável um em sentido contrario ao do outro, paa! puxa! que trompaço! Entraram um no outro. Se fundiram. Carlos I enrolou um desejo nascente na amizade com que Carlos II segurara Rosinha. Carlos II enrolou uma admiração madrigalesca no gôso com que Carlos I agar-rara Rosinha. Resultado: de tão enrolados se fundiram.

E nas assombrações da memoria do desejo da esperança se repete agora incansavelmente a imagem que impressionara as retinas dele. Rosinha? Não! Essas assombrações são mais condescenden-

tes e menos exclusivas, síntese mais universal: a cunhã!

Tantos acidentes num tempo só... Carlos ficou atarantado. Que bulha vai dentro dele! Segue mecanizado. Senta-se num banco. Qualquer. Rosinha já põe o chapéu e é visita de longe em longe. E' indiferente pra êle que ela vá-se embora. Espia milhares delas entre as flores socós barboletas etc. da capoeira sem geada agora. Primavera!...

Desejos indistintos de soalheiras

Inda por viver por gosar!...

Sol calmo

Cheio de sombras alviçareiras...

Ela anda pelos milhais vastos...

Ele guarda na preguiça clara das sombras

As trepadeiras dos abraços

E na boca beijos milhares de beijos

Ver um bolso cheinho de pitangas.

Ela anda pelos milharais vastos...

Ele vê ela colher as espigas de milho,

E Sol florindo nos cabelos pesados

Ela ondula se aproxima enorme espiga prometida!

Você é o milho!

Calores por sentir...

Vagas imagens sensuais...

Juventude insone se mexemexendo na cama.

E' muito tarde já.

Os cheiros entram pelas venezianas, se entrelaçam molemente.

Os homens experientes voltam da noite tarda.
Desejos indistintos de soalheiras...

E o cachorro do vizinho que uiva

No desmaio da noite sem ar. Carlos está impaciente. Vira de lado na cama. Funga forte. Fecha os olhos cansados. Qual! sono não vem não. A solidão pela primeira vez lhe doi na carne. Carlos mastiga barulhento. Mastiga essa dor que a solidão está dando pra êle. Não deseja mais os acalantos da infancia. As ambições se arripiam. Voluntarioso. Vencedor. Quero prazer, o maximo! Extase. Espasmo. União. Será feliz porquê aspira o que deseja. E os filhos hão-de vir, palavra de honra.

Porém — são coisas dêste mundo incompreensível — apesar do inspetor-de-quarteirão ter permitido os deleites incestuosos de dona Laura e filho êste sofrerá castigo por causa do crime. Homessa! pelo RIF, art. 1.º § 1.º o que praticou é licito! Não tem que licito nem mané licito, o castigo está aí. Carlos podia amar os onze anos de Rosinha. Lhes preferiu os 35 de Fraulein. Inda delirios da seleção? Ninguém o saberá jamais. Encubramos a realidade com o manto que tudo resolve da tradição divina: CASTIGO.

Outra pergunta: Então porquê esperou aqueles quinze dias do princípio do livro? Não esperou nada! Os calores começaram imediatamente. Lá

por dentro. Ninguém tem culpa do corpo ser mau condutor.

Agora já vimos o desenvolvimento normal do menino. Me deixem apontar mais algumas circunvoluções do cerebro dele. Eu falei que Carlos não tinha vergonha de pessoa alguma. Nem medo. Vocês se lembram daquela scena, faz isso tantos meses! em que êle encontrou Fraulein pela primeira vez? Encabulou porquê ela viu êle brigar com a irmã. Porém não teve medo nem vergonha da desconhecida. Se dirigiu firme pra ela deu mão grossa pouco amiga de apertar:

— Bom-dia. A senhora é a governanta?

O mongo, o envergonhado nunca procederia assim. Convenhamos: Carlos não tem medo nem vergonha de ninguém. Mas agora aparece a circunvolução original do cerebro dele. Tem muita vergonha só duma pessoa. De si mesmo. Todas as reações dele que viemos seguindo por êste capítulo saboroso se originam principalmente disso: Carlos tem muita vergonha de si mesmo. Lhe seria insupportavel olhar no espêlho depois duma falcatrúa indecorosa. Se respeita mais que tudo. E' puro por vergonha. Falo puro sob certa consciencia lá dele pois que Fraulein existe, a gente já sabe, e Carlos continua se olhando no espêlho. Porém só nos raros momentos, uma vez por dia, duas no mais, em que se penteia. Pelo mesmo sentimento de vergonha terá mais tarde aquela honestidade capilar com

que geralmente se decora no mundo social o homem-de-bem. Isto é: roubará o Estado quanto puder ou fazendo passar as suas compras pela Alfândega sem pagar direitos ou diminuindo os cobres paternos no inventário ou iludindo a limitação dos cafés dele por meio de presentinhos utilíssimos ao chefe da estação ou do tráfico etc. Continuará se penteando diante do espelho. Também saberá sousacostar às vezes extra-muros sem que a mulher sofra. Coitada, talvez nem dê por isso! Porém pão vestidos, mesmo assistencia amorosa regular isso não faltará na casa. Carlos se penteia ainda no espelho. Jogará no Clube sem perder nunca trinta contos numa noite. Às duas horas nos dias de mais atraente cuncan estará de volta prolar talqual todo homem-de-bem. Irá ver os filhinhos batisados (sim: a familia continua catolica) no quarto do lado. Enternecimento. Que engraçadinhos! João está que é um pelote de gordo! Depois beijará a mulher entreacordada. Roncará honestamente familiar. O ronco inda acentua a paz compacta. Perfeitamente. No dia seguinte inda se penteia diante do espelho. Homem cheio de virtudes humanas e ponhamos: capilares. Homem digno. Isso de dignidade não sei que beneditino por mais ranzinza e eclesiastico lhe negará. Ora estas virtudes todas lhe vêm pela consciencia reta inflexivel dos deveres humanos. Porém esta consciencia reta inflexivel lhe vem porquê reage contra os maus

convites apetites e todas as tendencias ruins. E sabemos porquê reage. Porquê tem vergonha de si mesmo e se pentear longe do espelho é uma calamidade. Experimentem. O repartido sai torto geralmente. Os cabelos arranjados sem o rêgo no lugar de costume principiam logo doendo. Que massada! O espelho é objeto necessarissimo. Bem-ditos os fenicios que descobriram o vidro! E pra se aproveitar da descoberta fenicia Carlos reage contra as tendencias ruins. E se chega a esta conclusão: Carlos é homem-de-bem incontestavelmente sem Deus sem inteligencia sem merito. Por causa dos espelhos.

Os anjos estão irritadissimos. Largam da esponja, agarram borrachas energicas descem rapidos do Empireo e apagam todas as linhas comovidas dêste capítulo. Não tem mais nada. Fica o dito por não dito e Carlos continua vivendo.

Aliás os anjos não tiveram razão, não. Inda uma pergunta sobrou: Carlos é realmente honesto, homem-de-bem? E'. Não é. As reações quimicas dum organismo, as reações inconscientes dos sentimentos sequestrados darão um Santo Tomás um Nobrega um Carlos Alberto Sousa Costa? Um Carlos juro que dão. Quanto aos abaetês... isso agora não sei não.

Porêm ando convencido que nunca devia ter lido Freud e certos homens racionais... Agarrou uma briga tal de ideas no meu cerebro que... Já

entrou no livro outra vez! Saia daqui, escritor das dúzias! ruinzíssimo escritor!

Sousa Costa seriamente preocupado. Uma semana já e nada de melhorar... O rabicho tinha ido longe por demais. Si fossem prá fazenda?... Fossem todos porquê mandar o filho só, não convinha. Sousa Costa nunca abandonará Carlos nesse estado. Muito menos dona Laura. Não adiantavam nada porêr amor brasileiro é assim. Puxapuxa. Contraí estica mas largar não larga mesmo. O diabo era aquele fim das aguas tão chuvoso... Colheita acabada... Não tinha nada que fazer lá. A chacara não dera nenhum resultado. Foram de automovel. O caminho era quasi que um lamedo só. Nem guiando o carro Carlos teve a apparencia de quem se divertia. Sujaram o automovel se sujaram... Um desastre! E inda por cima a chuvarada na volta! E': só fazenda mesmo. Largueza cavalos o rio criações... Diverte os rapazes. Mas a fazenda... Não tinha nada que fazer lá. Deixemos de precipitações! Melhor esperar mais um poucadiinho. Si não mudar mesmo então vamos todos prá fazenda... Paciencia!...

— Você carece de dinheiro?

— Não papai.

— Tome.

— Mas praquê, papai!

— Vá no teatro hoje... Divirta-se, que diabo!

Sousa Costa tocara no assunto? Não tocou. Tocou. Assim de esguelha os pais consolam nossos filhos. Carlos indiferente botou a bolada no bolso.

Obedecer... Desobedecer... Obedeceu. Era um sabado. Teatro cheio. A comedia nacional é muito engraçada. Aqueles brasileiros gesticulantes, que espevitamento! Parece até que se esforçam por falar as palavras com sutac purrtuguêss, não? E que pandegas! O público ria ria. Lhe deu de sopetão uma raiva tal. Não devia de estar ali. Traição prá saudade dela. Saiu no meio do ato incomodando os vizinhos sem pedir desculpa. Adonde estava Carlos II? Fugitivo. Saiu.

A noite de Outubro esgotado pingava uma garoa fria na gente. Carlos anda ao atá. Tomou mesmo o chôpe? Não sabe mais. Andava. Ah, si soubesse aonde ela estava! Cerrava os punhos batia as pernas um joelho no outro se machucando. Anúncio luminoso. Parou. Não podia mais. Jungiu o corpo com os braços asperos querendo se partir pelo meio. Aonde ir? Restaurante MEIA NOITE. Pra casa? Pro inferno? Pro acabar duma vez com aquilo! Apertou mais o corpo. Uma palavrinha saltou: Suicidio. O subconsciente, que prestidigitador! Tira da carne as coisas mais inesperadas! A gente não pensa — Jornaes do Rio! Correio da

Manhã, País, Gazeta!... — não quer. Bruscamente espirra uma palavra sem razão. Suicídio? Carlos não se suicidará nunca, sosseguem. A palavra pulou sem ser chamada. Pulou. Caiu no chão. Carlos não se abaixa pra ergue-la. Quem passa enxerga aquele rapaz parado na esquina se apertando com os braços pelo meio do corpo. Que posição esquisita! Foram pensando que era dor-de-barriga. Não era não. Era geito de perguntar taquarambo uma resposta já sabida:

— Não. Não sabemos aonde Fraulein está.

No emtanto era tão facil! Jornais do Rio! Folha da Noite!... Ela estava ali mesmo perto dele á disposição dele. Só atravessar a rua mais uns passos e portar na Pensão Mme. Bianca (Familiar). Com cem bagarotes então a gente caminha mais um pouco e a encontra no largo do Arouche novinhas bonitas italobrasileiras. E si não quer gastar os cem; cinema AVENIDA cerra aos poucos os olhos eletricos. Gente que sai. Gente nas portas. Bulha de empregados apressados, si não quer gastar nem mesmo cinquenta ela está ali prontinha-dasilva por qualquer dez milreis, vinte na lojas de terceira ordem. Na rua Ipiranga então ela espera Carlos em pencas de quatro e cinco em cada casa. E com doença feia de inhapa. Está por toda a parte a gente sabe. Carlos não sabe disso.

— Psiu... Entra mocinho!

Não escuta. Cabeçudo! Não quer escutar. Será

que cultiva a propria dor? Nunca. Só que está muito maturrango no amor. Inda não sabe. Não sabe que Fraulein não é a governanta alemã que. Nessa idade, bem entendido. O mesmo anúncio luminoso outra vez. LAPA TERRENOS A PRESTAÇÕES. Fraulein são dois braços duas pernas tronco seios qualquer cara cabelos compridos. Nem mesmo cabelos compridos carece mais. Ofega. A ladeira ficou cansada. Não tem feito esportes. E' isso: Carlos se lembra de que não tem feito esportes. Fazer esportes, ora, praquê!... Banza ainda pelas ruas rarefeitas na neblina. Viaduto. AO TATUZINHO. Taxi, patrão? Ali pelas duas horas fatigado sem cansaço ardendo abre o portão da avenida Higienopolis. Tem que se despir, é fatal.

Escuridão.

A colcha branca ondula toda, insone, por mais de meia-hora, ver terremoto de teatro. Gira dum lado pra outro. Se contorce. Vai se desarranjando, cai. Carlos principia a correr. Vai correndo cada vez mais rapido depressa 120 por hora... Pum! caiu. Dá um pulo na cama. Respira ofegante. Se ergue. Procura a colcha. Coberto outra vez.

Agora está dormindo.

Mais de meio-dia. O estafermo desce pro almoço. As meninas emudecem os flautins.

— Carlos, você não quer levar as suas irmãzinhas no circo? Tem Piolin.

— Não mamãi. Fico em casa.

Piolin... Esse Carlos não quer ver. E' divertido. No teatro foi. Tinha certeza de não rir. Mas Piolin?... Quem deixará de se rir do impagavel! Rirá. E lhe parece uma traição prá memoria dela. Não vai.

As meninas ficam satisfeitißimas. O estafermo escangalhava o prazer delas. Andam medrosas assombradas pela casa. Derreteria todo o gôsto do espetaculo. Graças a Deus não vai com a gente! Mas têm dó do estafermo. Vão se despedir dele no jardim. Laurita Aldinha Maria Luisa beijam Carlos. O estafermo se deixa beijar.

A caridade faz milagres, faz. Aldinha entre as pernas do irmão puxando a cara dele:

— Carlos! você não foi! Estava tão bonito! Que engraçado!...

Ri riso espetaculoso sem verdade só pra ver si êle ri tambem. Carlos sorri. Meia medrosa:

— O palhaço, sabe? veio num automovinho...

— Não é palhaço, Aldinha! é Piolin!...

— Eu que conto! Veio num automovinho, sabe? grande mesmo! Depois pegou na buzina...

— Primeiro êle levou um tombo, Aldinha!
— Um tombão! Engraçado não? Caiu de per-
na pra cima... Laurita! como foi que êle falou!

— Viva a Republica!

— E'! Depois êle pegou na buzina buzinou,
sabe? e a buzina não buzinava! Então Piolin es-
piou dentro da buzina...

— Não foi assim!

— Foi!

— Primeiro o dono do circo ficou parado no
meio do circo...

Carlos brinca os beijos vadios na cabeleira de
Aldinha. Esta agora escuta vivendo-o o caso do
palhaço. Pronta pra corrigir Laurita que:

— Então Piolin amontou de novo no auto-
movinho...

— Tão bonito, Carlos! Olhe! dêste tamanho!

— ... e queria passar mas o dono do circo
estava parado na frente.

— Ele não via, Laurita!

— Pois é, o...

— O dono do circo estava olhando do outro
lado. Então o palhaço, sabe? apertou assim na bu-
zina e a buzina não buzinava. Então êle foi buscar
o anzol e enfiou êle dentro da buzina, imagine o
quê que êle pescou! Um pé de botina velha mesmo!
Ihiih... Então êle calçou a botina no pé. Tinha uma
meia toda escangalhada e... Como é mesmo que
êle gritava?...

— Arre, Aldinha! Viva a Republica!

— Viva a Republicaaa...! e saiu no automovinho, sabe?...

— O dono...

— ... do circo levou um tombo tão engraçado! Sujou toda a casaca dele! E Piolin foi-se embora muito contente dizendo adeus prá gente com o lencinho amarelo tinha também ih!... um cachorrinho, sabe?...

— Minha filha, você está caceteando seu irmão...

— Não está, mamã. Deixe ela.

E as meninas contam uma porção de casos engraçados. Carlos sorri. Passeia os beijos desempregados na cabeleira da irmã.

— Não foi assim, Aldinha!

— Foi! Deixe eu contar! A japonesa, Carlos?...

Quando aquilo acaba Carlos se ressentido. O flautim o reconto a anedota... Isso afasta. Afasta o que? Não sei. Carlos não quer afastar coisa alguma. Aceita corajoso toda dor. Porém que pena a pararaca ter parado de falar!... O flautim o reconto a anedota... Não tem dúvida: isso afasta. As imagens da saudade entulham tanto o caminho!... Varra isso d'aí! Tenho pressa e a vida inteira ainda por viver...

Carlos sentiu que já estava de luto aliviado. Ao abatimento surdo e desespero dos primeiros dias continuara uma tristeza cheia da imagem de Fraulein. Quer dizer que a amante principiava a ser idealizada. Breve se chamaria Nize, Marília, Salutaris Porta e outros nomes complicados. Não. Isso pra Carlos é impossível. Breve Fraulein irá pra êsse sótão da vida, quartinho empoeirado aonde a gente joga os trastes inúteis. Até desagradáveis. Mas por agora ela apenas fôra viver no quarto andar. Sem elevador. Carlos já carecia de procurar a imagem dela muito alto. E vinha sempre acompanhada de qualquer coisa cacete: o horror do filho, a mesquinhez dela, a exigência de casamento, do que escapei! teria mesmo recebido dinheiro?... Não recebeu. Então a imagem longinqua se aproximava apressada. Adquiria mais traços se corporizava em representação nitida. Belíssima. Enriquecida, ai desejo! E não desagradava mais. Fraulein, meu eterno amor!... Talvez mesmo nesses momentos êle pedisse qualquer corpo... Porê m só tinha prática dum. Não amarei mais ninguém! Esse vinha sem atributos morais sem exigência de casamento sem filhos, sublime. Carlos aos poucos se exaltava. O ofêgo dolorido chamava-o prá vida. Severamente reprimia a tendencia pra imoralidades e procurava de novo a propria tristura buscando de novo no quarto andar aquela

Fraulein que... Já muita coisa de convencional nessa tristura.

E êle sentiu sem se confessar a si mesmo que chegara o momento de principiar esquecendo. Meteu-se na manhã. Procurou companheiro de esporte. Foram treinar futebol. Na avenida Higienopolis o telefonema avisou que êle almoçava com o Roberto. Mais um companheiro se juntara com êles. Passaram a tarde no cinema. Carlos fumou. Pagou o chôpe. Sorriu. Quasi riu. De sopetão falou alto. Os amigos namoravam. Carlos por dentro se riu dos platonicos. Tolos! grelar assim e mais nada!... Tolos. Carlos não namorará.

Na avenida Higienopolis não conheceu mais a casa nem ninguém. Era uma gente antiga que voltava. E porquê forte sem precisão de carinhos a mãi as irmãs se tornaram inuteis pra êle. Jantou se esforçando por conservar um geito triste. As conveniencias muitas vezes prolongam as infeliciidades. Julgou mesmo a proposito recordar a imagem de Fraulein. Teve que subir quatro lances de escadaria interminavel. Se cansou. Pudera, correria tanto de manhã!... si tivesse avançado um pouco mais fazia o gôl... Tom Mix, que admiravel!... O dia já lhe interessava muito mais que o passado.

Vinte-e-duas horas.
Carlos volta da rua Ipiranga.

— Mamã! olhe Carlos!...

Estouraram pela casa a dentro. Não sabiam bem porquê porêem desejavam que Carlos estivesse aí.

— Mamã!

— Mamã, vi Fraulein!

— Vimos ela!

— ... com Judite e...

— ... Luis!

— Será que ela está na casa deles!

— Está bom, fiquem quietas! Que tem isso agora!

Carlos primeiro concordou: isso não tinha nada. Não tinha nada? Correria um friume desagradavel por dentro. Achou conveniente ir pro quarto. Assim podia pensar melhor. Principalmente guardava as aparencias. Naquele caso qualquer pessoa deve se mostrar meia triste, ensina a intuição. E realmente tinha certo alvoroço nas visceras

dele. No quarto o malestar continuou. Se acentuou. Dificil de analisar porê. Voltará tudo? Não. Isso Carlos não quer. Vitória! Sousa Costa empregou bem os oito contos!

Mas então aquele malestar não vem do amor? Vem e não vem. Isto é: não vem. Não vem de nada. Vem de... naturalissimo! Carlos não estava preparado pro choque e teve uma tontona. Ficou agreste. Aliás não pensa nada disto. Raciocina assim: Fraulein está com o Luis. E a Judite? Não tem Judite. Fraulein está com o Luis, juro. Consequencias esportivas: Carlos acha que chegou primeiro. Luis perdeu a corrida. Por isso se ri do bocó. E felizmente não são camaradas. Familia de visita rara na casa dele. Entra dona Laura prontinha pra misturar as lagrimas dela com as do filho.

— Meu filho, você está doente?

— Não tenho nada, mamã! que idea!

Tem mas é uma raiva da mãe. Não carece de ajutorios. Sabe andar só. E depois dona Laura tocou no assunto. Isso infernizou Carlos que já principia a ter vergonha do passado.

Certa curiosidade ficou. Vai ver. Passou duas vezes pela casa do Luis. Não enxergou nada. Esqueceu a curiosidade. Pernada idiota! E tinha de

tratar do marinheiro pro Carnaval. Marinheiro, está escolhido. Assim mostra as cordas dos braços e a peitaria. A camisa será de seda branca... Duas ancoras bordadas de ouro na gola.

Procurando a página da gramatica portuguesa aceitou o convite dos olhos. Leu suas proprias letras manuscritas na margem:

Krone des Lebens,
Glück ohne Ruh
Liebe bist du!

Escrevera os versinhos de Goethe ali quatro, quatro ou cinco? dias depois da partida de. E aquilo já ficava tão pra trás! Carlos não lera Bataille está se vendo. O passado pra ele ficava atrás cada vez mais distante cada vez mais passado. Isso mesmo. Pegou na borracha, apagou aquilo. Impiedosamente. Não quer saber de saudades nem lembranças. Que sensações refinadas pode ter um rapaz de dezasseis anos? Nenhuma. Principalmente si ainda não leu Bataille? Nenhuma. Ninguém topará com uns versinhos alemães na página 84 de certa gramatica portuguesa.

Porê Carlos fez mal. Não pôe reparo em que

das muitas superioridades que o fazem masculino e respeitado pelos colegas se conta entre as superioridades boas essa uma de falar o alemão. Prefere a que o exalta pelo sôco de anteontem no Frederico. Quasi o botava nocaute. E o gôl de quarta-feira... Maravilhoso! Engraçado! até os dezoito anos mais ou menos a inveja faz amigos. Só depois afasta e inimiza. Carlos vive rodeado de amigos. Se dedicariam por êle. Amam-no. Se dedicariam pois por amor?

— E' taco no alemão...

Acolhe a afirmativa um silêncio respeitoso scismarento.

Porêm creio que em dois ou tres anos esquecerá o alemão. Que pena! Praticar não pratica porque não tem conhecidos alemães. Não lê porque não gosta de ler. Assim a gente esquece logo as sabedorias com que a providencia dos pais nos enriquece. Não tem mais remédio, oito contos perdidos!

Ora não faz mal! Oito contos já tem perdido Sousa Costa numa noite de pôquer. E pra clubes como pra fazendas de café ou criação não tem necessidade de citações em alemão. Esquece o teu alemão si queres ser feliz! Falar nisso... Aquele estudante de japonês já traduz revistas ilustradas. De primeiro andou desiludido cansado. Quasi desistiu. Porêm seguiu a lição dêste idilio. Teve paciencia. Tenteou. De repente criou fôrças. Foi cres-

cendo em progresso rapido. Agora deu pra ler um livro truculento com desenhos de Okussai. Anda cheio de japonesadas satisfeito de si confiante. Principalmente no bonde quando abre uns livros assombrados, só vendo o espanto dos vizinhos! Espanto respeitoso, a gente nota facilmente. E só passeia nos peixes-fritos da Garagem Mikado. Sorri pro motorista umas ordens cabalísticas e o japonês conduz o automovel direitinho adonde a gente quer. Maravilhoso! Aprende o teu japonês si queres ser feliz!

Carlos nunca aprenderia o japonês... Praquê, meu Deus! E tem razão. Os melhores haicais andam traduzidos em qualquer lingua. Budá e o zenismo não podem interessar um moço brasileiro batisado e catolico. Alem disso acho inteiramente desnecessario o estudo da poesia japonesa. Tem muito mais sabedoria nas nossas quadrinhas populares que nos tancas e haicais do Japão. Poderiamos lembrar ainda que Carlos tambem ignora as nossas toadas... Porém a culpa é do clima paulistano que faz em vez de tenores mocinhos desafiados. Si Carlos nascesse mineiro é provavel que entoasse a moda:

Vancê diz que sabe muito,
Barbuleta sabe mais:
Anda de perna pra riba
Coisa que vancê não faiz.

Diante dessa sabedoria popular êle nunca aprenderá o japonês. Será que lhe comunicaram a quadra? Tem tantas dessas dentro da gente!... Ninguém o saberá jamais.

E Carlos voltou da lição. O episodio de Adamastor... Botou o Said Ali e a antologia na escrivaninha. Olhos erradios vagabundos. Aaa... Se fixaram na página celeste da janela. Goethe seria mesmo maior que Camões... Qual! nunca escreveria os Lusíadas. Tetis nua na praia... Camões era maior. Ora! até Bilac.

Escutara versos da Via-Latea num recital de declamação. Era ùa moça gorda beiços gostosos cheia de gestos muito carioca. Linda! Recitara muito Bilac. Carlos gostou. Gostou imensamente.

De Bilac.

O curso se esparramava no auge. As quatro filas de automoveis se entrecruzavam de manso. Espirravam na tardinha as serpentinas. Luis já abandonara outra vez o lugar junto do motorista.

— Mais uma, Luis!

Passava a serpentina prá irmã.

— Porque você saiu de junto do chauffeur? Você tem alguma coisa?

— ... tenho nada, mamã! Você sempre pensa que estou doente!...

Estava bem. Bemzissimo. Fraulein entre os dois irmãos na capota descida da Marmon recebeu nos olhos a cara cheia de confissões medrosas do Luis. Abaixou recatada o olhar.

— Mais uma, Luis! Luis, mais uma! que lerdiza. Me dê um maço logo!

— Também não brinca, Fraulein?

— Não gosto muito dêsses brinquedos. Prefiro conversar.

Olhou-o sorrindo. Porêem como pintara no sorriso quasi a máscara do desejo tornou a baixar as palpebras serenas. Varreu com elas o impudor e ficou inocente. Luis se chegara um bocadinho mais ou teve a intenção de. Muito feliz por descobrir essa correspondencia. Também não gosta dêsses brinquedos asperos. Faz cansaço na gente. E tantas pessoas desconhecidas. E' tão melhor dentro de casa aonde a gente se conhece bem. Também preferia conversar. Com ela. Porêem como não tinha nada que falar desenrolava envergonhadamente uma serpentina.

Fraulein olhava-o, puxava-lhe da lingua fornecia assuntos confiança em si mesmo. Luis pro-

gredia. Porém lentamente quasi nada. E quando ela no pretexto amoroso agarrou a mão dele:

— Não estrague assim a serpentina, mau!

Luis já não retirou a mão. Só que ficou branco tremulo se afoitando ao gôsto do contacto. Se pusera a espiar muito atento a cadeia dos autos. Não via nada, plum! plum! coração pulando no peito. Fraulein retirou a mão. Trouxera consigo a fita desenrolada da serpentina. Luis docemente, que gostosura! puxava. Fraulein puxava. A serpentina se desenrolando. Tão divino o prazer que êle sentiu os olhos humidos. Fraulein pensava relando a vista pela multidão. Luis lhe desagradava. Não era o tipo dela. Nenhum dêsses brasileiros aliás. Queria alguém de puro de humilde paciente estudioso pesquisador. Chegaria da Biblioteca, da Universidade... Qualquer edificio grande de pensamento cheio de deuses disponiveis. Deporia os livros... cadernos de notas? sobre a toalha de riscado... Lhe dava o beijo na testa... Todo de preto, alfinete de ouro na gravata... Nariz longo muito fino... Bem raçado. Aliás todo êle duma brancura transparente... E a mancha irregular do sangue nas maçãs... Tossiria arranjando os olhos sem aro... Tossia sempre... Jantariam quasi sem falar nada... Serpentinhas paulistas a dois e quinhentos! Dois e quinhentos! A Pastoral. Iriam no dia seguinte ouvir a Pastoral... Ele se punha no estudo... Ela arranjava de novo a... alguém lhe

chamou os olhos conhecido, Carlos? Era Carlos com as irmãs na Fiat. Instintivamente ela atirou uma serpentina. A fita rebentou.

— Ah!

Deu um gritinho horrorizada. Acertara na testa dele. Podia te-lo ferido... Carlos olhou. Mandou-lhe um gesto rapido de cabeça, quasi saudação. E continuou brincando com a holandesa. Fraulein se doeu. Baque seco nas entranhas. O deus soltou um gemido que nem urro. Esses deuses do norte são muito cheios de exageros. Carlos não fez por mal! Foi mostrar que reconhecia e machucou. Fraulein virando o rosto pra trás seguiu-o com os olhos. Quasi amorosa. Estava muito direito assim! E se venceu, feliz. Ele amaria muito aquela moça. Estava bonita. Rica, se via. Carlos casaria bem. Na mesma classe. Os versos de Hermann e Dorotea lhe confirmaram o pensamento:

Mehr wohlangestattet möch ich im Hause die
Braut sehn;

Denn die Arme wird doch nur zuletzt vom

Manne verachtet,

Und er hält sie als Magd, die als Magd mit dem
Bündel hereinkam.

O verso seguinte veio sem ela querer: Ungerecht bleiben die Männer... Repeliu-o. O mundo é tal como é. A gente deve aceitar sem revolta. Carlos casará rico. Muito bem. E uma comoção materna se desencadeou no corpo dela. Nem via mais Car-

los. Os olhos dela foram batendo de auto em auto pela gente colorida. Carlos... José... Alfredo já casado... Antoninho também já casado... E, mein Gott, tantos!... Tomou-a maravilhosa alucinação. Estavam todos por ali amando. Felizes. Habilísimos. Familiares. Ela era mãe de amor! Estava até bonita. Mãe de amor! Mãe...

Luis muito sózinho nos seus dezassete anos medrosos, esguio pela desilusão, se queixou:

— E' Carlos...

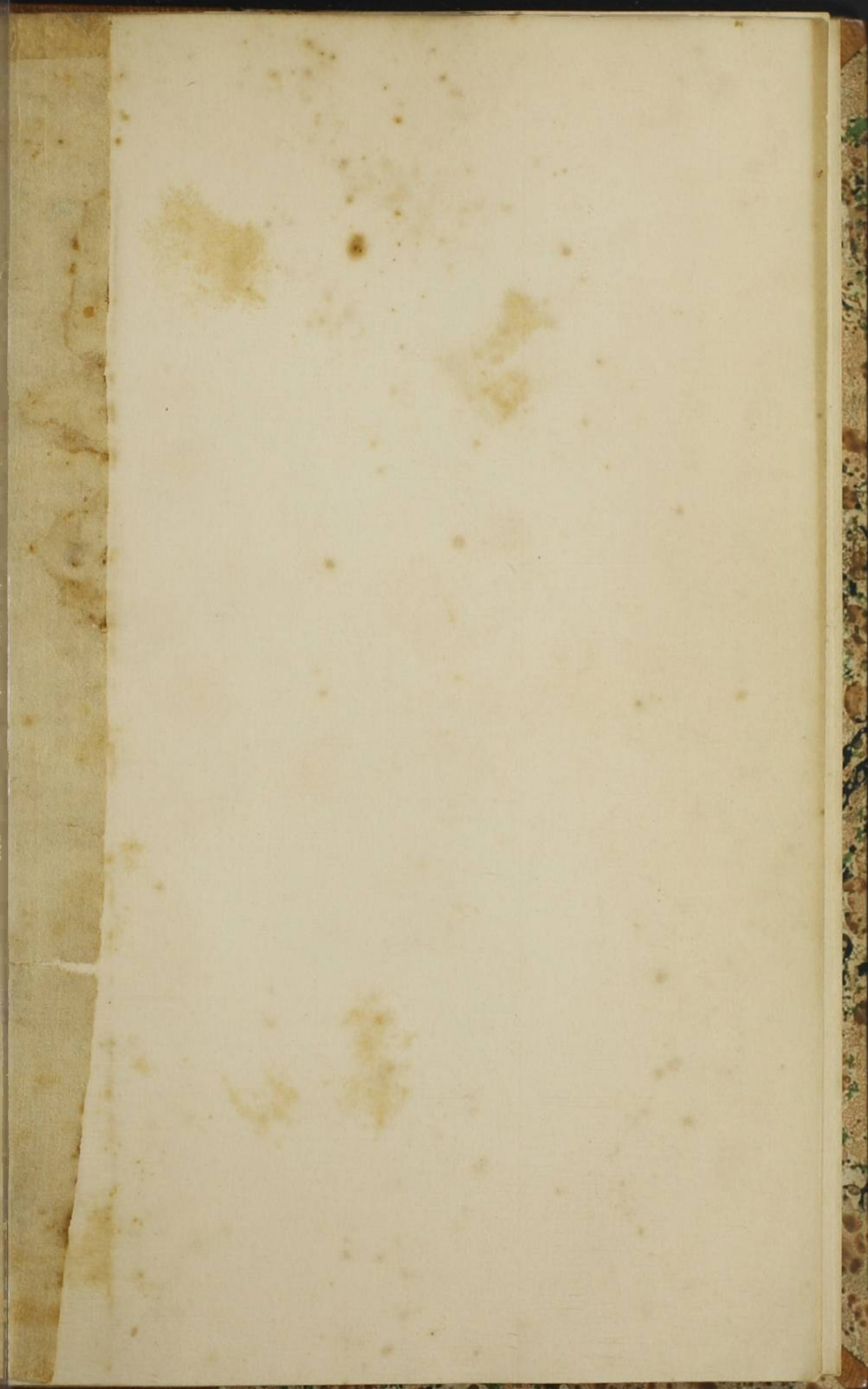
... De amor!... Ela abriu os olhos da vida pra aquele. Ininteligente. Sarambé. Batido, sem mesmo vivacidade interior. Decididamente Luis lhe desagradava. Nenhuma vontade de continuar. Porém como êle apenas esperasse um gesto dela pra recommençar o aprendizado Fraulein molemente buscou entre as mãos dele a fita da serpentina. O gesto preparado aproximara os corpos. Ondulação macia de auto é pretexto que amantes não devem perder. Descansando um pouco mais pesadamente o ombro no peito dele Fraulein se deixou amparar. Ensinava assim o mais doce mais suave dos gestos de proteção.

FIM

Typ. CUPOLO
S. PAULO
Lad. Sta. Ephigenia, 21

PREÇO 7\$00

Pelo Correio 7\$50



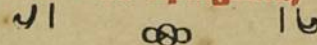
MARIO DE
ANDRADE



AMAR, VERBO INTRANZITIVO

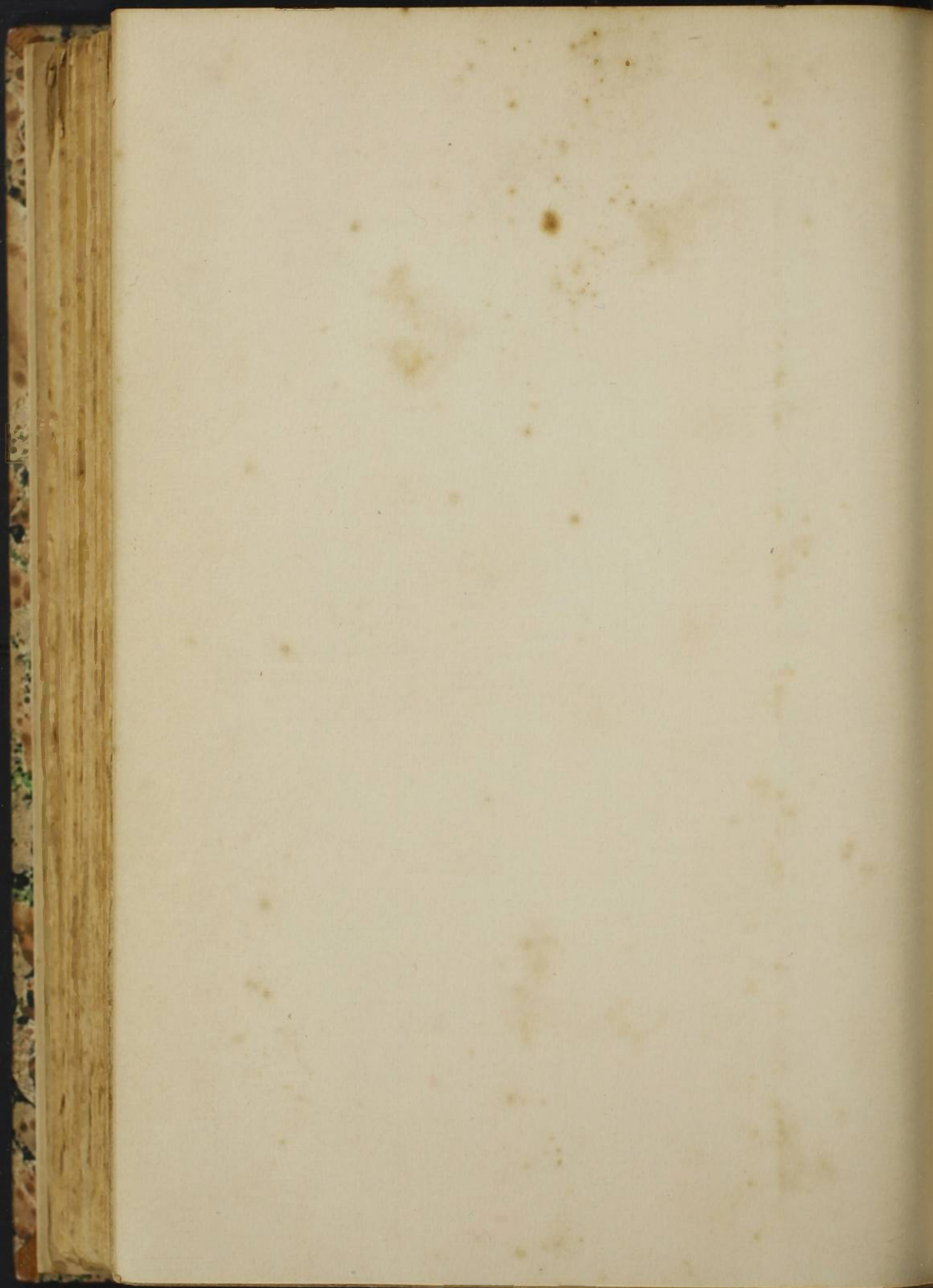
Typ. CUPOLO
S. PAULO

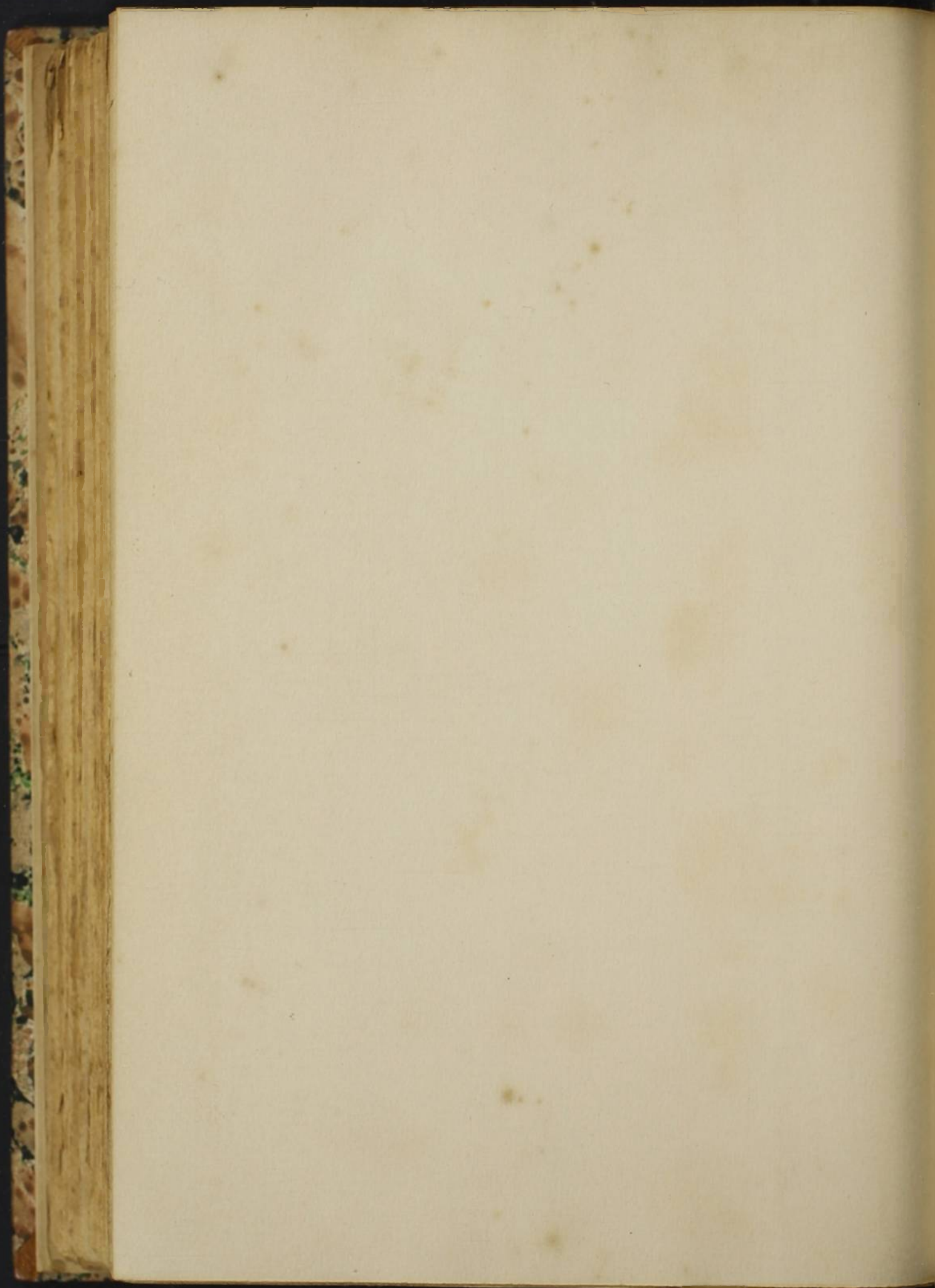
Lad. Sta. Ephigenia, 21



PREÇO

Pelo Co 1927





000431

